

SEP

SISTEMA DE ENSINO
PREPARAENEM

LINGUAGENS E CÓDIGOS



2



SISTEMA DE ENSINO
PREPARAENEM

LINGUAGENS E CÓDIGOS

Volume 2 - 1ª Edição

Goiânia
CLASSIS EDITORA
2015



SISTEMA DE ENSINO PREPARAENEM - LINGUAGENS E CÓDIGOS

Volume 2

©2015 CLASSIS EDITORA

AUTORES

Yani Rebouças
Mariana Pacheco

DIREÇÃO EDITORIAL

Alexandre Pullig Corrêa

COORDENAÇÃO DE ARTE

Gedson Clei Ribeiro Alves

CAPA

Gedson Clei Ribeiro Alves

IMAGEM DE CAPA

shutterstock.com

EDIÇÃO DE ARTE

Alex Alves da Silva
Gedson Clei Ribeiro Alves
Luiz Felipe Magalhães

REVISÃO

Alex Alves da Silva
Alexandre Pullig Corrêa
Cristiano Siqueira
Danielle Pullig Corrêa
Gedson Clei Ribeiro Alves
Yani Rebouças de Oliveira

PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Alexandre Pullig Corrêa
Cristiano Siqueira

PROJETO GRÁFICO

Gedson Clei Ribeiro Alves
Alexandre Pullig Corrêa

DIAGRAMAÇÃO

Gedson Clei Ribeiro Alves

Goiânia - 1ª edição - 2015

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

CLASSIS EDITORA

Av. Eng. Eurico Miranda, Qd. 04, Lt. 12/14 - Sala 209
Ed. Concept Office - Vila Maria José
CEP: 74815465 - Goiânia - Goiás - Brasil
Fone: +55 (62) 3877 3214
classiseditora@gmail.com

ISBN: 978-85-88249-20-2

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

POLIGRÁFICA

“Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos – como saberes, habilidades e informações – para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações. Pensar em termos de competência significa pensar a sinergia, a orquestração de recursos cognitivos e afetivos diversos para enfrentar um conjunto de situações que apresentam analogias de estrutura.”

Philippe Perrenoud

Caro estudante,

Os novos desafios e mudanças propostas para a melhoria da educação brasileira têm provocado significativas transformações, exigindo mudanças tanto por parte da escola como por parte dos estudantes do ensino médio.

Nossa tradição escolar ainda tem muito do enciclopedismo iluminista. Muitos educadores ainda acreditam que devem fazer com que os alunos absorvam todo o conhecimento que existe no mundo, o que é impossível.

O novo aprendizado deve promover, não apenas a mera reprodução de dados, mas sim ajudá-lo a responder às transformações da sociedade e da cultura em que está inserido, desenvolvendo a capacidade cognitiva de interpretar textos, solucionar problemas e relacionar diferentes áreas do conhecimento.

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), desde a sua criação em 1998, procura avaliar as competências e habilidades adquiridas pelos estudantes ao término do ensino médio. Em 2009 o ENEM foi reformulado e, a partir de então, ganhou maior importância no cenário nacional, tornando-se o principal instrumento de seleção para as universidades no país. Ademais, ainda é o primeiro passo na promoção de um novo currículo para o ensino médio do Brasil.

A adoção do ENEM por todas as instituições federais de ensino superior do país em 2013 e o número recorde de inscritos em 2014 (que superou os 9,5 milhões de candidatos), revela que, além de ser hoje a forma principal de conquistar a tão sonhada vaga no curso superior, o exame está cada vez mais concorrido.

Com o intuito de oferecer condições mais efetivas para o aprendizado e o desenvolvimento das competências e habilidades estabelecidas pelo exame, o Sistema de Ensino PreparaEnem (SEP), apresenta os conteúdos de forma a desvendar os mistérios do exame, e de outros vestibulares, para garantir a você uma preparação completa e eficaz.

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

EIXOS COGNITIVOS	08
LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	08
OBJETOS DE CONHECIMENTO ASSOCIADOS.....	11

FRENTE A

ARCADISMO OU NEOCLASSICISMO	13
ARCADISMO NO BRASIL	13
A LÍRICA ÁRCARDE.....	14
A ÉPICA ÁRCARDE	17
Exercícios Resolvidos.....	21
Exercícios de Fixação.....	22
Enem e Vestibulares.....	23
ROMANTISMO.....	28
A POESIA ROMÂNTICA BRASILEIRA.....	28
SEGUNDA GERAÇÃO ROMÂNTICA.....	34
TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA	36
Exercícios Resolvidos.....	39
Exercícios de Fixação.....	41
Enem e Vestibulares.....	42
AS VANGUARDAS EUROPEIAS	48
O EXPRESSIONISMO	49
O CUBISMO	50
O DADAÍSMO.....	50
O SURREALISMO.....	51
PRÉ-MODERNISMO.....	51
Exercícios Resolvidos.....	55
Exercícios de Fixação.....	57
Enem e Vestibulares.....	58

FRENTE B

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	63
FUNÇÕES DA LINGUAGEM	64
Exercícios Resolvidos.....	64
Exercícios de Fixação.....	65
Enem e Vestibulares.....	66

FRENTE C

O VERBO	72
CONJUGAÇÕES VERBAIS	72
Exercícios Resolvidos.....	74
Exercícios de Fixação.....	75
Enem e Vestibulares.....	77
CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL	82
Exercícios Resolvidos.....	82
Exercícios de Fixação.....	83
Enem e Vestibulares.....	85
PRONOMES	89
Exercícios Resolvidos.....	90
Exercícios de Fixação.....	92
Enem e Vestibulares.....	93
GABARITOS	101

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

EIXOS COGNITIVOS (comuns a todas as áreas de conhecimento)

I. Dominar linguagens (DL)	dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
II. Compreender fenômenos (CF)	construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
III. Enfrentar situações-problema (SP)	selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
IV. Construir argumentação (CA)	relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
V. Elaborar propostas (EP)	recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

Competência de área 1

Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

H1	Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
H2	Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais.
H3	Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
H4	Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

Competência de área 2

Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

H5	Associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema.
H6	Utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas.
H7	Relacionar um texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social.
H8	Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística.

Competência de área 3

Compreender e usar a linguagem corporal como relevante para a própria vida, integradora social e formadora da identidade.

H9	Reconhecer as manifestações corporais de movimento como originárias de necessidades cotidianas de um grupo social.
H10	Reconhecer a necessidade de transformação de hábitos corporais em função das necessidades cinestésicas.
H11	Reconhecer a linguagem corporal como meio de interação social, considerando os limites de desempenho e as alternativas de adaptação para diferentes indivíduos.

Competência de área 4

Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H12	Reconhecer diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.
H13	Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos.
H14	Reconhecer o valor da diversidade artística e das interrelações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.

Competência de área 5

Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15	Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
H16	Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
H17	Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

Competência de área 6

Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18	Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
H19	Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
H20	Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

Competência de área 7

Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

H21	Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
H22	Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
H23	Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
H24	Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.

Competência de área 8

Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H25	Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.
H26	Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.
H27	Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

Competência de área 9

Entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-os aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.

H28	Reconhecer a função e o impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação.
H29	Identificar, pela análise de suas linguagens, as tecnologias da comunicação e informação.
H30	Relacionar as tecnologias da comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.

OBJETOS DE CONHECIMENTO ASSOCIADOS À MATRIZ DE REFERÊNCIA

Estudo do texto	As sequências discursivas e os gêneros textuais no sistema de comunicação e informação – modos de organização da composição textual; atividades de produção escrita e de leitura de textos gerados nas diferentes esferas sociais – públicas e privadas.
Estudo das práticas corporais	a linguagem corporal como integradora social e formadora de identidade – performance corporal e identidades juvenis; possibilidades de vivência crítica e emancipada do lazer; mitos e verdades sobre os corpos masculino e feminino na sociedade atual; exercício físico e saúde; o corpo e a expressão artística e cultural; o corpo no mundo dos símbolos e como produção da cultura; práticas corporais e autonomia; condicionamentos e esforços físicos; o esporte; a dança; as lutas; os jogos; as brincadeiras.
Produção e recepção de textos artísticos	interpretação e representação do mundo para o fortalecimento dos processos de identidade e cidadania – Artes Visuais: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade. Teatro: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade, as fontes de criação. Música: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade, as fontes de criação. Dança: estrutura morfológica, sintática, o contexto da obra artística, o contexto da comunidade, as fontes de criação. Conteúdos estruturantes das linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), elaborados a partir de suas estruturas morfológicas e sintáticas; inclusão, diversidade e multiculturalidade: a valorização da pluralidade expressada nas produções estéticas e artísticas das minorias sociais e dos portadores de necessidades especiais educacionais.
Estudo do texto literário	relações entre produção literária e processo social, concepções artísticas, procedimentos de construção e recepção de textos – produção literária e processo social; processos de formação literária e de formação nacional; produção de textos literários, sua recepção e a constituição do patrimônio literário nacional; relações entre a dialética cosmopolitismo/localismo e a produção literária nacional; elementos de continuidade e ruptura entre os diversos momentos da literatura brasileira; associações entre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário em seus gêneros (épico/narrativo, lírico e dramático) e formas diversas; articulações entre os recursos expressivos e estruturais do texto literário e o processo social relacionado ao momento de sua produção; representação literária: natureza, função, organização e estrutura do texto literário; relações entre literatura, outras artes e outros saberes.

MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM

Estudo dos aspectos linguísticos em diferentes textos	recursos expressivos da língua, procedimentos de construção e recepção de textos – organização da macroestrutura semântica e a articulação entre ideias e proposições (relações lógico-semânticas).
Estudo do texto argumentativo, seus gêneros e recursos linguísticos	argumentação: tipo, gêneros e usos em língua portuguesa – formas de apresentação de diferentes pontos de vista; organização e progressão textual; papéis sociais e comunicativos dos interlocutores, relação entre usos e propósitos comunicativos, função sociocomunicativa do gênero, aspectos da dimensão espaço-temporal em que se produz o texto.
Estudo dos aspectos linguísticos da língua portuguesa	usos da língua: norma culta e variação linguística – uso dos recursos linguísticos em relação ao contexto em que o texto é constituído: elementos de referência pessoal, temporal, espacial, registro linguístico, grau de formalidade, seleção lexical, tempos e modos verbais; uso dos recursos linguísticos em processo de coesão textual: elementos de articulação das sequências dos textos ou a construção da microestrutura do texto.
Estudo dos gêneros digitais: tecnologia da comunicação e informação	impacto e função social – o texto literário típico da cultura de massa: o suporte textual em gêneros digitais; a caracterização dos interlocutores na comunicação tecnológica; os recursos linguísticos e os gêneros digitais; a função social das novas tecnologias.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em : 28 jul. 2014.

Nessa unidade daremos continuidade ao estudo das escolas literárias brasileiras. Começando pelo *Arcadismo ou Neoclassicismo*, estética do século XVIII, em seguida, o *Romantismo* (poesia), a primeira estética plenamente brasileira, contextualizada em meados do século XIX, depois, faremos uma breve excursão à Europa, para recordarmos as *Vanguardas Europeias*, e, de volta ao Brasil, estudaremos o momento de transição que antecede o *Modernismo* brasileiro. Continuaremos, portanto, a desenvolver as habilidades 15 e 16, da competência de número 5, da Matriz de Referências do ENEM, estabelecendo relações entre o texto literário e o momento de sua produção, e relacionando informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

ARCADISMO OU NEOCLASSICISMO

O século XVIII, denominado *século das luzes*, supera a angústia da contrarreforma e inaugura uma imersão no racionalismo clássico. Surgem na Europa agremiações de intelectuais e artistas, chamadas arcádias, com o intuito de orientar uma produção poética neoclássica e superar de vez os excessos do Barroco. Os *enciclopedistas* propõem a reunião de todo conhecimento humano em uma ousada e monumental publicação: *a enciclopédia*. Os *iluministas* procuram mobilizar o poder da razão para reformar a sociedade e a herança medieval. Enfim, houve neste século uma valorização do antropocentrismo, a crença de que os seres humanos poderiam, mediante o domínio da natureza, da reflexão e da filosofia, tornar este mundo um lugar melhor para todos. No Brasil, o século XVIII marca uma crescente turbulência em virtude do crescimento de focos de poder que se viam fora do aparelho do Estado (Metrópole) e disputavam a autoridade e o controle portugueses.

Este momento histórico será o pano de fundo do *Arcadismo (Setecentismo ou Neoclassicismo)*, período literário que caracteriza principalmente a segunda metade do século XVIII.

Segundo Alfredo Bosi, é preciso distinguir dois momentos na literatura dos *Setecentos*:

- a) *o momento poético que nasce de um encontro, embora ainda amaneirado, com a natureza e os afetos comuns do homem, refletidos através da tradição clássica e de formas bem definidas, julgadas dignas de imitação (Arcádia);*
- b) *o momento ideológico, que se impõe no meio do século, e traduz a crítica da burguesia culta aos abusos da nobreza e do clero (Ilustração).*

(BOSI, 1994, p. 55)

ARCADISMO NO BRASIL

Em 1768, dois acontecimentos marcantes registram o início do Arcadismo no Brasil: a publicação de *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, e a fundação da *Arcádia Ultramarina*, em Vila Rica.

O Arcadismo brasileiro foi influenciado pelo pensamento liberal europeu e marcado pela exploração do ouro que deslocou a vida econômica e política da colônia para Minas Gerais. Desta forma, a estética árcade brasileira somou poesia e movimento conspiratório (Inconfidência Mineira); fingimento poético e realidade; pobres pastores convencionais e ilustrados burgueses, ou seja Arcadismo e Inconfidência Mineira.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA ESTÉTICA ÁRCADE:

- **Simplicidade**
- **Retomada dos modelos clássicos greco-latinos**
- **Valorização da natureza**
- **Fingimento poético**
- **Valorização da forma poética:** sonetos, versos decassílabos, poesia épica.

LEMAS ÁRCADES (CLICHÊS LATINOS)

- **Fugere urbem** (fugir da cidade)
- **Locus amoenus** (lugar ameno)
- **Carpe diem** (aproveitar o dia)
- **Aurea mediocritas** (o ouro é medíocre)
- **Inutiliza truncat** (cortar inutilidades)

A LÍRICA ÁRCADE

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Cláudio Manuel da Costa (Minas Gerais, 1729 —1789) — jurista e poeta do Brasil Colônia. Destacou-se pela sua obra poética e pelo seu envolvimento na Inconfidência Mineira. Transitou entre o Barroco — marca dos seus escritos de juventude, enquanto era estudante de Cânones na Universidade de Coimbra (1749) — e o Arcadismo — a partir do seu contato com o Iluminismo, que concebia práticas mais racionais nas belas-letas.

Para o crítico literário Alfredo Bosi, Cláudio Manuel da Costa é nosso primeiro e mais acabado poeta neoclássico, em virtude de sua sobriedade e forte cultura humanística. Este poeta era considerado pelos demais árcades brasileiros um mentor na arte de escrever. Vejamos alguns de seus mais belos sonetos:



SONETOS

I

Para cantar de amor tenros cuidados,
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento;
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;
Se é, que de compaixão sois animados:

Já vós vistes, que aos ecos magoados
Do trácio Orfeu parava o mesmo vento;
Da lira de Anfião ao doce acento
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros gênios o Destino,
Para cingir de Apolo a verde rama,
Lhes influiu na lira estro divino:

O canto, pois, que a minha voz derrama,
Porque ao menos o entoa um peregrino,
Se faz digno entre vós também de fama.

II

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

III

Pastores, que levais ao monte o gado,
Vêde lá como andais por essa serra;
Que para dar contágio a toda a terra,
Basta ver se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vêdes) tão pesado;
E a pastora infiel, que me faz guerra,
É a mesma, que em seu semblante encerra
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,
Vereis a formosura, que eu adoro;
Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;
Que se seguir quiserdes, o que eu sigo,
Chorareis, ó pastores, o que eu choro.

IV

Sou pastor; não te nego; os meus montados
São esses, que aí vês; vivo contente
Ao trazer entre a relva florescente
A doce companhia dos meus gados;

Ali me ouvem os troncos namorados,
Em que se transformou a antiga gente;
Qualquer deles o seu estrago sente;
Como eu sinto também os meus cuidados.

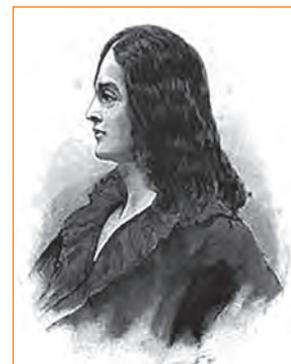
Vós, ó troncos, (lhes digo) que algum dia
Firmes vos contemplastes, e seguros
Nos braços de uma bela companhia;

Consolai-vos comigo, ó troncos duros;
Que eu alegre algum tempo assim me via;
E hoje os tratos de Amor choro perjuros.

TOMÁS ANTONIO GONZADA

Tomás António Gonzaga (Porto, 1744 — Ilha de Moçambique, 1810), jurista, poeta e inconformado. Usava o pseudônimo pastoril de Dirceu. Considerado o mais proeminente dos poetas árcades, sua obra principal é "Marília de Dirceu".

Poeta e magistrado, Gonzaga envolveu-se na vida política de Vila Rica e registrou suas desavenças com as autoridades locais nas *Cartas Chilenas* que correram anônimas, mas também registrou seu idílio amoroso com a adolescente Maria Joaquina Doroteia de Seixas nas líras de *Marília de Dirceu*. Nomeado desembargador da Relação da Bahia, esperava casar para partir, quando é delatado e preso como conjurado e conduzido à Ilha das Cobras. Julgado depois de três anos é degredado para Moçambique, onde casa-se com Juliana Mascarenhas, filha de um rico mercador de escravos.



FRAGMENTO DE SUA PRINCIPAL OBRA:

MARÍLIA DE DIRCEU

Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d' expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dê um riso.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Ali descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço:
Enquanto a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Depois de nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
“Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes.”

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

A ÉPICA ÁRCADE

SANTA RITA DURÃO

Frei José de Santa Rita Durão (Minas Gerais, 1722 — Lisboa, 1784) foi um religioso agostiniano brasileiro do período colonial, orador e poeta. É também considerado um dos precursores do indianismo no Brasil. Seu poema épico *Caramuru* é a primeira obra narrativa escrita a ter, como tema, o habitante nativo do Brasil; foi escrita ao estilo de Luís de Camões, imitando um poeta clássico assim como faziam os outros neoclássicos (árcaques).

(Fonte: wikipedia.org)

Épica de influência camonianiana, *Caramuru* narra a história de Diogo Álvares Correia, o “Caramuru” (filho do trovão), um náufrago português que viveu entre os Tupinambás e foi o responsável pela primeira ação colonizadora na Bahia. No poema são narradas as façanhas de Diogo Álvares entre os índios e seus amores com Paraguaçu (com quem se casa e viaja para a Europa) e com Moema (que morre ao tentar acompanhar o navio em que viajava Diogo). O poema possui 6.672 versos distribuídos em dez cantos e cinco partes, conforme a divisão clássica: Proposição, Invocação, Dedicatória, Narração e Epílogo.

VEJAMOS UM FRAGMENTO DESTA EPOPEIA:

O Afogamento de Moema

(do sexto canto do Caramuru)

XXXVI

É fama então que a multidão formosa
as damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam,
Entre as ondas com ânsia furiosa,
Nadando o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água que flutua vaga
ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminil que nada.
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

“Bárbaro (a bela diz), tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que breme,
Acha forças amor que enfim o domem;
Só a ti não domou, Por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mas pagar tanto amor com tédio e asco...
Ah! que corisco és tu... raio... penhasco!

XXXIX

Bem puderes, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano;
Porém, deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora!
Por serva, por escrava, te seguira,
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguassu, que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior é néscia e feia.

XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,
 Flutuar moribunda entre estas ondas;
 Nem o passado amor teu peito incita
 A um ai somente com que aos meus respondas!
 Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
 (Disse, vendo-o fugir), ah! não te escondas
 Dispara sobre mim teu cruel raio...
 E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

XLIII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
 Pálida a cor, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as salsas escumas desce ao fundo.
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a aparecer desde o profundo:
 “Ah! Diogo cruel!” disse com mágoa,
 E, sem mais vista ser, sorveu-se n’água.

BASÍLIO DA GAMA

Basílio da Gama (Minas Gerais, 1740 – Lisboa, 1795) – estudou em Colégio Jesuíta, mas acabou por converter-se ao pombalismo. Seu pseudônimo árcade era Termindo Sipílio. Escreveu poemas líricos, mas sua obra mais relevante é o poema épico *O Uruguai*.

O projeto épico de Basílio da Gama diferenciou-se do projeto lusitano e do grande modelo camoniano ao abandonar a oitava rima. *O Uruguai* (1782) tomou vida própria, dada a qualidade das imagens e do dinamismo verbal deste poeta, presente no verso branco e no balanço dos versos decassílabos, que segundo Bosi, conferem ligeireza a sua lírica-narrativa. Ademais, seus heróis não são os navegantes e os colonizadores, – ainda que Andrade tenha perfil de herói pombalino, unido a Cataneo, chefe espanhol, – são os colonizados, os indígenas, que se destacam pela bravura e coragem. *O Uruguai* narra o conflito entre os padres jesuítas espanhóis e as tropas portuguesas pela região de *Sete Povos das Missões*, – que passava a ser de Portugal em função do Tratado de Madri (1750) – no Rio Uruguai.

FRAGMENTOS:**CANTO PRIMEIRO**

Fumam ainda nas desertas praias
 Lagos de sangue tépidos e impuros
 Em que ondeiam cadáveres despidos,
 Pasto de corvos. Dura inda nos vales
 O rouco som da irada artilheria.
 MUSA, honremos o Herói que o povo rude
 Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
 Dos decretos reais lavou a afronta.
 Ai tanto custas, ambição de império!
 E Vós, por quem o Maranhão pendura
 [...]



CANTO QUARTO

[...]

Um frio susto corre pelas veias
De Caitutu, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredado
Busca co'a vista, e teme de encontrá-la.
Entram enfim na mais remota e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmims e rosas.
Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim, sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutu, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes
Soltar o tiro, e vacilou três vezes
Entre a ira e o temor. Enfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta,
Que toca o peito de Lindóia, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindóia
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece, com que dor! no frio rosto
Os sinais do veneno, e vê ferido
Pelo dente sutil o brando peito.

Os olhos, em que Amor reinava, um dia,
 Cheios de morte; e muda aquela língua
 Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes
 Contou a larga história de seus males.
 Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
 E rompe em profundíssimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já trêmula gravado
 O alheio crime e a voluntária morte.
 E por todas as partes repetido
 O suspirado nome de Cacambo.
 Inda conserva o pálido semblante
 Um não sei quê de magoado e triste,
 Que os corações mais duros entenece
 Tanto era bela no seu rosto a morte!

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01| UNIFESP

Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder às questões.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
 Quem fez tão diferente aquele prado?
 Tudo outra natureza tem tomado;
 E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
 De estar a ela um dia reclinado;
 Ali em vale um monte está mudado:
 Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
 Que faziam perpétua a primavera:
 Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
 Mas que venho a estranhar, se estão presentes
 Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

No soneto, o eu lírico expressa-se de forma

- A** eufórica, reconhecendo a necessidade de mudança.
- B** contida, descortinando as impressões auspiciosas do cenário.
- C** introspectiva, valendo-se da idealização da natureza.
- D** racional, mostrando-se indiferente às mudanças.
- E** reflexiva, explorando ambiguidades existenciais.

Resolução:

A alternativa correta é a letra **E**. O poema revela uma atitude reflexiva do eu lírico em um questionamento existencial. O poeta Cláudio Manuel da Costa desenvolveu temáticas existencialistas e fez uso de antíteses e paradoxos comuns ao Barroco.

02| UNIFESP São recursos expressivos e tema presentes no soneto, respectivamente,

- A** metáforas e a ideia da imutabilidade das pessoas e dos lugares.
- B** sinestésias e a superação pelo eu lírico de seus maiores problemas.
- C** paradoxos e a certeza de um presente melhor para o eu lírico que o passado.
- D** hipérbolos e a força interior que faz o eu lírico superar seus males.
- E** antíteses e o abalo emocional vivido pelo eu lírico.

Resolução:

A alternativa correta é a letra **E**. As duas realidades vivenciadas pelo eu lírico apresentam sentido antagônico. Uma representada pela realidade e outra pelas lembranças do passado, manifestas de forma antitética. Além disso a sensação de nostalgia diante da consciência da efemeridade da vida revela o abalo emocional do eu lírico.

03| UNIFESP Nesse soneto, são comuns as inversões, como se vê no verso – *Quanto pode dos anos o progresso!* – que, em ordem direta, assume a seguinte redação:

- A** Quanto dos anos o progresso pode!
- B** O progresso quanto pode dos anos!
- C** Pode quanto dos anos o progresso!
- D** Quanto o progresso dos anos pode!
- E** Pode quanto o progresso dos anos!

Resolução:

A alternativa correta é a letra **D**. Na ordem direta, a oração deve apresentar a sequência: sujeito, verbo e seus complementos, como na frase da alternativa [D], na qual o sujeito “o progresso dos anos” precede o verbo “pode”.

04| UNIFESP No contexto em que estão empregados, os termos *sítio* (1.º verso), *tímido* (4.º verso) e *perpétua* (10.º verso) significam, respectivamente,

- A** acampamento, imaturo e permanente.
- B** campo, fraco e imprescindível.
- C** fazenda, obscuro e frequente.
- D** lugar, receoso e eterna.
- E** imediação, inseguro e duradoura.

Resolução:

A alternativa correta é a letra **D**, pois, no contexto em que são usados, os termos “sítio”, “tímido” e “perpétua” apresentam valor semântico de lugar, receoso e eterna, respectivamente.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Considere o texto abaixo:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite
E mais finas lãs, de que me visto.

Encheu, minha Marília, o grande Jove,
De imensos animais de toda espécie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defesa,
A todos deu as armas que convinha,
A sábia Natureza.

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deu-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros;
Que tecem fortes laços
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vãos, mais os passos.

(Tomás Antonio Gonzaga. *Marília de Dirceu*)

01| Inspirados na frase de Horácio *Fugere urbem* (“fugir da cidade”), os árcades voltaram-se para a natureza em busca de uma vida simples, bucólica, pastoril. O campo, que representa a natureza selvagem controlada e posta a serviço do homem, seria o espaço de eleição, o locus amoenus ou “refúgio ameno” em oposição aos centros urbanos. Destaque os versos em que se percebem essas características e transcreva-os abaixo, comentando estas e as outras características árcades presentes no texto.

02| Transcreva o verso que deixa evidente a influência da antiguidade clássica no texto.

03| Leia agora o seguinte fragmento:

*Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.*

O poema épico *O Uruguai* embora neoclássico, antecipa características românticas. Observe no trecho acima como a natureza é apresentada e destaque o verso que comprova esta afirmação.

T ENEM E VESTIBULARES

01| UFSM O poeta árcade Cláudio Manuel da Costa valeu-se, em alguns momentos, da natureza brasileira para compor sua poesia, fugindo, assim, pelo menos em parte, do convencionalismo neoclássico. A partir dessa ideia, leia o poema a seguir.

LVIII

¹Altas serras, ³que ao Céu estais servindo
De muralhas, que o tempo não profana,
Se Gigantes não sois, que a forma humana
Em duras penhas foram confundindo;

Já sobre o vosso cume se está rindo
O ⁴Monarca da luz, que esta alma engana;
Pois na face, que ostenta, soberana,
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante
Ele se me afigura! Ah qual efeito
Em minha alma se sente neste instante!

Mas ai! a que delírios me sujeito!
Se quando no Sol vejo o seu semblante,
Em vós descubro ²ó penhas o seu peito?

Acerca do poema, assinale a alternativa INCORRETA.

- A** O poema é um soneto composto de versos decassílabos heroicos, com rima intercalada nos quartetos e cruzada nos tercetos.
- B** O eu lírico tem como interlocutor de seu poema as “Altas serras” (ref. 1), às quais se dirige diretamente também ao final, em “ó penhas” (ref. 2), caracterizando assim o uso de apóstrofes.
- C** O eu lírico emprega algumas inversões sintáticas no poema, como em “[...] que ao Céu estais servindo! De muralhas” (ref. 3), a que se chama de hipérbatos e que remetem mais ao estilo barroco que ao árcade.
- D** O eu lírico compara o Sol, a que chama de “Monarca da luz” (ref. 4), ao rosto de sua amada, o que caracteriza uma personificação.
- E** Ao olhar o Sol sobre as serras, o eu lírico enxerga uma imagem de sua amada, cujo peito seria composto então pelas penhas, visão essa que enche sua alma de alegria.

02| UFSM Em *Caramuru*, poema épico de Santa Rita Durão, o herói, Diogo Álvares Correia, em determinado momento narrado no Canto VII, chega com Paraguaçu, sua

amada, à França, onde, instado pelo rei, relata as belezas da terra brasileira. Entre as flores, uma é destacada:

XXXIX

É na forma redonda, qual diadema
De pontas, como espinhos, rodeada,
A coluna no meio, e um claro emblema
Das chagas santas e da cruz sagrada:
Veem-se os três cravos e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A cor é branca, mas de um roxo exangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

XL

Prodígio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mistério se retrata!
Onde em meio das trevas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana espécie, Deus piedoso trata,
E faz que quando a graça em si despreza,
Lhe pregue co’esta flor a natureza.

A partir desse fragmento, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa a seguir.

- () As duas estrofes podem ser classificadas como oitavas compostas apenas de versos decassílabos.
- () A estrofe XXXIX é basicamente descritiva, em que detalhes da anatomia da flor são aproximados da tradicional imagem de Jesus Cristo na cruz.
- () A estrofe XL apresenta uma interpretação da personagem, que considera a presença da flor uma manifestação misteriosa da graça de Deus entre os índios, os quais, por meio da visão da planta, convertem-se.
- () Na análise conjunta das duas estrofes, percebe-se a presença de duas características marcantes da primeira literatura feita no Brasil: a descrição da natureza local e a preocupação com a conversão do nativo à fé do colonizador.

A sequência correta é

- A** V – V – F – V.
- B** F – V – F – V.
- C** V – F – V – F.
- D** F – V – V – V.
- E** V – F – F – F.

03| ESPCEX Leia os versos abaixo:

*“Se não tivermos lãs e peles finas,
podem mui bem cobrir as carnes nossas
as peles dos cordeiros mal curtidas,
e os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
por mãos de amor, por minhas mãos cosido.”*

A característica presente na poesia árcade, presente no fragmento acima, é

- A** aurea mediocritas.
- B** cultismo.
- C** ideias iluministas.
- D** conflito espiritual.
- E** *carpe diem*.

04| UFSM Em *O Uruguai*, Basílio da Gama situa a ação em um cenário até então pouco retratado na literatura brasileira: o sul do Brasil. Ali, portugueses, espanhóis e guaranis serão personagens de uma batalha de final trágico para os últimos. Assim, sobre as personagens de *O Uruguai*, é correto afirmar que

- A** o Padre Balda é retratado como um vilão, como se pode perceber na sua maquinação para a morte de Sepé, cujo objetivo era alçar Baldetta ao posto de líder indígena.
- B** o Irmão Patusca é representado satiricamente na obra como guloso e covarde, o que aparece claramente ao final da história, quando é surpreendido pelos soldados enquanto fugia da aldeia destruída.
- C** Tanajura é uma velha feiticeira que revela o futuro para Lindoia, momento em que a jovem indígena descobre que morreria em breve.
- D** o General Gomes Freire de Andrade é o herói do poema, impondo a vontade do Rei de Portugal a todo custo, sem procurar uma saída que evitasse a chacina dos indígenas.
- E** Cacambo tem um sonho em que o espírito de Sepé ordena-lhe que incendeie a aldeia para que se afaste o inimigo, dando tempo para a fuga dos indígenas.

05| CFTMG Considere o seguinte poema de Cláudio Manuel da Costa:

VII

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras poéticas de Glauceste Satúrnio. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 06 out. 2013.

O sujeito poético pode ser caracterizado, nesse poema, como um

- A** herói trágico, por submeter seu destino às forças naturais.
- B** personagem satírico, por descaracterizar o ambiente em torno de si.
- C** pastor bucólico, por refletir a harmonia da natureza em seus sentimentos.
- D** indivíduo autocrítico, por conceber a paisagem como reflexo de sua crise pessoal.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 06 E 07

XIV

Quem deixa o trato pastoril amado
Pela ingrata, civil correspondência,
Ou desconhece o rosto da violência,
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos trasladado
No gênio do pastor, o da inocência!
E que mal é no trato, e na aparência
Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira amor sinceridade;
Aqui sempre a traição seu rosto encobre;
Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna, que soçobre;
Aqui quanto se observa, é variedade:
Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras poéticas de Glauceste Satúrnio. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 06 out. 2013.

06| CFTMG O poema aborda a oposição entre

- A guerra *versus* paz.
- B ricos *versus* pobres.
- C cortesãos *versus* pastores.
- D perversidade *versus* inocência.

07| CFTMG No poema, **NÃO** há a retomada do tema clássico do(a)

- A *carpe diem*.
- B *fugere urbem*.
- C *locus amoenus*.
- D *aurea mediocritas*.

08| CFTMG Sobre a poesia épica do Arcadismo, afirma-se:

- I. A natureza apresenta-se como “pano de fundo” para as ações narradas.
- II. O índio é idealizado como herói nacional por libertar o povo brasileiro do domínio português.
- III. Seus principais representantes são Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Está correto o que se afirma em

- A I e II.
- B I e III.
- C II e III.
- D I, II e III.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 09, 10 E 11

Lira XV

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te aos menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Céu, que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha Bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Céu a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Senão tivermos lãs, e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas,
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mão cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta
Com canas, e com cestos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto

Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C’os filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira.
Pasmados te ouvirão; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
 Nos mostrarão c'ó dedo os mais Pastores;
 Dizendo uns para os outros: “Olha os nosso
 “Exemplos da desgraça, e são amores”.
 Contentes viveremos desta sorte,
 Até que chegue a um dos dois a morte.

GONZAGA, Tomaz Antonio. Marília de Dirceu. Disponível em <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em: 25.out.2012.

09| CFTMG NÃO é correto afirmar que o pastor

- A é o eu lírico do poema.
- B projeta pela imaginação seu futuro.
- C revela à Marília a causa de sua desgraça.
- D apresenta uma visão nostálgica do passado.

10| CFTMG O poema apresenta a temática árcade conhecida como

- A *fugere urbem* (fuga da cidade).
- B *inutilia truncat* (corte das coisas inúteis).
- C *carpe diem* (desejo de aproveitar o dia, a vida).
- D *aurea mediocritas* (vida simples materialmente, mas feliz).

11| CFTMG A Lira XV apresenta

- A influência barroca.
- B convenção pastoral.
- C linguagem rebuscada.
- D versos brancos e livres.

12| UEPA

*Torno a ver-vos, ó montes; o destino
 Aqui me torna a pôr nestes oiteiros;
 Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
 Pelo traje da Corte rico e fino.*

*Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
 Os meus fiéis, meus doces companheiros,
 Vendo correr os míseros vaqueiros
 Atrás de seu cansado desatino.*

*Se o bem desta choupana pode tanto,
 Que chega a ter mais preço, e mais valia,
 Que da cidade o lisonjeiro encanto;*

*Aqui descanse a louca fantasia;
 E o que 'té agora se tornava em pranto,
 Se converta em afetos de alegria.*

O campo como *locus amoenus*, livre de mazelas sociais e morais, foi o grande tema literário à época neoclássica, quando a literatura também expressou uma resistência à Cidade, considerada então violento símbolo do poder monárquico e da corrupção moral. Interprete as opções abaixo e assinale aquela em que se sintetiza o modo de resistência expresso nos versos de Cláudio Manuel da Costa acima transcritos.

- A apego à metrificação tradicional
- B bucolismo e paralelismo
- C *aurea mediocritas*
- D *inutilia truncat*
- E *fugere urbem*

TEXTO PARA AS QUESTÕES 13 E 14

“Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
 Que viva de guardar alheio gado;
 De tosco trato, de expressões grosseiro,
 Dos frios gelo e dos sóis queimado.
 Tenho próprio casal e nele assisto;
 Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
 Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
 E mais as finas lãs de que me visto.
 Graças, Marília bela,
 Graças à minha estrela!

(fredb.sites.uol.com.br/lusdecam.htm, adaptado)

13| IFSP Pode-se afirmar que se destaca no poema

- A o racionalismo, característica do Barroco.
- B o conceptismo, característica do Arcadismo.
- C o cultismo, característica do Barroco.
- D o teocentrismo, característica do Barroco.
- E o pastoralismo, característica do Arcadismo.

14| IFSP A análise do trecho permite afirmar que o eu lírico

- A valoriza os trajes ricos da cidade.
- B despreza a vida humilde.
- C manifesta preocupação religiosa.
- D valoriza os benefícios de sua vida no campo.
- E apresenta a vida na cidade como mais desejável do que a vida no campo.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 15, 16, 17, 18 E 19

Leia o poema de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810).

18

*Não vês aquele velho respeitável,
que à muleta encostado,
apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,
o tempo arrebatado,
que o mesmo bronze gasta!*

*Enrugaram-se as faces e perderam
seus olhos a viveza:*

*voltou-se o seu cabelo em branca neve;
já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
nem tem uma beleza
das belezas que teve.*

*Assim também serei, minha Marília,
daqui a poucos anos,
que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cairão e os meus cabelos.
Ah! sentirei os danos,
que evita só quem morre.*

*Mas sempre passarei uma velhice
muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada,
descansarei o já vergado corpo
na tua mão piedosa,
na tua mão nevada.*

*As frias tardes, em que negra nuvem
os chuveiros não lance,
irei contigo ao prado florescente:
aqui me buscarás um sítio ameno,
onde os membros descanse,
e ao brando sol me aquente.*

*Apenas me sentar, então, movendo
os olhos por aquela
vistosa parte, que ficar fronteira,
apontando direi: — Ali falamos,
ali, ó minha bela,
te vi a vez primeira.*

*Verterão os meus olhos duas fontes,
nascidas de alegria;*

*farão teus olhos ternos outro tanto;
então darei, Marília, frios beijos
na mão formosa e pia,
que me limpar o pranto.*

*Assim irá, Marília, docemente
meu corpo suportando
do tempo desumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
quem, sentida, chorando
meus baços olhos cerra.*

(Tomás Antônio Gonzaga. Marília de Dirceu e mais poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1982.)

15| UNESP Observe os seguintes vocábulos extraídos da sétima estrofe do poema:

I. *ternos*.

II. *frios*.

III. *pia*.

IV. *pranto*.

As palavras que aparecem na estrofe como adjetivos estão contidas apenas em:

A I e II.

B I e III.

C I, II e III.

D I, II e IV.

E II, III e IV.

16| UNESP Assinale a alternativa que indica a ordem em que os versos de dez e de seis sílabas se sucedem nas oito estrofes do poema.

A 6, 10, 6, 6, 10, 10.

B 10, 6, 10, 10, 6, 6.

C 10, 10, 6, 10, 6, 6.

D 10, 6, 10, 6, 10, 6.

E 6, 10, 6, 10, 6, 6.

17| UNESP No conteúdo da quinta estrofe do poema encontramos uma das características mais marcantes do Arcadismo:

A paisagem bucólica.

B pessimismo irônico.

C conflito dos elementos naturais.

D filosofia moral.

E desencanto com o amor.

18| UNESP A leitura atenta deste poema do livro *Marília de Dirceu* revela que o eu lírico

- A** sente total desânimo perante a existência e os sentimentos.
- B** aceita com resignação a velhice e a morte amenizadas pelo amor.
- C** está em crise existencial e não acredita na durabilidade do amor.
- D** protesta ao Criador pela precariedade da existência humana.

E não aceita de nenhum modo o envelhecimento e prefere morrer ainda jovem.

19| UNESP Marque a alternativa em que o verso apresenta acento tônico na segunda e na sexta sílabas:

- A** *o tempo arrebatado.*
- B** *das belezas que teve.*
- C** *daqui a poucos anos.*
- D** *e ao brando sol me aquente.*
- E** *na mão formosa e pia.*

ROMANTISMO

“Burguesia e Romantismo, pois, são como sinônimos, o segundo é a expressão literária da plena dominação da primeira”.

Nelson Werneck Sodré

O século XIX apresenta e amadurece significativas transformações. Na segunda metade do século XVIII, o processo de industrialização e a Revolução Francesa modificaram as antigas relações econômicas e reorganizaram a vida política e social. A burguesia, nova classe dominante, não se identificava com os ideais de arte clássica que marcaram os séculos anteriores, surge, então, um novo conceito de arte caracterizado pelo individualismo, pelo apelo à imaginação, pelo nacionalismo e pela liberdade formal e temática.

O ROMANTISMO BRASILEIRO

Diversos historiados e críticos literários consideram o Romantismo o verdadeiro marco inicial da Literatura brasileira, não só pelo caráter genuinamente nacional do movimento, mas também por ser o momento em que forma-se o tripé: AUTOR – LEITOR – OBRA, ou seja, um autor brasileiro publicando uma obra no Brasil para um público leitor brasileiro. Nesse sentido, foi fundamental a vinda da família real portuguesa em 1808, pois o Brasil, sob o governo de D. João VI, sofreu transformações políticas, sociais e culturais que culminaram com a independência política em 1822.

Embora o Brasil não possuísse a mesma formação social dos países industrializados da Europa, representada pelo binômio burguesia/proletariado, o “ser burguês” do brasileiro representava um estado de espírito, uma norma de comportamento incorporada por nossa aristocracia rural.

CARACTERÍSTICAS

Romantismo é um estilo de época delimitado no tempo, ou seja, um período que se inicia (na Europa) nos últimos anos do século XVIII e se estende até meados do século XIX. Considerando esse significativo espaço de tempo é possível depreender que o movimento romântico teve diferentes fases com traços distintos e peculiares. No Brasil, o Romantismo teve expressões na poesia, na prosa e no teatro. Iniciaremos nossos estudos dessas manifestações artísticas pela **POESIA**.

A POESIA ROMÂNTICA BRASILEIRA

1ª GERAÇÃO ROMÂNTICA – NACIONALISTA OU INDIANISTA

A primeira geração da poesia brasileira caracteriza-se por idealizar a pátria, exaltar a natureza, voltar ao passado histórico, pelo medievalismo, pela criação do herói nacional na figura do índio, pelo sentimentalismo e religiosidade. Os principais autores são: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Araújo Porto Alegre.

Gonçalves de Magalhães é o precursor do movimento, o responsável por introduzir o Romantismo no Brasil, no entanto, o maior poeta da primeira geração é, sem dúvida, Gonçalves Dias. Vejamos alguns textos deste autor:

PRIMEIROS CANTOS

GONÇALVES DIAS

PRÓLOGO

Dei o nome de Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez — no Doiro e no Teia — sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a ideia com a paixão — cobrir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro, julho de 1846.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Antônio Gonçalves Dias (1823-1864)

poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Nasceu no Maranhão de pai português e mãe maranhense, mestiça de negro e índio. Orgulhava-se de ter em seu sangue a união das três raças que formam o Brasil.

OLHOS VERDES

Eles verdes são:
E têm por usança
Na cor esperança
E nas obras não.
Camões, Rimas.

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança
Uns olhos por que morri;
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte.
Diz uma – vida, outra – morte;
Uma – loucura, outra – amor.
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que pode também brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da cor do padro,
Mas verdes da cor do mar.
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê num espelho
Pude ler nos olhos seus!
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Também refletem os céus;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos da cor da esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finir!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da cor do mar;
Eram verdes sem esp'rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que, ai de mi!
Não pertenço mais à vida
Depois que os vi!

(Cantos, 3a. ed., 1857. Segundo Antônio Henriques Leal, amigo e primeiro biógrafo do Poeta, foram estes versos escritos em 1848, inspirados por uma moça do Rio com quem teve o Poeta ligeiro namoro.)

I-JUCA-PIRAMA

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes – escravos!
De estranhos ignavos
Calçados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo,
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contendo,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:

O cru dessorsego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego,
Qual seja, – dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? – Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

VIII

“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o covarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

“Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigo tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

“Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a frente pousar.

“Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contato dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

“Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos.
E oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

“Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d’argila cuidadoso
Arco e flecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.”

(Últimos cantos, 1851.)

SEGUNDA GERAÇÃO ROMÂNTICA

MAL DO SÉCULO OU ULTRARROMANTISMO

A mais intensa das gerações, o ultrarromantismo foi influenciado por Alfred Musset e Lord Byron, daí ser também chamada de **byroniana**. Egocentrismo, subjetivismo, sentimentalismo exacerbado, negativismo boêmio, pessimismo, dúvida, desilusão, tédio, satanismo, saudosismo, evasão da realidade, obsessão pela morte são as características marcantes dessa geração que teve no Brasil os seguintes representantes: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Fagundes Varela. Destacamos a seguir alguns poemas de Álvares de Azevedo:

Amor

Quand la mort est si belle, Il est doux de mourir.

V. Hugo

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!
Quero em teus lábio beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!
Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

Adeus, meus sonhos!

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!
Misérrimo! Votei meus pobres dias
À sina doida de um amor sem fruto,
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.
Que me resta, meu Deus?
Morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já não vejo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852)

Contista, dramaturgo, poeta e ensaísta, desenvolveu intensa produção literária. Devido a morte prematura, a maior parte de sua produção foi publicada postumamente.

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA

CONDOREIRA OU LIBERTÁRIA

Como o próprio nome já diz, a terceira geração romântica apresentará uma poesia de caráter social e libertário. Engajados com as questões do seu tempo, os poetas condoreiros são republicanos e abolicionistas e serão influenciados por Victor Hugo e sua poesia político-social, daí a geração ser chamada também de **hugoana**. O condor, águia que habita a Cordilheira dos Andes, é o símbolo do ideal de liberdade adotado por essa geração. Seus principais representantes são: Castro Alves e Sousândrade. Vejamos alguns poemas de Castro Alves:

O “Adeus” de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus
E amamos juntos E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala
E ela, corando, murmurou-me: “adeus.”
Uma noite entreabriu-se um reposteiro. . .
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus
Era eu Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa
E ela entre beijos murmurou-me: “adeus!”
Passaram tempos sec’los de delírio
Prazeres divinais gozos do Empíreo
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – “Voltarei! descansa! . . .”
Ela, chorando mais que uma criança,
Ela em soluços murmurou-me: “adeus!”

Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871)

poeta republicano e abolicionista, conhecido como “poeta dos escravos”, sua poesia foi fortemente influenciada por Victor Hugo.

Quando voltei era o palácio em festa!
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! Ela me olhou branca surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!
E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

O Navio Negroiro (Tragédia no Mar) – fragmentos

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

[...]

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co’ a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
 Onde a terra esposa a luz.
 Onde vive em campo aberto
 A tribo dos homens nus...
 São os guerreiros ousados
 Que com os tigres mosqueados
 Combatem na solidão.
 Ontem simples, fortes, bravos.
 Hoje míseros escravos,
 Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
 Como Agar o foi também.
 Que sedentas, alquebradas,
 De longe... bem longe vêm...
 Trazendo com tíbios passos,
 Filhos e algemas nos braços,
 N'alma — lágrimas e fel...
 Como Agar sofrendo tanto,
 Que nem o leite de pranto
 Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram crianças lindas,
 Viveram moças gentis...
 Passa um dia a caravana,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus ...
 ...Adeus, ó choça do monte,
 ...Adeus, palmeiras da fonte!...
 ...Adeus, amores... adeus!...

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

As questões a seguir tomam por base um fragmento de *Glória moribunda*, do poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852).

É uma visão medonha uma caveira?
 Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.
 Foi a cabeça ardente de um poeta,
 Outrora à sombra dos cabelos loiros.
 Quando o reflexo do viver fogoso
 Ali dentro animava o pensamento,
 Esta fronte era bela. Aqui nas faces
 Formosa palidez cobria o rosto;
 Nessas órbitas — ocas, denegridas! —
 Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
 A caveira que a alma em si guardava,
 Como a concha no mar encerra a pérola,
 Como a caçoula a mirra incandescente.

Tu outrora talvez desses-lhe um beijo;
 Por que repugnas levantá-la agora?
 Olha-a comigo! Que espaçosa fronte!
 Quanta vida ali dentro fermentava,
 Como a seiva nos ramos do arvoredo!
 E a sede em fogo das ideias vivas
 Onde está? onde foi? Essa alma errante
 Que um dia no viver passou cantando,

Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como noturna lâmpada apagou-se?
E a centelha da vida, o eletrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,
Os sonhos da ciência nada valem.
A vida é um escárnio sem sentido,
Comédia infame que ensanguenta o lodo.
Há talvez um segredo que ela esconde;
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os túmulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dor sobre um cadáver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao ofegante seio, o peito humano
Caiu tremendo interrogando o túmulo...
E a terra sepulcral não respondia.

(*Poesias completas*, 1962.)

01 | UNESP *E a centelha da vida, o eletrismo*

No contexto em que é empregado, o termo *eletrismo*, que não consta dos dicionários, significa:

- A** o fato de a morte ter sido por choque elétrico.
- B** o dinamismo presente em todos os tecidos do ser vivo.
- C** a característica de quem é versado nas belas-letas.
- D** o resultado do longo processo de letramento.
- E** a existência eletrizante dos poetas românticos.

Resolução:

Observando o contexto do poema podemos inferir que o termo “eletrismo” sugere a criação de propriedades elétricas nos tecidos do ser vivo.

02 | UNESP Do segundo ao último verso da primeira estrofe do poema, revelam-se características marcantes do Romantismo:

- A** conteúdos e desenvolvimentos bucólicos.
- B** subjetivismo e imaginação criadora.
- C** submissão do discurso poético à musicalidade pura.
- D** observação e descrição meticulosa da realidade.
- E** concepção determinista e mecanicista da natureza.

Resolução:

B *As características marcantes do Romantismo presentes nos versos citados são: o subjetivismo e a imaginação criadora na descrição feita pelo próprio eu lírico: “cabeça ardente”, “Esta fronte era bela”, “Aqui nas faces/Formosa palidez cobria o rosto de um poeta”, “Como era puro seu olhar sombrio!”.*

03 | UNESP *Morreu para animar futuras vidas?*

No verso em destaque, sob forma interrogativa, o eu lírico sugere com o termo *animar* que

- A** a morte de uma pessoa deve ser festejada pelos que ficam.
- B** o verdadeiro objetivo da morte é demonstrar o desvalor da vida.
- C** a vida do poeta é mais consistente e animada que todas as outras.
- D** a alma que habitou o corpo talvez possa reencarnar em novo corpo.
- E** outras pessoas passam a viver melhor quando um homem morre.

Resolução:

D *As interrogações do eu lírico (“E a sede em fogo das ideias vivas/Onde está? onde foi?”/“Perdeu-se acaso no sombrio vento,/Como noturna lâmpada apagou-se?”) no levam a inferir que, no verso “Morreu para animar futuras vidas?”, o verbo “animar” apresenta valor semântico de “dar vida a algo”, ou seja, reencarnar, readquirir um corpo ou a vida material.*

04 | UNESP

*Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoula a mirra incandescente.*

Nos versos em destaque, após a palavra *caçoula*, está subentendida, por elipse, a forma verbal

- A** teme.
- B** seca.
- C** brilha.
- D** queima.
- E** encerra.

Resolução:

E *encerra, pois, através de elipse, ou melhor, zeugma (caso especial de elipse, quando o termo omitido já tiver sido expresso anteriormente), está subentendida essa forma verbal.*

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01| UFG Leia o trecho a seguir e responda as questões 1 e 2.

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: – “Meninos, eu vi!”

“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest’hora diante de mi.

“Eu disse comigo: que infâmia d’escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”

(DIAS, Gonçalves. I – Juca Pirama seguido de Os Timbiras. Porto Alegre: LP&M Pocket, 2007. p. 28.)

A respeito do canto transcrito, correspondente à parte final de I – Juca Pirama, de Gonçalves Dias, responda:

01| Por que o guerreiro Tupi, prisioneiro dos Timbiras no passado, parece ainda mais heroico na fala do velho que narra a história do que ao longo do poema?

02| Que efeito produz a sentença “Meninos, eu vi!”, repetida duas vezes no poema?

03| A qual geração da poesia romântica podemos vincular esse poema? Justifique sua resposta.

Leia agora um trecho do poema *Ideias Intimas*, de Álvares de Azevedo, e responda as questões seguintes:

IX

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os lábios meus suspiram,
Um nome de mulher... e vejo lânguida
No véu suave de amorosas sombras
Seminua, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delírios!
Acordo palpitante... inda a procuro:
Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas
Banham meus olhos, e suspiro e gemo...
Imploro uma ilusão... tudo é silêncio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!
Nunca virás iluminar meu peito
Com um raio de luz desses teus olhos?

04| O poema apresenta três partes distintas: a realidade, o sonho e novamente a realidade. Quais versos representam o sonho?

05| Compare agora as partes relativas à realidade e ao sonho.

T ENEM E VESTIBULARES

01| UFG Leia o poema a seguir.

SONETO

Ao sol do meio-dia eu vi dormindo
 Na calçada da rua um marinheiro,
 Roncava a todo o pano o tal brejeiro
 Do vinho nos vapores se expandindo!
 Além um Espanhol eu vi sorrindo
 Saboreando um cigarro feiticeiro,
 Enchia de fumaça o quarto inteiro.
 Parecia de gosto se esvaindo!
 Mais longe estava um pobretão careca
 De uma esquina lodosa no retiro
 Enlevado tocando uma rabeca!
 Venturosa indolência! não deliro
 Se morro de preguiça... o mais é seca!
 Desta vida o que mais vale um suspiro?

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: FTD, 1994. p. 183.

Exemplar da segunda parte de *Lira dos vinte anos*, o poema transcrito encarna o lado Caliban do poeta, que se manifesta ao empregar a ironia como recurso para expressar

- A uma distinção da imagem do artista, presente nos versos “De uma esquina lodosa no retiro / Enlevado tocando uma rabeca!”.
- B uma visão pejorativa do homem, que se evidencia nos vocábulos do verso “Mais longe estava um pobretão careca”.
- C um rebaixamento da condição humana, o que se confirma na descrição depreciativa dos espaços, na terceira estrofe.
- D uma perspectiva escandalizada da sociedade, comprovada pela representação depravada dos sujeitos, na primeira estrofe.
- E um deboche da moralidade, visível nos versos “Venturosa indolência! não deliro / Se morro de preguiça... o mais é seca!”.

02| UEPA A poesia social de Castro Alves, por meio da denúncia da situação dos escravos, muitas vezes comunica a ansia de liberdade. Marque a alternativa em que os

versos demonstrem este tom denunciante de sua linguagem literária.

- A *Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos –alimária* do universo,
 Eu- pasto universal...
 animal quadrúpede
- B *Como as plantas que arrasta a correnteza,
 A valsa nos levou nos giros seus...
 E amamos juntos...
 E depois na sala “Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...*
- C *Amigo! O campo é o ninho do poeta...
 Deus fala, quando a turba está quieta,
 Às campinas em flor.
 — Noivo — Ele espera que os convivas saiam...*
- D *Era o tempo em que as ágeis andorinhas
 Consultam-se na beira dos telhados,
 E inquietas conversam, perscrutando
 Os pardos horizontes carregados...*
- E *É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
 O fogo-santo já no altar não arde.
 Vestal! não venhas tropeçar nas piras...
 É tarde! É muito tarde!*

03| UEPA A literatura, ao longo dos anos, tem sido veículo de comunicação entre o sujeito e o mundo. A poesia de Castro Alves intitulada *Condoreira* é uma forte representante do poder comunicativo exercido pela palavra através da literatura. Com base nesta afirmação, marque a alternativa em que os versos demonstrem este caráter condoreiro da comunicação do poeta fundamentado no uso da hipérbole.

- A *Oh, Eu quero viver, beber perfumes
 Na flor silvestre, que embalsama os ares;
 Ver minh’alma adejar pelo infinito,
 Qual branca vela n’amplidão dos mares,*
- B *Tu és, ó filha de Israel formosa...
 Tu és, ó linda, sedutora Hebreia...
 Pálida rosa da infeliz Judéia
 Sem ter orvalho, que do céu deriva.*

- C** (...)
 Ó mar, por que não apagas
 co'a esponja de tuas vagas
 de teu manto este borrão?...
 Astros! Noites! Tempestades!
 Rolai das imensidades,
 Varrei os mares, tufão!
- D** *Canta, criança, és a ave da inocência.
 Tu choras porque um ramo de baunilha
 Não pudeste colher,
 Ou pela flor gentil da granadilha*?
 o mesmo que maracujá
- E** *Se a natureza apaixonada acorda
 Ao quente afago do celeste amante,
 Diz!... Quando em fogo o teu olhar transborda,
 Não vês minh'alma reviver ovante?*

04 | UFSM A literatura romântica é conhecida por representar as doenças da alma. O poeta romântico não tenta controlar, esconder seus sentimentos, como fazia o poeta clássico. Ao contrário, ele confessa seus conflitos mais íntimos. Por isso, predominam no Romantismo o desespero, a aflição, a instabilidade, a sensação de desamparo que leva a maioria dos poetas a pensar na morte, como acontece no fragmento do poema *Mocidade e morte*, de Castro Alves:

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
 Um mal terrível me devora a vida:
 Triste Ahasverus*, que no fim da estrada,
 Só tem por braços uma cruz erguida.
 Sou o cipreste, qu'inda mesmo flórido,
 Sombra de morte no ramal encerra!
 Vivo – que vaga sobre o chão da morte,
 Morto – entre os vivos a vagar na terra.

*Ahasverus: Jesus ter-lhe-ia amaldiçoado, condenando-o a vagar pelo mundo sem nunca morrer.

Qual o estado sentimental do sujeito lírico nessa estrofe?

- A** Sente-se muito próximo da morte, devido aos males causados por uma grave doença física.
- B** Deseja a morte, pois só na eternidade seria capaz de encontrar a paz do espírito.
- C** Sente-se muito próximo da morte, devido à tristeza profunda que lhe devora a alma.
- D** Sente-se totalmente morto, pois não lhe resta nenhum sinal de vida.
- E** Sente-se muito próximo da morte, pois não é capaz de lutar pela vida.

05 | PUCRS *#vemprarua foi expressão celebrada nas redes sociais em 2013. Não foram apenas os vinte centavos na redução das tarifas do transporte público, mas sim uma série de descontentamentos com o Brasil e com os políticos que o governam que levaram multidões a fechar avenidas e a gritar palavras de ordem. Nesta prova de literatura em língua portuguesa, você deverá resolver questões que retratam os políticos, a insatisfação do povo com a política e também as suas manifestações contra o sistema.*

Para responder à questão, leia os versos abaixo e o comentário sobre o poema do qual a estrofe foi extraída, preenchendo as lacunas com o nome do autor e o título das obras.

[...] Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus...

Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas

De teu manto este borrão?...

Astros! noites! tempestades!

Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tufão! [...]

“Se observarmos os poemas mais conhecidos de _____, como _____ ou _____, vislumbraremos o quanto é possível cada um desses famosos textos serem cadernos de gravuras, em que uma imagem completa outra, na lógica irrefutável do sonho. [...] Tanto em um como no outro, a visão é a de quem contempla do alto, com asas do futuro, desde os filhos da África, livres, em sua terra, até as cenas da tragédia no mar que os torna escravos sob o açoite.”

(Adaptado de Carlos Nejar, História de Literatura Brasileira).

A alternativa que completa corretamente as lacunas do comentário é:

- A** Castro Alves – ‘Vozes d’África’ – ‘O navio negreiro’
- B** Gonçalves Dias – ‘Canção do exílio’ – ‘O canto do Piaga’
- C** Álvares de Azevedo – ‘Vozes d’ África’ – ‘No mar’
- D** Gonçalves Dias – ‘O navio negreiro’ – ‘O canto do guerreiro’
- E** Castro Alves – ‘Canção do exílio’ – ‘Saudação a Palmares’

06| UNEB

I.

Chegou no verão, em janeiro, quando soube que Geraldo cancelara o contrato de locação da casa, nos Barris. Primeiro, e logo que se deu a Geraldo como uma escrava, foi o Jardim da Piedade com a casa tão perto da igreja que acordava com o sino batendo forte todas as manhãs. O Campo Grande, a seguir, lugar de grandes árvores e muitos pássaros. Depois, o prédio magro de três andares na ruazinha da ladeira, no Rio Vermelho, onde permaneceria os últimos quinze anos ao lado do mar e de Geraldo. E dali, após vender os móveis para apurar um pouco mais de dinheiro, dali saiu enxotada para o Bângala.

FILHO, Adonias. *O Largo da Palma*. Novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 29.

II.

No momento de ajoelhar aos pés do celebrante, e de pronunciar o voto perpétuo que a ligava ao destino do homem por ela escolhido, Aurélia, com o decoro que revestia seus menores gestos e movimentos, curvara a fronte, envolvendo-se pudicamente nas sombras diáfanas dos cândidos véus de noiva.

Malgrado seu, porém, o contentamento que lhe enchia o coração e estava a borbotar nos olhos cintilantes e nos lábios aljofrados de sorrisos, erigia-lhe aquela fronte gentil, cingida nesse instante por uma auréola de júbilo.

No altivo realce da cabeça e no enlevo das feições cuja formosura se tocava de lumes esplêndidos, estava-se debuxando a soberba expressão do triunfo, que exalta a mulher quando consegue a realidade de um desejo férvido e longamente ansiado.

ALENCAR, José de. *Senhora: perfil de mulher*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1993. p. 73.

O texto II faz parte do romance *Senhora*, de José de Alencar, obra representativa do Romantismo no Brasil.

Comparando-o com o texto I, inserido na narrativa *O Largo da Palma*, sobre as figuras femininas em foco está correto o que se afirma na alternativa

- A** Os perfis de Aurélia e Eliane atendem ao gosto estético romântico.
- B** Aurélia e Eliane são enfocadas como estereótipos da mulher presa a convenções sociais.
- C** Aurélia e Eliane são personagens — cada uma em sua época — representativas de um ideal de mulher a ser atingido.
- D** Os textos, embora se enquadrem em épocas literárias distintas, apresentam o ser feminino como vítima de um destino previamente traçado.
- E** Aurélia é apresentada sob uma perspectiva de idealização; já Eliane é mostrada como uma mulher carente, que se frustra nas relações amorosas.

07| UPF Meu canto de morte,

Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

[...]

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru desosssego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego
Qual seja, — dize!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo¹,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

DIAS, Gonçalves. Juca Pirama.

1. *Ignavo* – fraco, covarde

Nas estrofes transcritas, o guerreiro tupi:

- A aceita heroicamente a prisão e a morte ritual sem se preocupar com a velhice, a solidão e a fragilidade do seu pai.
- B aceita resignadamente a morte ritual que os timbiras lhe destinam e o abandono a que ficará votado o seu velho pai.
- C acovarda-se perante a morte iminente, com a justificativa de ser a única pessoa que resta para cuidar do seu pai, velho, cego e enfraquecido.
- D pretende conciliar o princípio de honra do guerreiro, que jamais teme a morte, com o princípio do amor filial, que lhe exige cuidar do seu pai, cego e enfraquecido pela velhice.
- E rejeita orgulhosamente a morte ritual pelos timbiras, a fim de cuidar do seu velho pai e restaurar o poder de sua tribo.

08| UCS Sobre o Romantismo brasileiro, é correto afirmar que

- A o principal poeta foi Gonçalves de Magalhães, que inaugurou a Escola Romântica no Brasil, a partir da publicação de *A confederação dos tamoios*.
- B a dramaturgia romântica brasileira teve pelo menos um grande nome: Martins Pena, que se especializou em comédias e escreveu *O noviço*.
- C a prosa de José de Alencar pode ser classificada em urbana, rural, histórica, regionalista, naturalista e indianista.
- D os romances indianistas de José de Alencar são representativos da cultura brasileira, uma vez que os casais protagonistas são sempre constituídos por uma mulher branca e um homem indígena, como Ceci e Peri.
- E o escritor Castro Alves é chamado de “poeta dos escravos”, porque os poemas de *Espumas Flutuantes*, quando publicados em livro, tornaram-se imediatamente um libelo em defesa do fim do tráfico negreiro.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 09 E 10

Utilize os textos abaixo para responder à(s) questão(ões).

Texto 1

Canção do tamoio

(...) Porém se a fortuna,
Traíndo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impávido, audaz.
E cai como o tronco
Do raio tocado,

Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão. (...)

(Gonçalves Dias)

Texto 2

Berimbau

Quem é homem de bem não trai
O amor que lhe quer seu bem.
Quem diz muito que vai não vai
E, assim como não vai, não vem.
Quem de dentro de si não sai
Vai morrer sem amar ninguém,
O dinheiro de quem não dá
É o trabalho de quem não tem,
Capoeira que é bom não cai
E, se um dia ele cai, cai bem!

(Vinicius de Moraes e Baden Pow)

09| INSPER O modo como a morte é figurativizada no fragmento de Gonçalves Dias é semelhante ao seguinte verso da canção de Vinicius e Baden:

- A *O amor que lhe quer seu bem*
- B *Vai morrer sem amar ninguém*
- C *O dinheiro de quem não dá*
- D *É o trabalho de quem não tem*
- E *E, se um dia ele cai, cai bem!*

10| INSPER No fragmento poético de Gonçalves Dias, um pai explica ao filho como se comporta um guerreiro no momento da morte. Esse conselho demonstra que os românticos viam os índios

- A como retrato de uma sociedade em crise, pois eles estavam sendo dizimados pelos colonizadores europeus, que tinham grande poder militar.
- B de modo cruel, uma vez que, em lugar de criticar as constantes lutas entre tribos rivais, eles preferiam falar dos aspectos positivos da violência.
- C de modo idealizado, com valores próximos aos das Cruzadas europeias, quando era nobre morrer por uma causa considerada justa.
- D como símbolos de um país que surgia, sem nenhuma influência dos valores europeus e celebrando apenas os costumes dos povos nativos da América.
- E com base no mito do “bom selvagem”, mostrando que eles nunca entravam em conflitos entre si.

11| UFG Leia os poemas apresentados a seguir.

MALVA-MAÇÃ

A P...

De teus seios tão mimosos
 Quem gozasse o talismã!
 Quem ali deitasse a fronte
 Cheia de amoroso afã!
 E quem nele respirasse
 A tua malva-maçã!

Dá-me essa folha cheirosa
 Que treme no seio teu!
 Dá-me a folha... hei de beijá-la
 Sedenta no lábio meu!
 Não vês que o calor do seio
 Tua malva emurcheceu...

[...]

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: *Obra completa*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 269.

Há uma flor que está em redor de mim,
 uma flor que nasce nos cabelos da aurora
 e desce sobre as águas e os ombros
 de todos nós. Não, não quero amar
 senão a natureza quando ela se abre
 como uma flor e suas corolas à madrugada;
 eu não quero amar, senão a mulher
 que está em redor de mim, a mulher
 que me acolhe com seus braços
 e me oferece o que há de mais íntimo,
 a sua pérola e sonho à madrugada.

GARCIA, José Godoy. Poesia. Brasília: Thesaurus, 1999. p. 153.

Nos poemas transcritos, a representação da figura feminina se assemelha por apresentar

- A** a sensualidade da mulher metaforizada pelos elementos da natureza.
- B** a idealização de uma mulher única enfatizada pela fidelidade do eu lírico.
- C** o distanciamento da mulher exemplificado por sua indiferença aos apelos do eu lírico.
- D** a simplicidade da mulher evidenciada por suas qualidades morais.
- E** o exotismo da mulher emoldurado pela descrição de um cenário idílico.

12| UFPA Gonçalves Dias foi considerado um dos maiores expoentes da literatura romântica brasileira. Procurando seguir os preceitos do romantismo, intencionou produzir uma poesia capaz de exprimir a independência literária do Brasil. Na condição de poeta, dedicou-se a vários gêneros literários, entre eles à poesia lírica e à poesia indianista. Leia atentamente as estrofes 4, 5, 6 e 7 do canto IV do poema I Juca Pirama, de Gonçalves Dias:

Andei longes terras,
 Lidei cruas guerras,
 Vaguei pelas serras
 Dos vis Aimorés;
 Vi lutas de bravos,
 Vi fortes – escravos!
 De estranhos ignavos
 Calcados aos pés.

E os campos talados,
 E os arcos quebrados,
 E os piagas coitados
 Já sem maracás;
 E os meigos cantores,
 Servindo a senhores,
 Que vinham traidores,
 Com mostras de paz

Aos golpes do imigo
 Meu último amigo,
 Sem lar, sem abrigo,
 Caiu junto a mi!
 Com plácido rosto,
 Sereno e composto,
 O acerbo desgosto
 Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
 Já cego e quebrado,
 De penas ralado,
 Firmava-se em mi:
 Nós ambos, mesquinhos,
 Por ínvios caminhos,
 Cobertos d'espinhos
 Chegamos aqui!

Glossário:

Aimorés: índios botocudos que habitavam o estado da Bahia e do Espírito Santo;

Timbiras: Tapuias que habitavam o interior do Maranhão;

Ignavos: fracos, covardes;

Piaga: pajé, chefe espiritual;

Maracá: chocalho indígena utilizado em festas religiosas e cerimônias guerreiras;

Talados: devastados;

Acerbo: terrível, cruel;

Ínvios: intransitáveis.

Tendo em vista as estrofes acima transcritas, é correto afirmar que

- A** o índio Tupi descreve as vitórias de sua tribo sobre o colonizador europeu.
- B** o ritual antropofágico é representado como uma manifestação da barbárie indígena.
- C** a submissão das nações indígenas pelo homem branco é considerada um processo natural e desejável para o progresso da nova nação independente.
- D** o ponto de vista a partir do qual se elabora o poema é o do europeu português, que condena as práticas bárbaras e violentas das nações indígenas brasileiras.
- E** as práticas colonizadoras portuguesas que levaram ao quase extermínio da nação Tupi são julgadas do ponto de vista do próprio índio.

13| PUCRS Leia o trecho a seguir.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá. (...)

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Os versos do famoso poema “Canção do Exílio” evidenciam um grande amor à pátria, simbolizada por sua natureza. Criado por _____ e pertencente à escola _____, o poema revela, em tom _____, um eu lírico que exterioriza sua _____.

A alternativa correta para o preenchimento das lacunas acima é:

- A** Gonçalves de Magalhães – arcade – bucólico – solidão
- B** Gonçalves Dias – romântica – ufanista – saudade
- C** Gregório de Mattos – barroca – contraditório – ironia
- D** Casemiro de Abreu – indianista – regionalista – nacionalidade
- E** Castro Alves – condoreira – emancipatório – liberdade

14| UFG Leia o fragmento do poema apresentado a seguir.

SPLEEN E CHARUTOS

I

SOLIDÃO

[...]

As árvores prateiam-se na praia,
Qual de uma fada os mágicos retiros...
Ó lua, as doces brisas que sussurram
Coam dos lábios teus como suspiros!

Falando ao coração que nota aérea
Deste céu, destas águas se desata?
Canta assim algum gênio adormecido
Das ondas moças no lençol de prata?

Minh'alma tenebrosa se entristece,
É muda como sala mortuária...
Deito-me só e triste, sem ter fome
Vejo na mesa a ceia solitária.

Ó lua, ó lua bela dos amores,
Se tu és moça e tens um peito amigo,
Não me deixes assim dormir solteiro,
À meia-noite vem cear comigo!

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: Obra completa. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 232.

Fenômeno recorrente na estética romântica, o processo de adjetivação permite ao eu lírico, no poema transcrito,

- A** intensificar sua tristeza, ressaltando uma perspectiva pessimista da vida.
- B** demarcar sua individualidade, expressando seu estado de espírito.
- C** detalhar suas intenções amorosas, nomeando seus sentimentos.
- D** descrever as coisas circundantes, apresentando uma visão objetiva da realidade.
- E** revelar um sentimento platônico, enumerando as qualidades da amada.

AS VANGUARDAS EUROPEIAS

As *Vanguardas Europeias* foram movimentos artísticos ocorridos na Europa, do fim do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, que revolucionaram a concepção de arte vigente até então e introduziram a chamada **arte moderna**. Segundo Gilberto Mendonça Teles, “todos esses movimentos estavam sob o signo da desorganização do universo artístico de sua época. A diferença é que uns, como o futurismo e o dadaísmo, queriam a destruição do passado e a negação total dos valores estéticos presentes; e outros, como o expressionismo e o cubismo, viam na destruição a possibilidade de construção de uma nova ordem superior. No fundo eram, portanto, tendências organizadoras de uma nova estrutura estética e social.”



O Grito – Edvard Munch (1893)



A Fonte – Duchamp (1917)

Paris se tornou o centro cultural de maior evidência na Europa, refletindo por um lado a euforia de sua “belle époque” e, por outro, o pessimismo decadentista do “fin de siècle”. No meio, como um sistema de equilíbrio, a tendência renascentista, revalorizadora das tradições culturais da latinidade. As ideias filosóficas e sociológicas, bem como o desenvolvimento científico e técnico da época, contribuíram para a inquietação espiritual e intelectual dos escritores, divididos entre as forças negativas do passado e as tendências ordenadoras do futuro, que afinal predominaram, cultivando uma pluralidade de investigações em todos os campos da arte e transformando os primeiros anos do século XX no laboratório das mais avançadas concepções da arte e da literatura. Daí o nome de vanguarda para caracterizar o período literário que se estende nos últimos anos do século XIX ao aparecimento do surrealismo em 1924. Acontece que o surrealismo, pelo esforço de Breton, chegou ao manifesto de 1930, aderindo-se a III Internacional Comunista, além de conseguir uma reparação efêmera em 1946, o que faz com que alguns historiadores deem como final do período vanguardista a Segunda Guerra Mundial.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Europeia & Modernismo Brasileiro. Apresentação e crítica dos principais movimentos. São Paulo: Ed. Vozes. p.42.

FUTURISMO

Primeiro movimento da vanguarda europeia, o Futurismo não se restringiu apenas à Arte, atingindo vários campos da experiência humana como a Literatura, a Música, os costumes e a política. Seu apogeu ocorreu entre 1909 e 1920. Caracterizava-se, sobretudo, por uma vontade de começar tudo de novo e de reformular temas e técnicas da arte.

O poeta francês Filippo Tomaso Marinetti foi o líder dos futuristas, publicando em 1909 o primeiro manifesto desta vanguarda. E em 1912 o “Manifesto Técnico” do movimento. Vejamos um fragmento do primeiro manifesto:



Automóvel + velocidade + luz, Giacomo Balla, Col. Particular

O PRIMEIRO MANIFESTO FUTURISTA (1909)

[...]

1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e do destemor.
2. A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.
3. A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.
4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.
5. Nós queremos entoar hinos ao homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.
6. É preciso que o poeta prodigalize com ardor, fausto e munificência, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.
7. Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem.
8. Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.

[...]

Segundo Lúcia Helena, o Futurismo não se implanta no Brasil, mesmo que tenha deixado rastro na estratégia de destruição, de recusa do passado e de busca das palavras em liberdade, perceptíveis nas obras de Mário e Oswald de Andrade. Vejamos, no entanto, quais foram os temas e técnicas futuristas que revelam a ruptura com o passado e que influenciaram, deixaram “rastros” futuristas, na 1ª fase do Modernismo brasileiro:

1. Atitude de irreverência contra a maneira pela qual a arte tinha até então sido focalizada;
2. a destruição sistemática de códigos e valores já cristalizados, em prol de uma arte agressiva;
3. o corte dos elos com o passado;
4. as “palavras em liberdade”, princípio através do qual se voltam contra os padrões usuais da sintaxe gramatical;
5. a valorização de um novo conceito de belo, no qual se pode reunir a beleza e a feiura, ou aquilo que era considerado grotesco e era excluído da poesia do passado.
6. a dessacralização da arte; e
7. a luta em favor do verso livre (sem rima e sem métrica), contra o emprego das formas tradicionais.

O EXPRESSIONISMO

Como o próprio nome já aponta, o expressionismo é a arte criada sob o impacto da expressão. Segundo Gilberto Mendonça Teles, trata-se da expressão da vida interior, das imagens que vem do fundo do ser e se manifestam pateticamente. Por isso, uma das maiores características do Expressionismo é a manifestação de um testado de nostalgia, melancolia, paixão e insatisfação, tanto na Pintura, quanto na Literatura.

Diferentemente das outras vanguardas, que refletem o otimismo e a euforia sobre a técnica e o progresso, o Expressionismo demonstra maior sensibilidade ao sofrimento humano do que ao seu sucesso.

Na Literatura, os principais temas abordados pelos expressionistas foram:

1. a derrocada do mundo burguês e capitalista;
2. a denúncia de um universo em crise;
3. a sensação de impotência diante de um “mundo sem alma”;
4. visões apocalípticas e negativas;
5. a ênfase na interioridade, no eu, nos sentimentos;
6. a deformação grotesca do mundo;
7. a ânsia de “absoluto”;
8. a revolta dos filhos contra os pais; o choque das gerações.

O CUBISMO

O Cubismo é a arte de decompor e recompor a realidade, sugerindo a representação do objeto sob todos os seus aspectos, de face e perfil, em suma, na sua totalidade. A sua técnica consiste, portanto, na representação da realidade por meio de estruturas geométricas.

Na Literatura o Cubismo se manifesta em narrativas que rompem com a estrutura linear do enredo e as relações de causa e efeito. Assim, os textos cubistas parecem ser dispersos e desintegrados, como acontece no romance *“Memórias sentimentais de João Miramar”*, de Oswald de Andrade, no qual, os vários gêneros literários (o lírico, o épico e o dramático) se misturam como uma colagem. A poesia cubista também faz uso do recorte e da colagem e também encontrou repercussão nos poemas-piada de Oswald de Andrade.



Les demoiselles d'Avignon (1907)

O DADAÍSMO

“Dadá é o dilúvio após o que tudo recomeça”

Guillermo de Torre

O Dadaísmo foi o mais radical movimento intelectual dos últimos tempos, superando pela intensidade e dimensões estéticas os grandes movimentos de pessimismo e ruptura do final do século XIX. Para os dadaístas, não havia passado, nem futuro: o que havia era a guerra, o nada; e a única coisa que restava ao artista era produzir uma antiarte, uma antiliteratura: “Dadá não significa nada”.

No Brasil, a *Revista de antropofagia* foi a mais violenta de todas e a que se vinculou ao Dadaísmo. O *Manifesto antropófago* foi publicado por Oswald de Andrade no primeiro número da *Revista de antropofagia*, em São Paulo (01/05/1928). Este manifesto dialoga com o Dadaísmo e propões “deglutir”, “comer”, fazer a “antropofagia” dos costumes herdados da colonização, para promover, por meio de sua digestão, uma incorporação brasileira de novos valores artísticos e culturais.

PARA FAZER UM POEMA DADAÍSTA

Pegue num jornal.

Pegue numa tesoura.

Escolha no jornal um artigo com o comprimento que pretende dar ao seu poema.

Recorte o artigo.

Em seguida, recorte cuidadosamente as palavras que compõem o artigo e coloque-as num saco.

Agite suavemente.

Depois, retire os recortes uns a seguir aos outros.

Transcreva-os escrupulosamente pela ordem que eles saíram do saco.

O poema parecer-se-á consigo.

E você será um escritor infinitamente original, de uma encantadora sensibilidade, ainda que incompreendido pelas pessoas vulgares.

(Tristan Tzara)

Em sua busca de começar tudo de novo e de romper com o bom senso, a lógica e o significado facilmente compreensível, os dadaístas estavam repudiando também tudo aquilo que fosse do domínio da consciência. Ou seja, estavam abrindo passagem para que se valorizassem o inconsciente, favorecendo a relação da arte com elementos dos quais não temos um domínio, mas que existem, em estado latente, dentro de nós. Esta característica vai ser muito utilizada pela vanguarda surrealista, que estudaremos a seguir.

O SURREALISMO

“O Surrealismo nasceu das cinzas do Dadaísmo”.

Tristan Tzara

O caráter extremo das manifestações dadaístas terminou fazendo com que seus membros buscassem novos rumos para sua criação estética. Assim, os surrealistas começaram a explorar um filão intocado pelos dadaístas: as relações da linguagem com o inconsciente. Valorizando Freud e as pesquisas teóricas da psicanálise, voltaram seu interesse para o sonho e a técnica da escrita automática.

Vejamos alguns fragmentos de manifesto do Surrealismo:

Só com muita fé poderiam nos contestar o direito de empregar a palavra SURREALISMO no sentido muito particular em que o entendemos, pois está claro que antes de nós esta palavra não obteve êxito. Defino-a pois uma vez por todas.

SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral.

ENCICL. Filos. O Surrealismo repousa sobre a crença na realidade superior de certas formas de associações desprezadas antes dele, na onipotência do sonho, no desempenho desinteressado do pensamento. Tende a demolir definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos, e a se substituir a eles na resolução dos principais problemas da vida.

Pode-se encontrar a ressonância do Surrealismo no Brasil na obra de alguns autores por volta de 1940. João Cabral de Melo Neto em seu primeiro livro, *A pedra do sono*, mescla a visão da **pedra**, que irá predominar no conjunto de sua obra na dimensão concreta da “palavra-coisa”, com o **sono**, sugerindo uma dimensão mais oculta, menos vigilante, menos desperta e promovendo a união de duas realidades: uma concreta e outra abstrata. Outro importante poeta desse período, influenciado pelo Surrealismo, foi Murilo Mendes (1901-1975).

PRÉ-MODERNISMO

Período que antecedeu o Modernismo brasileiro, 1902-1992, no qual nota-se um movimento de desvelar o Brasil não oficial e uma intensa preocupação com a realidade do país. Embora vários autores despontem em diferentes regiões, retratando o sertanejo, o caboclo, o homem provinciano, enfim, aquele que está à margem da metrópole e esquecido do governo, o pré-modernismo não é considerado uma escola literária, em função da não existência de uma unidade entre estes autores. Configura, portanto, um período de transição, no qual se encontram elementos das estéticas do fim do século XIX e indícios das inovações do século XX. Segundo Alfredo Bosi, “se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.” (História Concisa da Literatura Brasileira, p.307)

Assim, devemos considerar nesse período as peculiaridades de cada obra, nas quais encontramos uma abordagem de temas inovadores contextualizados numa perspectiva descentralizadora. O momento histórico em que se situa o pré-modernismo foi marcado pela Revolução de Canudos (1896-1897) na Bahia, pelo Ciclo do Cangaço, pelos milagres de Padre Cícero no Ceará, gerando clima de histeria fanático-religiosa, pelo Ciclo da Borracha, além da Revolta da Chibata (1910), no Rio de Janeiro, da Revolta contra a vacina obrigatória (varíola) – Oswaldo Cruz (1904). O contexto político era a República do café-com-leite (grandes proprietários rurais). Foi a época da imigração, sobretudo de italianos, do surto de urbanização de São Paulo, das greves gerais de operários (1917). Um período marcado por contrastes da realidade brasileira – Sudeste em prosperidade e Nordeste na miséria.

Neste contexto surgem os autores que agora estudaremos:

EUCLIDES DA CUNHA

Escreveu “*Os Sertões*”, obra estruturada em três partes: a terra, o homem e a luta, a partir de reportagens do autor para o jornal o Estado de São Paulo. Possui viés determinista, em “*Os Sertões*”, Euclides da Cunha compõe um tratado sobre a influência do meio (o sertão), um estudo etnográfico sobre o nordestino, e um relato do bárbaro massacre que ocorreu em Canudos.

FRAGMENTO:

“Antônio Conselheiro há vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do Norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, entretidos de exageros e quase lendários, os episódios mais interessantes de sua vida romanesca; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; vinha de uma peregrinação incomparável, de um quarto de século, por todos os recantos do sertão, onde deixara como enormes marcos, demarcando-lhe a passagem, as torres de dezenas de igrejas que construía; fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Chorrochó à Vila do Conde, de Itapicuru a Jeremoabo, não havia uma só vila, ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um templo ou a dádiva providencial de um açude; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinzas dos editais das câmaras de cidades que invadira; destroçara completamente, em 1893, forte diligência policial, em Macete, e fizera voltar outra, de oitenta praças de linha, que seguira até Serrinha; em 1894, fora, no Congresso Estadual da Bahia, assunto de calorosa discussão na qual, impugnando a proposta de um deputado, chamando a atenção dos poderes públicos para a “parte dos sertões perturbada pelo indivíduo Antônio Conselheiro”, outros eleitos do povo, e entre eles um sacerdote, apresentaram-no como benemérito do qual os conselhos se modelavam pela ortodoxia a cristã mais rígida; fizera voltar, abortícia, em 1895, a missão apostólica planeada pelo arcebispo baiano, e no relatório alarmante a propósito escrito por frei João Evangelista afirmara o missionário a existência, em Canudos — excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos — de mil homens, mil homens robustos e destemerosos “armados até aos dentes”; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que o rodeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam... E achou-se suficiente para debelar uma situação de tal porte uma força de cem soldados.” (Euclides da Cunha – Os Sertões)

GRAÇA ARANHA

Escreveu Canã, obra que discute a situação dos imigrantes alemães no Espírito Santo, e os conflitos decorrentes desta colonização, mesclando estilos diversos como a defesa de teses racionalistas, descrições naturalistas e trechos impressionistas.

A TRAGÉDIA DE MARIA

FRAGMENTOS

E o que tinha de acontecer, acontecia... No meio do cafezal que estava a limpar, Maria, que já desde a véspera vinha sofrendo, sentiu repentinamente uma dor aguda nas entranhas, como de uma violenta punhalada. Caiu pesada no chão, o corpo se lhe retorceu todo e o rosto desmaiado desfigurou-se numa contorção medonha. A dor fora viva e passageira e logo que a rapariga voltou a si, assaltada por um grande terror, o seu primeiro movimento foi de se recolher a casa e aí, no abrigo doméstico, esperar o desenlace da crise. Teve, porém, medo de afrontar a ira dos patrões, que dia e noite ameaçavam despedi-la, para se furtarem ao incômodo do tratamento.

Tomada de medo, abandonou o serviço e, afastando-se o mais possível da casa, deixou o cafezal e aventurou-se para o lado do rio, onde era mais deserto. Aí, no terreno inculto e bravo, as únicas árvores que havia eram esparsos cajueiros muito derreados, esgalhando-se pelo chão. Maria sentou-se debaixo duma dessas árvores que naquela época estavam em flor.

Em torno fungavam os porcos, remexendo as folhas secas do cajueiro, chegando mesmo alguns mais atrevidos, mais vorazes, a lamber afoitamente o chão ... Maria, horrorizada, queria afugentá-los, mas as dores a retomavam, imperiosas; nem mesmo tinha forças para um grito agudo, e só podia gemer estrebuchando numa mistura de sofrimento e de gozo, que a estimulava estranhamente ... E os porcos persistiam sinistros, ameaçadores ... Subitamente, ela caiu extenuada, largando a árvore ... Um vagido de criança misturou-se aos roncões dos animais ... A mulher fez um cansado gesto para apanhar o filho, mas exangue, débil, o braço morreu-lhe sobre o corpo. Uma vertigem turbou-lhe a visão, enfraqueceu-lhe os ouvidos, e numa volúpia de bem-estar parecia deliciosamente suspensa nos ares, longe da Terra, longe do sofrimento, ouvindo no arfar dos porcos o resfolegar longínquo e adormecido do mar ... E os animais sedentos enchafurdavam-se, guinchando, atropelando-se no sangue que corria, Um novo gemido saiu do peito de Maria, despertando-a, em sobressalto. Os porcos afastaram-se espantados, e ela, meio consciente, contorceu-se, mirou atônita a criança, que vagia estrangulada (ARANHA, Graça. Canã.).

LIMA BARRETO

Por meio do nacionalismo exacerbado do Major Quaresma, personagem da obra *“Triste fim de Policarpo Quaresma”*, e de sua frustração ao conhecer a triste realidade brasileira, Lima Barreto (dos pré-modernistas o mais próximo do modernismo), faz uma severa crítica social, usando uma linguagem leve e fluente, propositadamente informal.

FRAGMENTO

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira sorradeira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? (...) Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E: que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a Pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. (...) Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas. Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! O tupi encontrou a incredulidade geral. O riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. Às terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. A Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. (BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma.).

MONTEIRO LOBATO

Este autor, na obra “*Urupês*”, denunciou a situação problemática e decadente do vale do Paraíba (interior de São Paulo), após o declínio do café. Lobato retrata, neste livro de contos, a vida da população miserável, doente e sem recursos que abandona as pequenas cidades em busca de alternativas e é simbolizada pela figura do Jeca Tatu.

FRAGMENTO

“Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O vigor das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente. No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive”. (LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Brasiliense: São Paulo.).

HUGO DE CARVALHO RAMOS

“*Tropas e Boiadas*” é a principal obra deste autor e a primeira formadora de uma tradição literária goiana. Para a crítica especializada esse livro, que mistura contos e crônicas, contribuiu para os fundamentos do regionalismo literário. O professor Heleno de Godoy, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, ressalta que *Tropas e Boiadas* é a única obra goiana que é referência em todos os livros de literatura brasileira. Sem esse livro, não existiria a tradição literária capaz de insuflar o surgimento da obra de Bernardo Elis e do mineiro Guimarães Rosa.

Ninho de periquitos (conto transcrito na íntegra)

(Publicado na Folha da Manhã, domingo, 18 de setembro de 1949. – Neste texto foi mantida a grafia original)

Abrandando a canicula pelo virar da tarde, abandonou a rede de imbira onde se entretinha arranhando uns respontos na viola, após farta cuia de jacuba de farinha de milho e rapadura que bebera em silencio, às largas colheradas, e saiu ao terreiro, onde demorou a afiar numa pedra piçarra o corte da foice.

Era pelo domingo, vespereiras quase da colheita. O milharal estendia-se alem, na baixada das velhas terras devolutas, amarelado já pela quebra, que realizara dias antes, e o veranico, que andava duro na quinzena.

Enquanto amolava o ferro, no proposito de ir picar uns galhos de coivara no fundo do plantio para o fogo da cozinha, o Janjão rondava em torno, rebolando na terra, olho aguçado para o trabalho paterno.

— Não se esqueça, o papá, dos filhotes de periquito que ficavam lá no fundo do grotão, entre as macegas espinhosas de “malícia”, num cupim velho do pé de maria-preta. Não esquecesse...

O roceiro andou lá pelos fundos da roça, a colher uns pepinos temporões, foi ao paiol de palha de arroz mais uma vez avaliando com a vista se possuía capacidade precisa para a rica colheita do ano; e, tendo ajuntado os gravetos e uns cernes de coivara, amarrava o feixe e ia já a recolher caminho de casa, quando se lembrou do pedido do pequeno.

— Ora, deixassem lá em paz os passarinhos.

Mas naquele dia assentava o Janjão a sua primeira dezena tristonha de anos e, pois, não valia por tão pouco amuá-lo.

O caipira pousou a braçada de lenha, encostando-a à cerca do roçado; passou a perna por cima e, pulando do outro lado, as alpercatas de couro cru a pisar forte o espinharal ressequido que estralejava, entranhou-se pelo grotão — nesses dias sem pinga dagua — galgou a barroca fronteira e endireitou rumo da maria-preta, que abria ao mormaço crepuscular da tarde a galharada esguia, toda tostada, desde a época de queima, pelas lufadas de fogo que subiam da malhada. Ali mesmo, na bifurcação do tronco, assentada sobre a forquilha da árvore, à altura do peito, escancarava a boca negra para o nascente a casa abandonada dos cupins, onde um casal de periquitos fizera ninho essa estação.

O lavrador alçou com cautela a destra calosa, rebuscando lá por dentro os dois borrachos. Mas tirou-a num repente, surpicada incisiva, dolorosa, rasgara-lhe por dois pontos, vivamente, a palma da mão.

E enquanto olhava admirado, uma cabeça disforme, oblonga, encimada à testa duma cruz, aparecia à aberta do cupinzeiro, fitando-o persistente, com seus olhinhos redondos, onde uma chispa má luzia malignamente...

O matuto sentiu uma frialdade mortuária percorrendo-o ao longo da espinha...

Era uma urutu, a terrível urutu do sertão, para a qual nem a mezinha doméstica, nem a dos campos, possuíam salvação...

— Perdido... completamente perdido...

O réptil, mostrando a língua bifida, chispando as pupilas em colera, a fitá-lo ameaçador, preparava-se para novo ataque ao importuno que viera arrancá-lo da sesta. O caboclo, voltando a si do estupor, num gesto instintivo, sacou da bainha o largo “jacaré” inseparável e amputou-lhe a cabeça dum golpe certo.

Então, sem vacilar, num movimento inda mais brusco, apoiando a mão molesta à casca carunchosa da árvore, decepou-a noutro golpe, cerce quase à juntura do pulso.

E enrolando o punho preendido. É que uma mutilado na camisola de algodão, que foi rasgando entre os dentes, saiu do cerrado, calcando duro, sobranceiro e altivo, rumo de casa, como um deus selvagem e triunfante apontando a mata companheira, mas assassina, mas perfidamente traiçoeira...

AUGUSTO DOS ANJOS

A crítica insere o poeta Augusto dos Anjos no pré-modernismo dada à originalidade de sua obra, tanto com relação aos temas, quanto em relação ao vocabulário utilizado em seus poemas. Este poeta alia o apuro formal parnasiano a temas científicos naturalistas e faz de sua única obra publicada em vida, o livro intitulado “Eu”, uma peça particular.

Eterna Mágoa

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda!

Psicologia de um vencido

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.*

*Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.*

*Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!*

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS**01 | ENEM****Negrinha**

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fuscada, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nasceria na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gordada, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- A** falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- B** receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- C** ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- D** resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.
- E** rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

Resolução:

D O autor pré-modernista, Monteiro Lobato, ironiza a personagem da “patroa” mostrando como alguém que ao mesmo tempo é tão virtuosa pode não aceitar a liberdade dos negros.

02 | PUCRS Leia o fragmento que segue.

“A travessia foi penosamente feita. O terreno inconsistente e móvel fugia sob os passos aos caminhantes; remorava a tração das carretas absorvendo as rodas até ao meio dos raios; opunha, salteadamente, flexíveis barreiras de espinheirais, que era forçoso destramar a facção;

e reduplicava, no reverberar intenso das areias, a adustão da canícula. De sorte que ao chegar à tarde, à “Serra Branca”, a tropa estava exausta.

Exausta e sequiosa. Caminhara oito horas sem parar, em pleno arder do sol bravio do verão.”

O fragmento pertence ao livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que relata a Guerra de Canudos, travada no Nordeste brasileiro entre os homens liderados por Antônio Conselheiro e as tropas militares republicanas.

Neste trecho da obra,

- I. alternam-se a linguagem coloquial e a inconformidade com a exploração do homem pelo homem.
- II. a complexidade vocabular e o predomínio da descrição constituem características marcantes.
- III. a reiteração de expressões regionais e a preocupação com a condição humana permeiam o ponto de vista do narrador.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

- A** I, apenas.
- B** II, apenas.
- C** III, apenas.
- D** I e III, apenas.
- E** I, II e III.

Resolução:

B *O autor não faz uso da linguagem coloquial, portanto o item I está incorreto, e também não faz uso, na obra, da reiteração de expressões regionais.*

03| ENEM Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado Paranoia ou Mistificação:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. (...) A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. (...). Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & cia.

O Diário de São Paulo, dez./1917.

Em qual das obras a seguir identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?

A



Acesso a Monte Serrat – Santos

B



Vaso de Flores

C



A Santa Ceia

D



Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco

E



A Boba

Resolução:

E *A Boba é um quadro de Anita Malfatti. Nota-se que ele é o único, entre as alternativas, que dialoga com a crítica do autor por apresentar traços do expressionismo (“à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes”).*

04| UFRGS Considere as seguintes afirmações sobre obras de Monteiro Lobato.

- I. Em “Urupês”, “Cidades Mortas” e “Negrinha”, ele produz uma literatura comprometida predominantemente com os problemas socioeconômicos do Brasil.
- II. Em “Urupês”, ele atribui a culpa pelo atraso do Brasil ao caboclo, por ele ser acomodado e inadaptável às mudanças necessárias ao desenvolvimento.
- III. O título “Cidades Mortas” alude às cidadezinhas do interior de São Paulo, que perderam a sua importância econômica face à Capital.

Quais estão corretas?

- A** Apenas I.
- B** Apenas II.
- C** Apenas III.
- D** Apenas I e II.
- E** I, II e III.

Resolução:

E *Todos os itens são verdadeiros.*

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Leia o poema Versos Íntimos, de Augusto dos Anjos, e responda as questões seguintes:

Versos Íntimos

Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

- 01|** Comente a postura de Augusto dos Anjos em relação à vida e sua seleção vocabular e relacione-as com a temática do poema.
- 02|** Como você caracterizaria o falante em relação ao interlocutor? Justifique sua resposta apontando os elementos gramaticais de que se vale o falante nos enunciados.
- 03|** Identifique no poema qual a perspectiva que o eu lírico tem sobre a morte. Transcreva o verso que comprove sua resposta.
- 04|** Relacione as informações que você possui sobre Augusto dos Anjos e sobre Pré-modernismo aos procedimentos de construção do poema acima. Quais características do autor e do período podem ser percebidas no texto?

T ENEM E VESTIBULARES

01| ACAFE Considerando o contexto histórico descrito no texto a seguir, assinale a alternativa **correta** quanto à produção literária no Brasil.

“Na Europa, a segunda Revolução Industrial promoveu modificações profundas. Inovações tecnológicas desenvolveram a produção em massa de bens diversos. As cidades cresceram muito (em detrimento do campo), e formou-se um proletariado que logo começou a organizar-se politicamente. E, dentro desse contexto, as artes mudaram: a belle époque assiste a uma sucessão de movimentos artísticos revolucionários.”

(LAFETÁ, 1982, p. 99)

- A** Na literatura rompeu-se com a tradição clássica, imposta pelo período árcade, e apresentaram-se novas concepções literárias, dentre as quais podem ser apontadas: a observação das condições do estado de alma, das emoções, da liberdade, desabafos sentimentais, valorização do índio, a manifestação do poder de Deus através da natureza acolhedora ao homem, a temática voltada para o amor, para a saudade, o subjetivismo.
- B** Os escritores brasileiros abordaram a realidade social do país, destacando a vida nos cortiços, o preconceito, a diferenciação social, entre outros temas. O homem é encarado como produto biológico passando a agir de acordo com seus instintos, chegando a ser comparado com os animais (zoomorfixação).
- C** O romance focou o regionalismo, principalmente o nordestino, onde problemas como a seca, a migração, os problemas do trabalhador rural, a miséria, a ignorância foram ressaltados. Além do regionalismo, destacaram-se também outras temáticas; surgiu o romance urbano e psicológico, o romance poético-metafísico e a narrativa surrealista.
- D** As características comuns às obras literárias brasileiras desse período são: a ruptura com a linguagem pomposa parnasiana; a exposição da realidade social brasileira; o regionalismo; a marginalidade exposta nas personagens e associação aos fatos políticos, econômicos e sociais.

02| UEPB Considere as afirmações:

- I. Ambientando suas obras preferencialmente na capital do país, o Rio de Janeiro, Lima Barreto criou uma constelação de tipos humanos e de suas relações, antecipando-se a uma visão multiétnica e multicultural do país.
- II. O Rio de Janeiro de Lima Barreto é uma cidade em transformação, um turbilhão político-cultural, onde a nascen-

te cultura de massa, sobretudo música e cinema, aliada à imigração, também em massa, e às novas demandas advindas da abolição, são importantes não só para mudar a face do país, mas também de sua literatura.

III. Lima Barreto foi sem dúvida um dos grandes cronistas da Primeira República. Em sua obra, que contém praticamente todos os gêneros narrativos, romance, conto, crônica, anedota, põe em cena muitos dos personagens históricos de seu tempo.

- A** Nenhuma está correta.
- B** Apenas II e III estão corretas.
- C** Apenas I e II estão corretas.
- D** Apenas I está correta.
- E** Todas estão corretas.

03| UFRGS A obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, está dividida em três partes: *A terra*, *O homem* e *A luta*. Esses três elementos, no entanto, são interdependentes: a luta do homem em determinada terra.

Assinale a alternativa que exemplifica essa interdependência entre as três partes do livro, nos fragmentos abaixo.

- A** Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o nordeste nos ermos; e, como cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos...
- B** É que nessa concorrência admirável dos povos, evoluindo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso.
- C** Para todos os rumos e por todas as estradas e em todos os lugares, os escombros carbonizados das fazendas e dos pousos, avultavam, insulando o arraial num grande círculo isolador, de ruínas. Estava pronto o cenário para um emocionante drama da nossa história.
- D** (...) as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu.
- E** O clima extremava-se em variações enormes: os dias repontavam queimados, as noites sobrevinham frigidíssimas.

04 | ENEM

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
 Monstro de escuridão e rutilância,
 Sofro, desde a epigênese da infância,
 A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
 Este ambiente me causa repugnância...
 Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
 Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
 Que o sangue podre das carnificinas
 Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
 E há de deixar-me apenas os cabelos,
 Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A poesia de Augusto dos Anjos revela aspectos de uma literatura de transição designada como pré-modernista.

Com relação à poética e à abordagem temática presentes no soneto, identificam-se marcas dessa literatura de transição, como

- A** a forma do soneto, os versos metrificados, a presença de rimas e o vocabulário requintado, além do ceticismo, que antecipam conceitos estéticos vigentes no Modernismo.
- B** o empenho do eu lírico pelo resgate da poesia simbolista, manifesta em metáforas como “Monstro de escuridão e rutilância” e “influência má dos signos do zodíaco”.
- C** a seleção lexical emprestada ao cientificismo, como se lê em “carbono e amoníaco”, “epigênese da infância” e “frialdade inorgânica”, que restitui a visão naturalista do homem.
- D** a manutenção de elementos formais vinculados à estética do Parnasianismo e do Simbolismo, dimensionada pela inovação na expressividade poética, e o desconcerto existencial.
- E** a ênfase no processo de construção de uma poesia descritiva e ao mesmo tempo filosófica, que incorpora valores morais e científicos mais tarde renovados pelos modernistas.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 6 QUESTÕES

Recordações do escrivão Isaías Caminha

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, nem os imitar. ¹São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, ²só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É esse o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. (...) ⁵Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. ⁶Mas não é a ambição literária que me move ao procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.

⁷Entretanto, quantas dores, quantas angústias! ²Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, ¹⁰repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. (...) Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro — que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam. Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhada, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite afora, grita-me do quarto:

³– Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que ¹¹me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... ¹²Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximando-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. ¹³Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer.

(...) ⁸Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar. ⁴Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum, e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de fato tinha sentido.

LIMA BARRETO

Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

05| UERJ O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção. Esse recurso está exemplificado principalmente em:

- A** São em geral de uma lastimável limitação de ideias, (ref. 1)
- B** Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. (ref. 2)
- C** – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã! (ref. 3)
- D** Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum, (ref. 4)

06| UERJ O personagem parece julgar quase todos que o rodeiam, mas não se exige de julgar também a si mesmo. Um julgamento autocrítico de Isaías Caminha está melhor ilustrado no seguinte trecho:

- A** Confesso que os leio, que os estudo, (ref. 5)
- B** Mas não é a ambição literária que me move (ref. 6)
- C** Entretanto, quantas dores, quantas angústias! (ref. 7)
- D** Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti (ref. 8)

07| UERJ Na descrição de sua situação e de seus sentimentos, o narrador utiliza diversos recursos coesivos, dentre eles o da adição. O fragmento do texto que exemplifica o recurso da adição está em:

- A** repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. (ref. 10)
- B** me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... (ref. 11)
- C** Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, (ref. 12)
- D** Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil (ref. 13)

08| UERJ O personagem Isaías Caminha faz críticas àqueles que ele denomina “literatos”. No primeiro parágrafo, podemos entender que os chamados literatos são escritores com a característica de:

- A** carecer de bons leitores
- B** negar o talento individual
- C** repetir regras consagradas
- D** apresentar erros de escrita

09| UERJ *só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar*, (ref. 9)

Esse trecho se refere à utilização do seguinte método de argumentação:

- A** indutivo
- B** dedutivo
- C** dialético
- D** silogístico

10| UERJ O emprego de sinais de pontuação contribui para a construção do sentido dos textos. O emprego de exclamações, no segundo parágrafo, reforça o seguinte elemento relativo ao narrador:

- A** ironia
- B** mágoa
- C** timidez
- D** insegurança

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Apóstrofe à carne

*Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:*

*– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.*

*E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!*

*Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,*

*Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!*

(Augusto dos Anjos. Obra completa, 1994.)

11| UNIFESP No plano formal, o poema é marcado por

- A versos brancos, linguagem obscena, rupturas sintáticas.
- B vocabulário seletivo, rimas raras, aliterações.
- C vocabulário antilírico, redondilhas, assonâncias.
- D assonâncias, versos decassílabos, versos sem rimas.
- E versos livres, rimas intercaladas, inversões sintáticas.

12| UNIFESP No soneto de Augusto dos Anjos, é evidente

- A a visão pessimista de um “eu” cindido, que desiste de conhecer-se, pelo medo de constatar o já sabido de sua condição humana transitória.
- B o transcendentalismo, uma vez que o “eu” desintegram-se objetiva alçar voos e romper com um projeto de vida marcado pelo pessimismo e pela tortura existencial.
- C a recorrência a ideias deterministas que impulsionam o “eu” a superar seus conflitos, rompendo um ciclo que naturalmente lhe é imposto.
- D a vontade de se conhecer e mudar o mundo em que se vive, o que só pode ser alcançado quando se abandona a desintegração psíquica e se parte para o equilíbrio do “eu”.
- E o uso de conceitos advindos do cientificismo do século XIX, por meio dos quais o poeta mergulha no “eu”, buscando assim explorar seu ser biológico e metafísico.

13| UFRN Parte do capítulo IX (“Transição”), de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi meu grão pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada.

(ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 2000.)

Trecho do conto “O fisco (conto de Natal)”, publicado em 1921 e integrante do livro *Negrinha*, de Monteiro Lobato:

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de espichar o pé, o homem rosou aquela terrível interpelação inicial:

– Então, cachorrinho, que é da licença?

(LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008, p. 71)

Da leitura comparada do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e do conto “O fisco”, de Monteiro Lobato, pode-se afirmar que,

- A tanto no romance quanto no conto, a crítica social dirige-se principalmente à hipocrisia da burguesia.
- B no romance, a crítica social dirige-se à hipocrisia da burguesia; no conto, à opressão do poder público aos desvalidos.
- C tanto no romance quanto no conto, a crítica social dirige-se principalmente à opressão do poder público aos desvalidos.
- D no romance, a crítica social dirige-se à opressão do poder público aos desvalidos; no conto, dirige-se à hipocrisia da burguesia.

14| UFRN Considere o seguinte trecho do conto “O fisco (conto de Natal)”, publicado em 1921 e integrante do livro *Negrinha*, de Monteiro Lobato:

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de espichar o pé, o homem rosou aquela terrível interpelação inicial:

– Então, cachorrinho, que é da licença?

(LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008, p. 71)

O trecho em destaque apresenta um episódio ocorrido em um parque. No contexto da narrativa, a cena ilustra:

- A um confronto entre a autoridade constituída e o menino que insiste na desobediência à lei.
- B um encontro amigável entre o menino engraxate e um cliente.
- C uma conversa amistosa entre as personagens, de posições sociais distintas.
- D uma relação de desigualdade entre as personagens, determinada pela força repressiva.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES

Texto I

MEC quer rever veto a livro de Monteiro Lobato

O ministro da Educação, Fernando Haddad, pedirá que (sic) o CNE (Conselho Nacional de Educação) reveja o parecer que recomendou restrições à distribuição do livro “*Caçadas de Pedrinho*”, de Monteiro Lobato, em escolas públicas. O Conselho de Educação quer vetar livro de Monteiro Lobato em escolas.

Como revelou a Folha, o conselho sugeriu que a obra não seja distribuída pelo governo ou, caso isso seja feito, que contenha uma “nota explicativa”, devido a um suposto teor racista.

Haddad disse ter recebido diversas reclamações de educadores e especialistas contra a decisão do CNE. “Foram muitas manifestações para que o MEC afaste qualquer hipótese de censura a qualquer obra”, afirmou.

Ele disse não ver racismo na obra, mas ainda assim não descartou o contexto em que determinada obra foi escrita quando isso for considerado necessário. Para o ministro, qualquer que seja a decisão do CNE, ela deverá valer para todos os livros e não para apenas um específico.

(PINHO, Angela. In: <http://www.substantivoplural.com.br/monteiro-lobato-e-a-proibicao-da-cacada-de-pedrinho/>. Acessado em 09/09/2011)

Texto II

Monteiro Lobato e a proibição da “Caçada de Pedrinho”

Meus amigos e amigas,

Estou muito preocupado com essa proibição ao livro “*Caçadas de Pedrinho*”, escrito por Monteiro Lobato em 1933. Estou aqui com as obras completas do Lobato e já consultei o seu grande biógrafo Edgard Cavalheiro e não vejo razão para essa proibição. Aprendi a gostar de ler com Monteiro Lobato. Li o *D. Quixote das Crianças* do Lobato e nunca mais deixei de ler a grande obra prima de Cervantes. Vasculhei o céu com Lobato numa “*Viagem ao Céu*”. Li sobre o explorador Hans Staden e me encantei com *Os Doze Trabalhos de Hércules* recontado por esse grande escritor e editor.

Monteiro Lobato reinventou o Brasil. Em alguns aspectos inventou-o. Foi um grande nacionalista e lutou pelo nosso petróleo e recursos minerais. Foi um grande editor quando no Brasil quase não havia editoras. Um grande tradutor que lutou incansavelmente pelo Brasil. *As Aventuras do Picapau Amarelo* foram transportadas para a televisão e ainda hoje encantam gerações de todas as idades.

Com relação à obra proibida “*Caçadas do Pedrinho*”, e a justificativa das palavras preconceituosas e estereotipadas “trepas” e “negra”, que não ajudariam na educação com base “nos estudos atuais e críticos que discutem a presença de estereótipos raciais na literatura” acho a justificativa sem propósito e um grave atentado contra a livre expressão e ao fazer literário e artístico.

Por isso mesmo meus protestos contra essa agressão a um dos mais criativos e nacionalistas escritores do Brasil. Urubu é negro, macaco trepa; assim como tem gente negra e que trepa. Não vejo razão para colocar a obra num índice proibitivo. E são negros os olhos da minha amada. Cacemos Pedrinho! Vou fazer a minha perna de pau e colocar sebo para a onça não pegar.

(MATA, João da. In: <http://www.substantivoplural.com.br/monteiro-lobato-e-a-proibicao-da-cacada-de-pedrinho/>. Acessado em 09/09/2011)

15 | UEPA No Texto II, a frase que revela uma opinião do autor sobre a proibição do livro de Monteiro Lobato “*Caçadas de Pedrinho*” é:

- A** estou muito preocupado com essa proibição ao livro “*Caçadas de Pedrinho*”.
- B** foi um grande nacionalista e lutou pelo nosso petróleo e recursos minerais.
- C** a noite é negra sem luar e ninguém pode mudar a natureza.
- D** um grave atentado contra a livre expressão e ao fazer literário e artístico.
- E** vou fazer a minha perna de pau e colocar sebo para a onça não pegar.

16 | UEPA Sobre os Textos I e II, é correto afirmar que:

- I. Ambos são contrários a qualquer proibição.
- II. O Texto II afirma que não cabe como livro de formação para crianças.
- III. No Texto I, constata-se, nesse caso, a volta da censura.
- IV. No Texto I, é possível vislumbrar certa defesa a favor da obra em questão.

De acordo com as afirmativas acima, a alternativa correta é:

- A** I e II
- B** I e IV
- C** II e III
- D** III e IV
- E** I e III

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Ter consciência de que toda língua apresenta variações e que estas são resultado do caráter dinâmico da linguagem torna o candidato capaz de se comunicar em toda e qualquer situação de comunicação e interação. Este conhecimento é o ponto de partida para o reconhecimento dos diversos tipos de variação, tais como:

- **variação sociocultural:** dada em função da idade, sexo, nível de escolaridade, condições econômicas do falante e/ou do grupo social em que ele está inserido.
- **variação geográfica:** dada em função da região em que o falante vive.
- **variação histórica:** tempo (época) em que o falante está inserido.
- **variação situacional:** revela a situação específica em que se realiza o ato de comunicação

Essas variações, muitas vezes, definirão os sentidos dos textos apresentados para análise. Além disso, este conhecimento permite que deixemos de lado possíveis preconceitos e segregações linguísticas e respeitemos toda e qualquer forma de se comunicar e se expressar.

TEXTO PARA REFLEXÃO

Burro não é quem escreve “errado”. Burro é quem discrimina.

Algumas das pessoas mais sábias que conheci são iletradas. E alguns dos maiores idiotas têm doutorado. Às vezes, mais de um. Significa que os iletrados são melhores que os doutores? Não.

Então, o contrário? Também não.

O nível de escolaridade e a forma através da qual uma pessoa se expressa muitas vezes é irrelevante frente ao conteúdo que pode agregar a uma discussão.

Se ela conseguiu fazer com que os outros a entendessem, ótimo, fez-se a comunicação.

Muita gente não entendeu isso ainda e desvaloriza a opinião do outro porque este separou sujeito e predicado com vírgula. Mesquinhos, sabe? Isso quando não oprimem quem não sentou em bancos de escola.

Mas o que esperar de uma sociedade em que pipocam pessoas que desconsideram o interlocutor por não saber acertar uma concordância verbal ou conjugar um verbo?

– Meu Deus! Você não sabe flexionar o verbo “funhunhar” no futuro do subjuntivo? É um desqualificado ignorante que merece meu desprezo...

E na qual o domínio da norma culta (que, convenhamos, é um porre) é alçado à condição de passaporte para a participação nas discussões sobre o destino do mundo.

A língua é construída pela boca das pessoas no dia-a-dia e não por meia dúzia de iluminados. É dinâmica, em constante mutação e, para sobreviver, não precisa de formalismos – que são exatamente isso, construções, muitas vezes definidas pelo grupo hegemônico.

Como dizer que uma pessoa que nasceu e cresceu falando português e sempre se fez entender está errada ?

Dizer que um pescador, um vendedor ambulante, a vendedora do tabuleiro de doces, uma quilombola ou ribeirinha ou um operário da construção civil que não usem a norma culta “desconhecem a própria língua” não é uma ação pedagógica e sim um ato político.

Excludente.

Que usa uma justificativa supostamente técnica para manter do lado de fora dos debates sobre o futuro a maior parte da sociedade brasileira.

A quem interessa a manutenção desse comportamento? A quem está no poder e, muitas vezes, usa a língua como instrumento de coerção.

Que faz o restante – que não foi chamado para o Grande Rega-Bofe – acreditar que política é coisa de gente culta e estudada. E, portanto, melhor eles ficarem de fora e só entrarem para encher as taças de vinho ou trazer os canapés.

No sufrágio que se aproxima, não seja.

Niilista: defenestre – de forma paradigmática – quem maquiavelicamente oblitera a democracia por diletantismo ou dolo. Traduzindo: dê uma banana a quem não quer que você entenda nada.

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Para que serve a linguagem?

O teórico Saussure, apoiado pela dicotomia social/individual, cria a distinção entre língua e fala, a qual constitui a base da teoria estrutural da linguagem. Para este teórico, a língua é um fato social e a fala um ato individual, e uma não acontece sem a outra.

Além desta perspectiva estrutural, que deu início aos estudos científicos da língua, precisamos ter em mente que a linguagem é a ferramenta mais importantes para apreensão e comunicação das coisas e com as coisas do mundo.

A cada mensagem que enviamos, recebemos ou compartilhamos, de forma verbal ou não verbal, exercemos nossa função de constituintes do discurso. Isso será fundamentado por objetivos distintos, tais como: informar, argumentar, entreter, emocionar, persuadir, entre outros.

A partir desta multiplicidade das funções da linguagem, temos:

- **FUNÇÃO INFORMATIVA (OU REFERENCIAL)** – a finalidade deste tipo de linguagem é informar; o foco desta função é o assunto, o conteúdo da mensagem.
- **FUNÇÃO EMOTIVA (OU EXPRESSIVA)** – tem como finalidade evidenciar o mundo do emissor, sua subjetividade, seus sentimentos e emoções; o foco desta função é o emissor.
- **FUNÇÃO APELATIVA (OU CONATIVA)** – tem como finalidade expressar pedidos, ordens, sugestões, o foco desta função é o destinatário.
- **FUNÇÃO FÁTICA** – tem como finalidade estabelecer contato com o emissor, verificar se o emissor recebe a mensagem; o foco desta função é o canal.
- **FUNÇÃO METALINGUISTICA** – nesta função, a linguagem é empregada para dizer da própria linguagem; o foco desta função é o código linguístico.
- **FUNÇÃO POÉTICA** – nesta função a ênfase encontra-se centrada na própria mensagem, nos recursos expressivos, no prazer estético, na forma com que foi criada.

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 | Por que a função estético-literária prevalece sobre a função referencial em:

'Me pegue pelos cabelos, sinta meu cheiro, me jogue pelo ar, me leve pro seu banheiro...' acabou de entrar. Sempre usa um provérbio, trecho de música ou nick sedutores. Adora usar trechos de funk ou pagode com duplo sentido. Está há 6 meses sem dar um tapa na macaca e está doida pra arrumar alguém pra fazer o servicinho.

Resolução:

A função referencial tem como finalidade a comunicação de informações, sendo sinônima de linguagem denotativa. Ela é mais comum em notícias, reportagens, textos de manuais escolares ou obras de caráter científico, não sendo muito usual em letras de música nas quais normalmente a linguagem não tem uma função informativa. Neste trecho, existe clara intenção do autor da notícia em imitar o estilo literário do funk ou pagode com duplo sentido: "Está há 6 meses sem dar um tapa na macaca e está doida pra arrumar alguém pra fazer o servicinho".

02 | O texto a seguir é uma narrativa ficcional que se refere à própria ficção. Qual função da linguagem predominante no texto? Transcreva o trecho que melhor comprove sua resposta

O tempo em que o mundo tinha a nossa idade

⁵Nesse entretanto, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. ¹As histórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho. ⁹Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. ⁶Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. ¹⁰Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar. Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Lhe encontrávamos coberto de formigas. Parece que os insectos gostavam do suor docicado do velho Taímo. ⁷Ele nem sentia o corrupio do formigueiro em sua pele.

– Chiças: transpiro mais que palmeira!

Proferia tontices enquanto ia acordando. ⁸Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. Taímo nos sacudia a nós, incomodado por lhe dedicarmos cuidados.

²Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos tran-sabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Mi-nha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

– Venham: papá teve um sonho!

³E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do ve-lho, estorinhador como ele era.

– Nem duvidem, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa criançice, tempos afora. ⁴Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. ¹¹Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. (...)

Mia Couto

Terra sonâmbula. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

Resolução:

A metalinguagem é a função presente no texto e acontece quando o autor usa a narrativa para falar sobre as “estórias”, ou seja, a narrativa deste texto conta das narrativas do velho Taímo: “As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo”.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01|



XAVIER, C. Disponível em: www.releituras.com. Acesso em: 24 abr. 2010. (Foto: Reprodução)

Os objetivos que motivam os seres humanos a estabelecer comunicação determinam, em uma situação de interlocução, o predomínio de uma ou de outra função de linguagem. Nesse texto, predomina a função que se caracteriza por fazer um exercício de reflexão a respeito dos princípios que estruturam a forma e o conteúdo de um livro. Como isso se dá?

02|

A diva

Vamos ao teatro, Maria José?

Quem me dera,

desmanchei em rosca quinze quilos de farinha, tu podre. Outro dia a gente vamos.

Falou meio triste, culpada, e um pouco alegre por recusar com orgulho. TEATRO! Disse no espelho. TEATRO! Mais alto, desgrenhada. TEATRO! E os cacós voaram sem nenhum aplauso. Perfeita.

PRADO, A. Oráculos de maio. São Paulo: Siciliano, 1999.

Os diferentes gêneros textuais desempenham funções sociais diversas, reconhecidas pelo leitor com base em suas características específicas, bem como na situação comunicativa em que ele é produzido. Assim, o texto “A diva” surpreende o leitor pelo seu efeito poético. Por quê?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sendo este um jornal por excelência, e por excelência dos precisa-se e oferece-se, vou pôr um anúncio em negrito: precisa-se de alguém homem ou mulher que ajude uma pessoa a ficar contente porque esta está tão contente que não pode ficar sozinha com a alegria, e precisa re-parti-la. Paga-se extraordinariamente bem: minuto por minuto paga-se com a própria alegria. É urgente, pois a alegria dessa pessoa é fugaz como estrelas cadentes, que até parece que só se as viu depois que tombaram; precisa-se urgente antes da noite cair porque a noite é muito perigosa e nenhuma ajuda é possível e fica tarde demais. Essa pessoa que atenda ao anúncio só tem folga depois que passa o horror do domingo que fere. Não faz mal que venha uma pessoa triste porque a alegria que se dá é tão grande que se tem que a repartir antes que se

transforme em drama. Implora-se também que venha, implora-se com a humildade da alegria-sem-motivo. Em troca oferece-se também uma casa com todas as luzes acesas como numa festa de bailarinos. Dá-se o direito de dispor da copa e da cozinha, e da sala de estar. P.S. Não se precisa de prática. E se pede desculpa por estar num anúncio a dilacerar os outros. Mas juro que há em meu rosto sério uma alegria até mesmo divina para dar.

Clarice Lispector

(<http://pensador.uol.com.br/frase>. Acesso dia 30/05/2012, 17h03min)

- 03|** Quanto à classificação do gênero textual e à função da linguagem predominante no texto, pode-se dizer que se trata de um classificados com função da linguagem emotiva. Por quê?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Palavras, palavras, palavras

Um amigo erudito, que ocasionalmente vem visitar meu enfisema, como não tem fundos para flores ou presentes, me traz o prazer de sua presença e um papo — monólogo ou preleção, a bem dizer — sobre seu assunto favorito: vida, paixão e morte das palavras.

Sabe que eu tenho o mesmo gosto por elas que ele, embora indigno de beijar seus pés incalustres (obsoleto, português do Brasil: livre de calos). Sempre que posso tomo nota depois de pedir a devida vênia (outro termo nosso em vias de extinção) e fico por uns dias pesquisando e, que me resta?, meditando.

Meu amigo, que ensina inglês para emigrantes lusos e brasileiros recém-chegados à Grã-Bretanha (pois é, nem todo mundo está indo embora), gosta de se dizer poliglota, embora mais de uma vez tenha me explicado, e eu sempre esquecendo, a contradição existente na confecção do termo formado por poli + glota. "Trata-se de um idiotismo lusitano seiscentista", já me explicou e, tamanha sua verve formal e presença avassaladora, que eu já me esqueci. Em matéria de idiotismos minha cota já se esgotou.

(...) Mas eu tenho minha forma de apoquentá-lo. Como o dileto (Dileto não é seu verdadeiro nome) se encontra fora do país natal, que é o mesmo meu, gosto de atazaná-lo, ou melhor, espicaçar sua mente viva, com os neologismos que pesco aqui e ali nas águas bravias do mare nostrum cibernético.

Já o pus frente a frente com brasileirismos atuais que o deixaram rubro de vergonha ou ódio, pois ele é difícil de distinguir quando se queima. Taquei-lhe brasileirismos atuais como bullying, point, fashion week, os irmãos Loxas e Lunda e vi-o deixar minha casa falando sozinho entredentes, como se tivesse sido assaltado pelo mundo.

(...)De certa feita, fui contra as regras do jogo e deixei-o zonzinho por desconhecer o significado de biringaço, que, após revelar-me sua total ignorância, danou-se quando eu expliquei tratar-se de lusitanismo obsoleto significando, nas altas camadas sociais do século 17, uma espécie de guarda-costas alugado a preços de arrasar.

Palavras. Há nelas, embutida, uma tremenda luta corporal. Urge dela participar, mesmo passando rasteira (regionalismo, Brasil).

(<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1093251-ivan-lessa-palavras-palavras-palavras.shtml>)

- 04|** Considerando-se a temática central explorada no texto de Ivan Lessa, é possível identificar a predominância da função metalinguística. Justifique.

Pode chegar de mansinho, como é costume por ali, e observar sem pressa cada detalhe da estação ferroviária de Mariana. Repare na arquitetura recém-revitalizada do casarão, e como os detalhes em madeira branca, as delicadas arandelas de luzes amarelas e os elementos barrocos da torre já começam a dar o gostinho da viagem aguardada. Vindo lá de longe, o apito estridente anuncia que logo, logo o cenário estará completo para a partida. E não tarda para o trem de fato surgir. Pequenininho a princípio, mas de repente, em toda aquela imensidão que desliza pelos trilhos. Arrancando sorrisos e deixando boquiaberto até o mais desconfiado dos mineiros.

TIUSSU, B. "Raízes mineiras". Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em: 15 nov. 2011 (fragmento).

- 05|** A leitura do trecho mostra que textos jornalísticos produzidos em determinados gêneros mobilizam recursos linguísticos com o objetivo de conduzir seu público-alvo a aceitar suas ideias. Para envolver o leitor no retrato que faz da cidade, a autora dirige-se a ele por meio de verbos e expressões verbais, convidando-o a partilhar das belezas do local. Analise o texto a partir do que foi pontuado no comando.

T ENEM E VESTIBULARES

- 02| ENEM** eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a

trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência prum local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais per-

to onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (Org.). Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EduFRN, 1998.

Na transcrição de fala, há um breve relato de experiência pessoal, no qual se observa a frequente repetição de “né”. Essa repetição é um(a)

- A índice de baixa escolaridade do falante.
- B estratégia típica de manutenção da interação oral.
- C marca de conexão lógica entre conteúdos na fala.
- D manifestação característica da fala regional nordestina.
- E recurso enfatizador da informação mais relevante da narrativa.

01 | INSPER



Disponível em <http://kdobolodecarne.blogspot.com.br/2011/09/tirinhas-inteligentes-para-refletir.html>

A expressividade da charge decorre da(o)

- A sua capacidade de provocar a reflexão do leitor.
- B riqueza de detalhes apresentados com a técnica do pontilhado.
- C concretização do tema por meio da relação entre diferentes planos de linguagem.
- D humor gerado pelo fato de uma criança refletir sobre questões profundas.
- E tom poético da fala enriquecida pelo tracejado artístico do desenho.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Os textos 1 (manchete de capa da revista Época de 26/08/2013), 2 (manchete de capa da revista Veja de 28/08/2013) e 3 serão analisados em conjunto, na perspectiva da polifonia, do dialogismo e da intertextualidade, isto é, das relações mantidas entre eles.

Texto 1



66
67
68
69
70

Texto 2



71
72

Texto 3

Cair das nuvens (expressão popular)

1. Espantar-se, surpreender-se (com algo que é muito diferente do que se pensava ou se desejava); perceber o próprio equívoco ou engano.
2. Restr. Decepcionar-se intensamente; desiludir-se.
3. Chegar de modo imprevisto; aparecer repentinamente; cair do céu.

Dicionário Caldas Aulete. <http://aulete.uol.com.br/nuvem#ixzz2gk52qoh>

03| UECE Assinale com **V** ou **F**, conforme seja verdadeiro ou falso o que é dito sobre o texto 3.

- () O aviãozinho de papel despencando do alto é um recurso para dar mais força de persuasão à manchete, cujos termos estão dispostos um abaixo do outro, o que sugere uma queda.
- () É correto afirmar que a capa da revista Época emprega um recurso da poesia concreta.
- () O processo de construção da manchete de capa da revista Época inclui substituição e acréscimo de elementos linguísticos, em relação ao texto fonte.
- () O criador da manchete de Época fez um jogo com dois sentidos do termo **real**, jogo que foi possível graças à mudança de gênero desse vocábulo.
- () Na manchete de Época, apresenta-se apenas uma das funções da linguagem: a função informativa.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A** F – F – V – V – F.
- B** V – V – V – V – F.
- C** V – F – F – F – V.
- D** F – F – F – V – V.

04| UECE Assinale a afirmação que expressa uma ideia **INCORRETA** sobre os textos 1, 2 e 3.

- A** O dito popular “Cair das nuvens” é fonte dos textos 1 e 2.
- B** Os textos 1, 2 e 3 dialogam entre si.
- C** Nos textos 1 e 2, ouve-se a voz do texto 3, do mesmo modo que, no texto 3, ouvem-se as vozes dos textos 1 e 2.
- D** Há, entre os textos 1 e 3, e a expressão popular “Cair das nuvens” no texto 3, um plágio.

05| UECE Reflita sobre as seguintes afirmações acerca do texto 2.

- I. Na manchete de Veja, a intertextualidade com o dito popular “Cair das nuvens” está mais explícita do que na manchete de Época.
- II. A manchete de Veja apresenta mais recursos gráficos e linguísticos do que a de Época.

É correto afirmar que

- A** I é falsa e II é verdadeira.
- B** I é verdadeira e II é falsa.
- C** ambas são falsas.
- D** ambas são verdadeiras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Revista São Paulo, 04 a 10 de agosto de 2013. Original colorido)

Participe do *Concurso Cultural Viagem para o Pantanal do Shopping D*.

Preencha o formulário e crie uma frase original e criativa em resposta à pergunta: “Por que meu pai merece conhecer o Pantanal?”.

O autor da melhor frase ganha uma viagem com acompanhante.

Consulte o regulamento completo no site www.shoppingd.com.br Concurso válido de 22/7/2013 a 11/8/2013.

06| CPS Nesse texto publicitário, predomina a função da linguagem

- A** referencial, pois a pretensão é informar o leitor sobre a região do Pantanal.
- B** poética, pois se exige que a narrativa vencedora relate uma situação verídica.
- C** fática, pois a linguagem utilizada nas instruções é característica do público infantil.
- D** emotiva, pois se espera que a mensagem seja clara e não dê margem a subjetividades.
- E** apelativa, pois se busca interação com o leitor, como comprova o emprego de verbos no imperativo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**A jabuticaba só nasce mesmo no Brasil?**

Em seu discurso de agradecimento pelo prêmio de Economista do ano em 2003, Pérsio Arida, um dos idealizadores do Plano Real, utilizou um argumento inusitado para justificar a taxa de juros de equilíbrio de 8% ao ano no Brasil. “Certas coisas são iguais à jabuticaba, só ocorrem no Brasil”, explicou ele na época. Rapidamente, jornalistas e intelectuais passaram a citar a frase como parte da chamada “Teoria da Jabuticaba”, com o objetivo de explicar em seus textos o porquê de alguns fenômenos só acontecerem no Brasil.

Se nas Ciências Humanas a tal teoria parece fazer sucesso, do ponto de vista biológico ela está equivocada. Quem garante isso é o pesquisador da APT (Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios) Eduardo Suguino que tratou de derrubar alguns mitos sobre a ocorrência do famoso fruto. “A jabuticaba pode até ser nativa do Brasil, mas não ocorre só aqui”, explicou. “Ela já apareceu em países como Argentina e México em sua forma natural”.

Ainda de acordo com Suguino, a jabuticabeira pode ser cultivada em qualquer canto do planeta. Como se trata de uma planta propagada por semente, são necessárias apenas três condições para que ela se desenvolva: água, oxigênio e calor. Mesmo assim, ele faz questão de ponderar sobre a suposta universalidade do tradicional vegetal. “Apesar de possuir essa capacidade de ser cultivada em qualquer lugar, a jabuticabeira pode ser prejudicada por alguns fatores ambientais”, afirma. Depois, o pesquisador ainda forneceu exemplos de casos em que o vegetal pode sofrer danos. “Se levar um exemplar para a Europa durante o inverno, ele dificilmente sobreviverá fora de um vaso ou de ambiente protegido”.

(Disponível em <http://www.blogdoscuriosos.com.br>. Acesso em 19.10.2013. Adaptado)

07 | IFSP De acordo com o texto, pode-se afirmar que a função da linguagem utilizada predominantemente pelo autor é

- A** a emotiva, pois está centrada em depoimentos subjetivos de pesquisadores que desejam demonstrar seus sentimentos em relação às jabuticabeiras.
- B** a apelativa, já que seu objetivo é o de convencer o leitor a plantar uma jabuticabeira, porque é necessário água, oxigênio e calor para que se desenvolva.
- C** a referencial, pois faz uso da impessoalidade, marcada pelos verbos na terceira pessoa tais como “utilizou”, “explicou” e “passaram”.
- D** a metalinguística, já que se trata de um texto de caráter científico cujo principal assunto é a ciência do plantio de jabuticaba por toda parte.
- E** a poética, uma vez que a ênfase está na construção da mensagem a partir da sonoridade e do ritmo explorados nas palavras “jabuticabas” e “jabuticabeiras”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**De como o narrador, com certa experiência anterior e agradável, dispõe-se a retirar a verdade do fundo do poço**

Minha intenção, minha única intenção, acreditem! é apenas restabelecer a verdade. A verdade completa, de tal maneira que nenhuma dúvida persista em torno do comandante Vasco Moscoso de Aragoão e de suas extraordinárias aventuras.

³“A verdade está no fundo de um poço”, li certa vez, não me lembro mais se num livro ou num artigo de jornal. Em todo caso, em letra de forma, e como duvidar de afirmação impressa? Eu, pelo menos, não costumo discutir, muito menos negar, a literatura e o jornalismo. E, como se isso não bastasse, ⁷várias pessoas gradas repetiram-me a frase, não deixando sequer margem para um erro de revisão a retirar a verdade do poço, a situá-la em melhor abrigo: paço (“a verdade está no paço real”) ou colo (“a verdade se esconde no colo das mulheres belas”), polo (“a verdade fugiu para o Polo Norte”) ou povo (“a verdade está com o povo”). Frases, todas elas, parece-me, menos grosseiras, mais elegantes, sem deixar essa obscura sensação de abandono e frio inerente à palavra “poço”.

O meritíssimo dr. Siqueira, juiz aposentado, respeitável e probo cidadão, de lustrosa e erudita careca, explicou-me tratar-se de um lugar-comum, ou seja, coisa tão clara e sabida a ponto de transformar-se num provérbio, num dito de todo mundo. ¹⁹Com sua voz grave, de inapelável sentença, acrescentou curioso detalhe: ⁴“não só a verdade está no fundo de um poço, mas lá se encontra inteiramente nua, ⁸sem nenhum véu a cobrir-lhe o corpo, sequer as partes vergonhosas. No fundo do poço e nua.

²O dr. Alberto Siqueira é o cimo, o ponto culminante da cultura nesse subúrbio de Periperi onde habitamos. ¹¹É ele quem pronuncia o discurso do Dois de Julho na pequena praça e o de Sete de Setembro no grupo escolar, sem falar noutras datas menores e em brindes de aniversário e batizado. ¹⁴Ao juiz devo muito do pouco que sei, a essas conversas noturnas no passeio de sua casa; devo-lhe respeito e gratidão. Quando ele, com a voz solene e o gesto preciso, esclarece-me uma dúvida, ¹⁰naquele momento tudo parece-me claro e fácil, nenhuma objeção me assalta. Depois que o deixo, porém, e ponho-me a pensar no assunto, vão-se a facilidade e a evidência, como, por exemplo, nesse caso da verdade. ²⁰Volta tudo a ser obscuro e difícil, busco recordar as explicações do meritíssimo e não consigo. Uma trapalhada. Mas, como duvidar da palavra de homem de tanto saber, as estantes entulhadas de livros, códigos e tratados? No entanto, por mais que ele me explique tratar-se apenas de um provérbio popular, muitas vezes encontro-me a pensar nesse poço, certamente profundo e escuro, onde foi a verdade es-

conder sua nudez, deixando-nos na maior das confusões, a discutir a propósito de um tudo ou de um nada, causando-nos a ruína, o desespero e a guerra.

⁶Poço não é poço, fundo de um poço não é o fundo de um poço, na voz do provérbio isso significa que a verdade é difícil de revelar-se, sua nudez não se exhibe na praça pública ao alcance de qualquer mortal. Mas é o nosso dever, de todos nós, procurar a verdade de cada fato, mergulhar na escuridão do poço até encontrar sua luz divina.

“Luz divina” é do juiz, como aliás todo o parágrafo anterior. ¹⁸Ele é tão culto que fala em tom de discurso, gastando palavras bonitas, mesmo nas conversas familiares com sua digníssima esposa, dona Ernestina. ¹⁵“A verdade é o farol que ilumina minha vida”, costuma repetir-se o meritíssimo, de dedo em riste, quando, à noite, ¹sob um céu de incontáveis estrelas e pouca luz elétrica, conversamos sobre as novidades do mundo e de nosso subúrbio. Dona Ernestina, gordíssima, lustrosa de suor e um tanto quanto débil mental, concorda balançando a cabeça de elefante. ⁵Um farol de luz poderosa, iluminando longe, eis a verdade do nobre juiz de direito aposentado.

²¹Talvez por isso mesmo sua luz não penetre nos escaninhos mais próximos, nas ruas de canto, no escondido beco das Três Borboletas onde se abriga, na discreta meia-sombra de uma casinha entre árvores, ¹⁶a formosa e risonha mulata Dondoca, cujos pais procuraram o meritíssimo quando Zé Canjiquinha desapareceu da circulação, viajando para o sul.

Passara Dondoca nos peitos, na frase pitoresca do velho Pedro Torresmo, pai aflito, e largara a menina ali, sem honra e sem dinheiro:

– ²²No miserê, doutor juiz, no miserê...

O juiz deitou discurso moral, coisa digna de ouvir-se, prometeu providências. E, à vista do tocante quadro da vítima a sorrir entre lágrimas, afrouxou um dinheirinho, pois, sob o peito duro da camisa engomada do magistrado, pulsa, por mais difícil que seja acreditar-se, pulsa um bondoso coração. Prometeu expedir ordem de busca e apreensão do “sórdido dom-juan”, esquecendo-se, no entusiasmo pela causa da virtude ofendida, de sua condição de aposentado, sem promotor nem delegado às ordens. Interessaria no caso, igualmente, seus amigos da cidade. O “conquistador barato” teria a paga merecida...

E foi ele próprio, tão cômico é o dr. Siqueira de suas responsabilidades de juiz (embora aposentado), dar notícias das providências à família ofendida e pobre, na moradia distante. Dormia Pedro Torresmo, curando a cachaça da véspera; ¹²labutava no quintal, lavando roupa, a magra Eufrásia, mãe da vítima, e a própria cuidava do fogão. ¹³Desabrochou um sorriso nos lábios carnudos de Dondoca, tímido mas expressivo, o juiz fitou-a austero, tomou-lhe da mão:

– Venho pra repreendê-la...

– Eu não queria. Foi ele... – choramingou a formosa.

– Muito malfeito – segurava-lhe o braço de carne rija.

Desfez-se ela em lágrimas arrependidas e o juiz, para melhor repreendê-la e aconselhá-la, sentou-a no colo, acariciou-lhe as faces, beliscou-lhe os braços. Admirável quadro: a severidade implacável do magistrado temperada pela bondade compreensiva do homem. Escondeu Dondoca o rosto envergonhado no ombro confortador, seus lábios faziam cócegas inocentes no pescoço ilustre.

Zé Canjiquinha nunca foi encontrado, em compensação Dondoca ficou, desde aquela bem-sucedida visita sob a proteção da justiça, anda hoje nos trinques, ganhou a casinha no beco das Três Borboletas, Pedro Torresmo deixou definitivamente de trabalhar. Eis aí uma verdade que o farol do juiz não ilumina, ⁹foi-me necessário mergulhar no poço para buscá-la. Aliás, para tudo contar, a inteira verdade, devo acrescentar ter sido agradável, deleitoso mergulho, pois ¹⁷no fundo desse poço estava o colchão de lã de barriguda do leito de Dondoca onde ela me conta – depois que abandono, por volta das dez da noite, a prosa erudita do meritíssimo e de sua volumosa consorte – divertidas intimidades do preclaro magistrado, infelizmente impróprias para letra de fôrma.

AMADO, Jorge. Os velhos marinheiros: duas histórias do cais da Bahia. 23.ed. São Paulo: Martins, s.d., p.p. 71-73

08 | IFCE No fragmento: “Poço não é poço, fundo de um poço não é o fundo de um poço, na voz do provérbio isso significa que a verdade é difícil de revelar-se, sua nudez não se exhibe na praça pública ao alcance de qualquer mortal.” – ref. 6 – prevalece a seguinte função da linguagem:

- A** conativa ou apelativa.
- B** expressiva ou emotiva.
- C** fática.
- D** referencial ou informativa.
- E** metalinguística.

09 | ENEM

Lusofonia

rapariga: s.f., fem. de rapaz: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena de café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no Brasil, a palavra rapariga *não quer dizer o que ela diz em português*. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café,

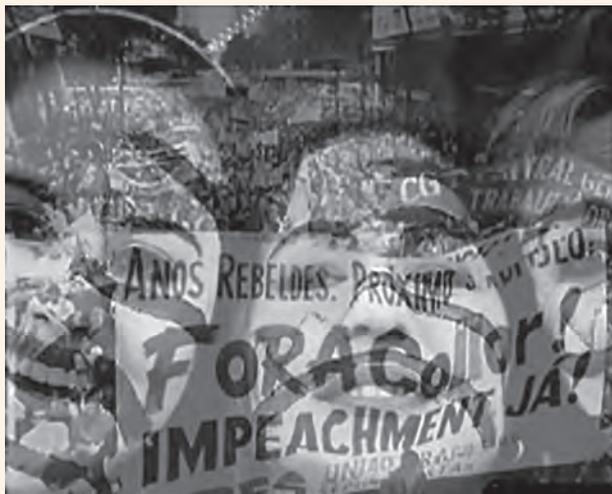
a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o atlântico para desembarcar no rio de janeiro. E isto tudo sem pensar em *áfrica*, porque aí lá terei de escrever sobre a moça do café, para evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é uma palavra que já me está a pôr com dores de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria era escrever um poema sobre a rapariga do café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. Matéria do Poema. Lisboa: D. Quixote, 2008.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela

- A** discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.
- B** defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.
- C** abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.
- D** tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.
- E** valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:



Disponível em: <www.maisseriidade.blogspot.com.br> Acesso em: 3 out. 2012

10| UFG Considerando-se os sentidos produzidos pelo jogo de imagens presente no texto, as frases “Anos rebeldes. Próximo capítulo. Fora Collor! Impeachment já!” contribuem para a construção da ideia de que

- A** o povo é nostálgico em relação às manifestações populares ambientadas no período da ditadura.
- B** os jovens protagonizam sucessivas cenas de conflitos políticos no país.
- C** os políticos tratam os problemas brasileiros como cenas de ficção televisiva.
- D** a população brasileira é injustiçada pelos movimentos políticos de oposição.
- E** o presidente da República deve ser exilado como punição às suas atitudes rebeldes.

11| UFG As frases injuntivas na faixa dos manifestantes representam

- A** o desejo de provocar uma revolução política no país.
- B** o desrespeito ao Estado Democrático de Direito.
- C** a reação a um quadro político desfavorável à ordem social.
- D** a luta pelo direito de voto por meio de eleições diretas para presidente.
- E** uma crítica à aversão do presidente Collor às manifestações populares.

12| ENEM Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma crônica divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, J.E. Veja, 11 set. 2002 (fragmento)

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica Desabafo, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois

- A** o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- B** a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- C** o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- D** o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- E** o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

O VERBO

A marcação de tempo, na língua, é realizada pelos verbos. Esta é uma classe gramatical que, além de identificar acontecimentos e estados, confere caráter dinâmico aos enunciados. O verbo pode variar em número, modo, pessoa, tempo e voz, e indicar processos, estados, ações, mudanças de estado e manifestações da natureza.

As possíveis funções sintáticas do verbo são: núcleo de predicado verbal e núcleo de predicado verbo-nominal.

Os verbos apresentam-se divididos em:

- **radical verbal:** morfema portador de um conteúdo lexical específico
- **desinência modo-temporal:** indica em qual modo o verbo está flexionado
- **desinência número-pessoal:** indica qual pessoa flexiona o verbo
- **vogal temática:** morfema gramatical que identifica a conjugação ou classe a que pertence o verbo

Após esta breve revisão dos conceitos básicos sobre o verbo, daremos início ao estudo dessa classe gramatical que permitirá ao candidato maior domínio do uso da língua em suas variadas circunstâncias e sentidos desejados.

CONJUGAÇÕES VERBAIS

Conjugar um verbo é apresentar todas as formas em que um determinado radical poderá se manifestar ao flexionar-se.

As conjugações verbais são:

1ª conjugação – indicada pela vogal temática [a]

2ª conjugação – indicada pela vogal temática [e]

3ª conjugação – indicada pela vogal temática [i]

FLEXÕES VERBAIS:

Os verbos podem variar em:

- **número:** flexão verbal que pode se apresentar no singular ou plural;
- **pessoa:** as formas verbais são marcadas pelas pessoas do discurso: 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa.

MODO VERBAL:

Os modos verbais indicam a atitude do falante, levando-se em consideração a intenção e conteúdo do enunciado. São eles:

- **indicativo:** o conteúdo é certo para o falante (Eles tomam água a cada duas horas.);
- **subjuntivo:** o conteúdo é tido como duvidoso pelo falante (Ele ficaria desapontado se você deixasse de comparecer.);
- **imperativo:** o conteúdo e a intenção revelam uma ordem, orientação, pedido ou conselho (Levante o sofá. Não deixe nada sujo aí.).

TEMPOS VERBAIS:

O momento da enunciação é marcado pelo *agora*, *antes* e *depois*. Para a flexão verbal, temos:

- **presente**
- **pretérito imperfeito:** refere-se a um fato não concluído no passado.
- **pretérito perfeito:** refere-se a um fato concluído no passado.
- **pretérito mais que perfeito:** refere-se a um fato do passado que é anterior a outro fato também do passado.
- **futuro do pretérito:** refere-se a um fato futuro que pode, ou não, acontecer.
- **futuro do presente:** refere-se a um fato futuro certo em relação ao presente.

VOZES VERBAIS:

Indicará a relação estabelecida entre o verbo e o seu sujeito sintático, podemos classificar em:

- **voz ativa:** quando o processo verbal é tido como ação que se origina no sujeito. Ex.: As meninas atravessaram o rio sem colete salva vidas.
- **voz passiva:** quando o sujeito é paciente do processo indicado pelo verbo.
- **voz passiva-analítica:** é sinalizada por uma locução verbal composta pelo verbo ser mais particípio passado do verbo principal.
- **voz passiva sintética ou pronominal:** é quando acrescenta-se o pronome se, com função de partícula apassivadora, a uma forma verbal de 3 pessoa.
- **voz reflexiva:** quando o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo indicado pelo verbo.

FORMAS NOMINAIS DO VERBO:

- **infinitivo:** valor equivalente a um substantivo
- **gerúndio:** valor de advérbio ou adjetivo
- **particípio:** valor equivalente a um adjetivo

VERBOS AUXILIARES:

São verbos utilizados juntamente com outros verbos para formação de tempos compostos. São eles: tenho, haver, ser e estar.

LOCUÇÕES VERBAIS:

São utilizadas em situações específicas, tais como:

- tempos verbais compostos
- formas da voz passiva analítica
- formas perifrásticas

IMPORTANTE:

Dependendo das relações semânticas e sintáticas entre verbo e termos referentes, teremos: —objeto direto: termo que se associará a um verbo transitivo direto; —objeto indireto: termo que, por uma preposição, estará relacionado a um verbo intransitivo; —agente da passiva: termo que, em uma oração na voz passiva, sinaliza quem pratica a ação recebida pelo sujeito; —adjunto adverbial: termo que se junta ao verbo para indicar circunstâncias (tempo, causa, lugar, etc).

ATENÇÃO:

Verbo Intransitivo: tem sentido completo; não exige objeto.

Verbo Transitivo Direto: tem sentido incompleto; exige objeto sem preposição.

Ex.: Os guardas multaram alguns carros.

Verbo Transitivo Indireto: tem sentido incompleto; exige objeto com preposição.

Ex.: Eles nunca terão confiança em você.

Verbo Transitivo Direto e Indireto: tem sentido incompleto; exige dois objetos.

Ex.: Nunca falaríamos para elas toda a história.

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01 | UFSM Leia o texto a seguir para responder à questão.



Checkup x investigação

Os médicos empregam o termo *checkup* para se referir a exames que avaliam a condição específica – o estado das mamas ou o perfil de colesterol – antes da presença de sintomas. Mas, quando as queixas já aparecem, fala-se de investigação diagnóstica – testes ¹são solicitados para descobrir o que anda errado. Um exemplo é a endoscopia, que ²é prescrita diante de reclamações como queimação e dores de estômago. A seguir, apresenta-se uma seleção de testes indispensáveis em algum momento da vida.

Pressão arterial

É a conferência da pressão do paciente por meio de um aparelho. O exame costuma ser feito a partir dos 18 anos – mas deveria ser requisitado ainda na infância. Precisa ser repetido, no mínimo, uma vez por ano. Detecta alterações na pressão arterial e diagnostica a hipertensão, fator de risco para infartos e derrames.

Hemograma

É o exame de sangue que registra o estoque de células vermelhas e brancas. É solicitado desde a infância. A menos que haja algum motivo, pode ser refeito anualmente. Sinaliza o estado do sangue e do sistema imunológico, acusando problemas como infecções.

Colesterol e glicemia

São testes sanguíneos que avaliam a concentração de gorduras e de açúcar na circulação. Podem ser receitados desde a infância, mas depois dos 18 anos a indicação ganha ainda mais consistência. Depois dos 40 anos, recomenda-se repeti-los anualmente. Flagram altos níveis

de colesterol e triglicérides, que favorecem as placas capazes de obstruir os vasos. Já a medida de glicose acusa a propensão ao diabetes.

SPONCHIATO, Diogo. “O que É um checkup inteligente”. Saúde! é vital, mar. 2011, p. 46-47. (adaptado)

Com relação aos procedimentos linguísticos usados no texto e à estrutura composicional, está correto afirmar que “O uso das estruturas passivas “são solicitados” (ref. 1) e “é prescrita” (ref. 2) inclui os médicos como sujeito paciente.”? Por quê?

Resolução:

Está incorreto o uso, pois em nenhuma das duas estruturas está expresso o agente da voz passiva.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Buscando a excelência

Lya Luft

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeira. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delineia com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista Veja, de 26.09.2012. Adaptado).

02 | IFSP Comente o emprego da voz passiva analítica em “ (...) a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país (...)”

Resolução:

A voz passiva analítica é formada pelo verbo auxiliar e o particípio passado do verbo principal, transitivo direto (ou direto e indireto), como acontece na frase: “a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país.”

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

LEIA O TEXTO A SEGUIR E RESPONDA A QUESTÃO.

Muita gente considera o *catch* um esporte ignóbil. O *catch* não é um esporte, é um espetáculo, e é tão ignóbil assistir a uma representação da dor, no *catch*, como ao sofrimento de Arnolfo ou de Andrômaca.

Existe, no entanto, um falso *catch*, pomposo, com a aparência inútil de um esporte regular; mas esse não tem qualquer interesse. O verdadeiro — impropriamente chamado *catch* amador — realiza-se em salas de segunda classe, onde o público adere espontaneamente à natureza espetacular do combate, como o público de um cinema de bairro. Ao público pouco importa que o combate seja falseado ou não; o futuro racional do combate não lhe interessa: o *catch* é uma soma de espetáculos, ¹sem que um só seja uma função: cada momento impõe o conhecimento total de uma paixão que surge, sem jamais se estender em direção a um resultado que a coroe.

Assim, a função do lutador não é ganhar, mas executar exatamente ²os gestos que se esperam dele. O *catch* propõe gestos excessivos, explorados até o paroxismo da sua significação. Esta função de ênfase é a mesma do teatro antigo, cuja força — língua — e cujos acessórios — máscaras e coturnos — concorriam para fornecer a explicação exageradamente visível de uma necessidade. O gesto de um lutador vencido, significando uma derrota que não se oculta, mas se acentua, corresponde à máscara antiga, encarregada de significar o tom trágico do espetáculo. O lutador prolonga exageradamente a sua posição de derrota, caído, impondo ao público o espetáculo intolerável da sua impotência. No *catch*, como nos teatros antigos, não se tem vergonha da dor, sabe-se chorar, saboreiam-se as lágrimas.

Roland Barthes. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010, p. 15-26 (com adaptações).

01 | UNB Considerando o texto acima e aspectos a ele relacionados, julgue os itens a seguir.

- A** Na oração concessiva “sem que um só seja uma função” (ref. 1), há elipse do núcleo nominal do sujeito da oração.
- B** Seriam mantidas a correção gramatical e a interpretação original do texto, se o trecho “os gestos que se esperam dele” (ref. 2) fosse reescrito como **os gestos lhe são esperados**.
- C** Os dois primeiros períodos do texto continuariam corretos e coerentes com o texto se fossem parafraseados do seguinte modo: Embora seja considerado um esporte ignóbil, o *catch* é um espetáculo tanto quanto outros em que há representação da dor, o que invalida característica que muitos lhe atribuem.

LEIA O TEXTO E RESPONDA A QUESTÃO SEGUINTE.

TEXTO I

¹Durante mais de trinta anos, o bondezinho das dez e quinze, que descia do Silvestre, parava como burro ensinado em frente à casinha de José Maria, e ali encontrava, almoçado e pontual, o velho funcionário.

Um dia, porém, José Maria faltou. O motorneiro batia a sirene. Os passageiros se impacientavam. Floripes correu aflita a avisar o patrão. Achou-o de pijama, estirado na poltrona, querendo rir.

– Seu José Maria, o senhor hoje perdeu a hora! Há muito tempo o motorneiro está a dar sinal.

– Diga-lhe que não preciso mais.

A velha portuguesa não compreendeu.

– Vá, diga que não vou... Que de hoje em diante não irei mais.

A criada chegou à janela, gritou o recado. E o bondezinho desceu sem o seu mais antigo passageiro.

Floripes voltou ao patrão. Interroga-o com o olhar.

– Não sabes que estou aposentado?

(...)

Interrompera da noite para o dia o hábito de esperar o bondezinho, comprar o jornal da manhã, bebericar o café na Avenida, e instalar-se à mesa do Ministério, sisudo e calado, até às dezessete horas.

Que fazer agora?

Não mais informar processos, não mais preocupar-se com o nome e a cara do futuro Ministro.

Pela primeira vez fartava a vista no cenário de águas e montanhas que a bruma fundia.

(...)

⁴Floripes serviu-lhe o jantar, deixou tudo arrumado, e retirou-se para dormir no barraco da filha.

²Mais do que nunca, sentiu José Maria naquela noite a solidão da casa. Não tinha amigos, não tinha mulher nem amante. E já lera todos os jornais. Havia o telefone, é verdade. Mas ninguém chamava. Lembrava-se que certa vez, há uns quinze anos, aquela fria coisa, pendurada e morta, se aquecera à voz de uma mulher desconhecida. A máquina que apenas servia para recados ao armazém e informações do Ministério transformara-se então em instrumento de música: adquirira alma, cantava quase. De repente, sem motivo, a voz emudecera. E o aparelho voltou a ser na parede do corredor a aranha de metal, ³sempre calada. O sussurro da vida, o sangue de suas paixões passavam longe do telefone de Zé Maria...

Como vencer a noite que mal começava?

(...)

O telefone toca. Quem será? (...)

Era engano! Antes não o fosse. A quem estaria destinada aquela voz carregada de ternura? Preferia que dissesse desaforos, que o xingasse.

(...)

Atirou-se de bruços na cama. E sonhou. Sonhou que conversava ao telefone e era a voz da mulher de há quinze anos... Foi andando para o passado... Abriu-se-lhe uma cidade de montanha, pontilhada de igrejas. E sempre para trás – tinha então dezesseis anos –, ressurgiu-lhe a cidadezinha onde encontrara Duília. Aí parou. E Duília lhe repetiu calmamente aquele gesto, o mais louco e gratuito, com que uma moça pode iluminar para sempre a vida de um homem tímido.

Acordou com raiva de ter acordado, fechou os olhos para dormir de novo e reatar o fio de sonho que trouxe Duília. Mas a imagem esquiva lhe escapou, Duília desapareceu no tempo.

(...)

Toda vez que pensava nela, o longo e inexpressivo interregno* do Ministério que chegava a confundir-se com a duração definitiva de sua própria vida apagava-se-lhe de repente da memória. O tempo contraía-se.

Duília!

Reviu-se na cidade natal com apenas dezesseis anos de idade, a acompanhar a procissão que ela seguia cantando. Foi nessa festa da Igreja, num fim de tarde, que tivera a grande revelação.

Passou a praticar com mais assiduidade a janela. Quanto mais o fazia, mais as colinas da outra margem lhe recordavam a presença corporal da moça. Às vezes chegava a dormir com a sensação de ter deixado a cabeça pousada no colo dela. As colinas se transformavam em seios de Duília. Espantava-se da metamorfose, mas se comprazia na evocação.

(...)

Era o afloramento súbito da namorada (...).

ANÍBAL MACHADO

A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

* Interregno: intervalo

02 | UERJ No trecho transcrito a seguir há quatro orações, cujos limites estão assinalados por uma barra:

Floripes serviu-lhe o jantar, / deixou tudo arrumado, / e retirou-se / para dormir no barraco da filha. (ref. 4)

Reescreva esse trecho, passando a primeira oração para a voz passiva e convertendo a segunda em oração adjetiva introduzida por pronome. Em seguida, indique a classificação sintática e semântica da última oração.

LEIA O TEXTO E RESPONDA A QUESTÃO SEGUINTE.

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão de obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa *The Economist* mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

(Você s/a, setembro de 2005)

03| FGV Considere o seguinte trecho do texto:

Em uma recente análise, a revista inglesa “The Economist” mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho.

- A Redija uma versão desse trecho, adotando a voz passiva, com agente da passiva expresso em todo o trecho
- B Redija uma versão desse trecho empregando pronome apassivador, somente na passagem — Em uma recente análise, a revista inglesa “The Economist” mostra.

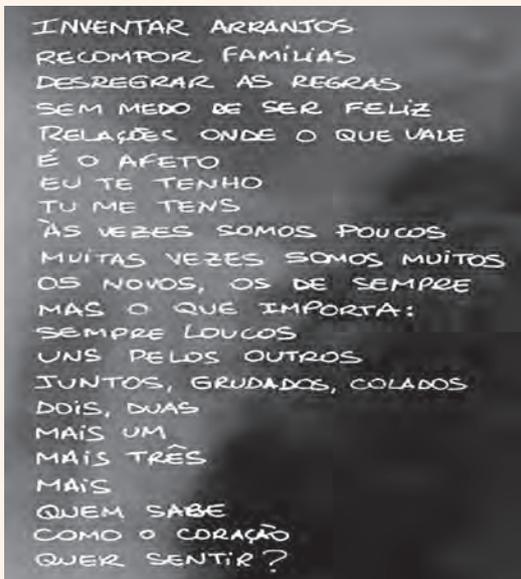
LEIA O TEXTO A SEGUIR E RESPONDA.

Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.

04| FGV A passagem — retorno do capital investido — pode ser redigida de duas outras maneiras, na voz passiva, dando sequência à construção — retorno do capital que... Apresente as duas redações possíveis.

T ENEM E VESTIBULARES

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Texto publicitário. In: Revista Época, 29/04/13. n. 779, p. 58.

01| UEPB Em “Relações onde o que vale/é o afeto/Eu te tenho/Tu me tens [...]”, pode-se afirmar que a intencionalidade do locutor, em relação aos termos em destaque, é:

- I. Evidenciar de forma explicativa um encadeamento que justifica o enunciado anterior.
- II. Criar uma relação de força argumentativa, por meio do uso do verbo pronominal “TER”.
- III. Estabelecer uma reiteração temática, utilizando recursos linguísticos para intensificar o sentido.

Analise as proposições e marque a alternativa que apresenta, apenas, a(s) correta(s).

- A III
- B II
- C I e II
- D I
- E I e III

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O que havia de tão revolucionário na Revolução Francesa? Soberania popular, liberdade civil, igualdade perante a lei — ¹as palavras hoje são ditas com tanta facilidade que somos incapazes de imaginar seu caráter explosivo em 1789. Para os franceses do Antigo Regime, ⁶os homens eram ⁸desiguais, e a desigualdade era uma boa coisa, adequada à ordem hierárquica que ²fora posta na natureza pela própria obra de Deus. A liberdade significava privilégio — isto é, literalmente, ¹²“lei privada”, uma prerrogativa ¹³especial para fazer algo negado a outras pessoas. O rei, como fonte de toda a lei, distribuía privilégios, ³pois havia sido ¹⁹ungido como ¹⁶o agente de Deus na terra.

Durante todo ¹⁷o século XVIII, os filósofos do Iluminismo questionaram esses ⁹pressupostos, e os panfletistas profissionais conseguiram ¹⁴empanar ²⁰a aura sagrada da coroa. Contudo, a desmontagem do quadro mental do Antigo Regime demandou violência iconoclasta, destruidora do mundo, revolucionária.

⁷Seria ótimo se pudéssemos associar ¹⁸a Revolução exclusivamente à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, mas ela nasceu na violência e imprimiu seus princípios em um mundo violento. Os conquistadores da Bastilha ²⁴não se limitaram a destruir ²¹um símbolo do despotismo real. ⁴Entre eles, 150 foram mortos ou feridos no assalto à prisão e, quando os sobreviventes apanharam o diretor, cortaram sua cabeça e desfilaram-na por ²⁵Paris ²²na ponta de uma lança.

Como podemos captar esses momentos de loucura, quando tudo parecia possível e o mundo se afigurava como uma tábua rasa, apagada por uma onda de comoção popular e pronta para ser redesenhada? Parece incrível que um povo inteiro fosse capaz de se levantar e transformar as condições da vida cotidiana. Duzentos anos de experiências com admiráveis mundos ²⁶novos tornaram-nos ¹⁵céticos quanto ao ¹⁰planejamento social. ²⁷Retrospectivamente, a Revolução pode parecer um ²³prelúdio ao ¹¹totalitarismo.

Pode ser. Mas um excesso de visão ²⁸histórica retrospectiva pode distorcer o panorama de 1789. Os revolucionários franceses não eram nossos contemporâneos. E eram um conjunto de pessoas não excepcionais em circunstâncias excepcionais. Quando as coisas se ²⁹desintegraram, eles reagiram a uma necessidade imperiosa de dar-lhes sentido, ordenando a sociedade segundo novos princípios. Esses princípios ainda permanecem como uma denúncia da tirania e da injustiça. ⁵Afinal, em que estava empenhada a Revolução Francesa? Liberdade, igualdade, fraternidade.

Adaptado de: DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. In: _____. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 30-39.

02| UFRGS Assinale a alternativa que contém a correta passagem de um segmento que ocorre em voz passiva no texto para a voz ativa.

- A** dizemos as palavras hoje com tanta facilidade... (ref. 1)
- B** que a própria obra de Deus pusera na natureza. (ref. 2)
- C** pois o agente de Deus na terra o ungiu. (ref. 3)
- D** Entre eles, 150 feriram-se ou mataram-se no assalto à prisão... (ref. 4)
- E** Afinal, em que se empenhou a Revolução Francesa? (ref. 5)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A última romântica

Cigarros, isqueiros, copos com drinques coloridos, garrafas vazias – de vodca, do licor de coco Malibu... Às flores, velas, retratos e mensagens de praxe os fãs acrescentaram em frente à casa de Amy Winehouse esses objetos que dão prazer, podem viciar e fazem mal à saúde. Para além da homenagem, era uma forma de participar do universo de excessos da cantora.

É curioso o apelo de Amy num mundo conservador, cada vez mais antitabagista e alerta para os riscos das drogas – um mundo onde vamos sendo ensinados a comprar produtos sem gordura trans e onde até as garotas de esquerda consomem horas dentro da academia.

Numa época em que as pessoas são estimuladas a abdicar de certos prazeres na expectativa de durar bastante, simplesmente para durar, Winehouse fez o roteiro oposto – intenso, autodestrutivo, suicida.

Sob o aspecto clínico, era uma viciada grave, necessitando desesperadamente da ajuda que insistia em recusar. Uma de suas canções mais famosas trata exatamente disso.

Amy foi presa fácil do jornalismo de celebridades, voltado à escandalização da intimidade dos famosos (quanto pior, melhor). Foi também, num tempo improvável, a herdeira de Janis Joplin, morta aos 27 em 1970, e de Billie Holiday, morta aos 44, em 1959, ambas por overdose.

Como suas antecessoras, Amy leva ao extremo o *éthos* romântico – do artista que vive em conflito permanente e se rebela contra o curso prosaico e besta do mundo. Na sua figura atormentada e em constante desajuste, o autoflagelo quase sempre se confunde com o ódio às coisas que funcionam. Numa cultura inteiramente colonizada pelo dinheiro e que convida à idolatria, fazer sucesso parecia uma espécie de vexame e de vileza, o supremo fiasco existencial, contra o qual era preciso se resguardar.

Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio – Lautréamont, Rimbaud e outros poetas do inferno humano, que tinham plena consciência da vergonha de dar certo.

(SILVA, Fernando de Barros e. Folha de São Paulo, 26/07/2011)

03| INSPER Se a frase “Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio” for reescrita na voz passiva analítica, a forma verbal correta será

- A** são evocados.
- B** evocam-se.
- C** foram evocados.
- D** tinham evocado.
- E** eram evocados.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ameaça de uma bomba atômica está mais viva do que nunca. Os conflitos ⁵étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho. Agora uma boa notícia: a paz mundial pode estar a caminho. Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está bem menos sangrento do que já foi. Cerca de 250 mil pessoas morrem por ano em consequência de algum conflito armado. É bem menos do que no século 20, que teve 800 mil mortes anuais em sua 2ª. metade e 3,8 milhões por ano até 1950.

O que aconteceu? O psicólogo Steven Pinker ⁶diz que o aumento do número de democracias ajudou. Assim como a nossa saúde¹: como a expectativa de vida subiu, temos mais medo de ³arriscar o pescoço. ⁴Até a globalização teria contribuído²: um mundo mais integrado é um mundo mais tolerante, diz Pinker.

Revista *Superinteressante*

04| MACK Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no mês de julho.

De acordo com a norma padrão, passando-se essa frase para a voz passiva analítica, a forma verbal correspondente será:

- A foram mortos.
- B estavam sendo mortos.
- C eram mortos.
- D matou-se.
- E morreram.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO

A forma mais difundida de paquera entre os sauditas são os cafés que oferecem acesso à internet. São poucos, mas estão se tornando uma ferramenta de aproximação entre os jovens. E estão se mostrando eficientes.

Com base em sua interpretação do Corão, o governo da Arábia Saudita restringiu alguns hábitos considerados “ocidentalizados” da população, principalmente dos mais jovens. Teatros, cinemas e boates foram proibidos de funcionar tanto na capital Riad quanto nas cidades pequenas do país. Na esteira do fechamento dessas casas, perde-se uma forma centenária de encontrar um namorado ou mesmo de conhecer outras pessoas.

A alternativa para quem não costuma usar os sites de namoro é escrever nome e telefone em pedaços de papel e deixá-los nos vidros dos carros para achar, com a ajuda do destino, um candidato a cara-metade e marcar um encontro.

(Sauditas aprendem a namorar pela net, in: Galileu nº. 131)

- 05| FATEC Observe que o verbo da oração em destaque está na voz passiva.

“Teatros, cinemas e boates foram proibidos de funcionar (...)”

Assinale a alternativa cuja expressão verbal destacada se encontra na voz passiva.

- A A forma mais difundida de paquera entre os sauditas SÃO os cafés ...
- B ... o governo da Arábia Saudita RESTRINGIU alguns hábitos considerados “ocidentalizados” da população...
- C Na esteira do fechamento dessas casas, PERDE-SE uma forma centenária de encontrar um namorado...
- D A alternativa para quem não COSTUMA USAR os sites de namoro é escrever nome e telefone...
- E ...DEIXÁ-los nos vidros dos carros para achar, com a ajuda do destino, um candidato a cara-metade...

- 06| UFPR Em que alternativa a forma passiva apresentada em 2 conserva as mesmas relações de sentido da forma ativa apresentada em 1?

- A 1 – O diretor pretende demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude pretende ser demitido pelo diretor.
- B 1 – O diretor gostaria de demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude gostaria de ser demitido pelo diretor.
- C 1 – O diretor tentou demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude tentou ser demitido pelo diretor.
- D 1 – O diretor custou a demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude custou a ser demitido pelo diretor.
- E 1 – O diretor quer demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude quer ser demitido pelo diretor.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

⁵Se escapar do ⁸bombardeio ¹..... está sendo submetido, ¹¹um achado divulgado ¹⁴anteontem por pesquisadores do Reino Unido poderá mudar a história da ocupação humana da América. Segundo eles, pegadas de pessoas descobertas no centro do México teriam 40 mil anos – ⁶embora os registros mais antigos de presença humana no continente não ultrapassem ²..... 13 mil anos.

A equipe, liderada pela ¹⁷gearqueóloga mexicana Silvia González, achou os rastros ¹⁸na beira de um antigo lago assolado por chuvas de cinza vulcânica. Imagina-se que, ¹⁵depois de um desses episódios, um grupo de pessoas (entre as quais crianças, a julgar pelas dimensões das pegadas) teria caminhado sobre a cinza, deixando sua ⁹marca.

Usando uma série de métodos diferentes, o grupo britânico datou fósseis de animais no mesmo nível da pegada, assim como sedimentos ¹⁹em volta da própria, chegando à data de por volta de 40 mil anos ¹⁶antes do presente. ²²Hoje, o sítio arqueológico das Américas mais antigo cujas datas são aceitas pelos cientistas é Monte Verde, no extremo sul do Chile, com seus 12, 5 mil anos. ²¹Poucos pesquisadores ²⁰põem em dúvida a ideia de que os primeiros americanos cruzaram o estreito de Bering, vindos do extremo nordeste da Ásia, para chegar ao Novo Mundo.

“Novas rotas de migração ³..... expliquem a existência desses sítios mais antigos precisam ser consideradas. Nossos achados reforçam a teoria ⁴..... ¹⁰esses primeiros colonos tenham vindo pela água, usando a rota da costa do Pacífico”, disse González em comunicado.

“Nunca se deve dar a conhecer um achado tão importante numa entrevista coletiva”, critica o antropólogo argentino Rolando González-José, do Centro Nacional Patagônico. ¹²O pesquisador já chegou a estudar os antigos mexicanos junto com a arqueóloga, ⁷mas teve “divergências inconciliáveis” com ela. ¹³“Uma data de 40 mil anos não necessariamente leva a modelos alternativos do povoamento, ²³muito menos recorrendo a rotas transpaciaficas”, diz.

Adaptado de: LOPES, Reinaldo José. *Folha de S. Paulo*, 6 jul. 2005, p. A 16.

07 | UFRGS Considere os seguintes trechos e as propostas de sua reescritura apresentadas a seguir.

- 1 – [...] “um achado divulgado anteontem por pesquisadores do Reino Unido poderá mudar a história da ocupação humana da América” (ref. 11).
 - 2 – “O pesquisador já chegou a estudar os antigos mexicanos juntos com a arqueóloga” (ref. 12).
 - 3 – “Uma data de 40 mil anos não necessariamente leva a modelos alternativos de povoamento” (ref. 13)
- I – Trecho 1: [...] a história da ocupação humana da América poderá ser mudada por um achado divulgado anteontem por pesquisadores do Reino Unido.
 - II – Trecho 2: Os antigos mexicanos, junto com a arqueóloga, já chegaram a ser estudados pelo pesquisador.
 - III – Trecho 3: Modelos alternativos do povoamento não são levados necessariamente a uma data de 40 mil anos.

Quais propostas são transposições corretas dos respectivos trechos para a voz passiva?

- A** Apenas I.
- B** Apenas II.
- C** Apenas III.
- D** Apenas I e II.
- E** Apenas II e III.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações práticas para que o mun-

do alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma série de metas socioeconômicas que os países da ONU se comprometeram a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.

“Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os países mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos”, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.

O relatório do Projeto recomenda que cada país mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.

“Este triunfo do espírito humano nos dá a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias, políticas, recursos financeiros e, o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer”, diz o coordenador no prefácio do relatório.

(Texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

08 | FATEC Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto:

- I. “O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária”. Nesse período, a relação de sentido entre a 1ª e a 2ª oração é de finalidade; na 3ª oração, a substituição de MAS por CONTUDO mantém o sentido do original.
- II. A passagem – “problemas enfrentados pelos países mais pobres” – está redigida na voz passiva; sua adequada redação em voz ativa é: “os países mais pobres enfrentam problemas”.
- III. “Se [os Objetivos] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza.” A oração que inicia esse período expressa condição em relação à sequência de ideias expressas.
- IV. Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em

- A** I e II somente.
- B** II e III somente.
- C** I, II e III somente.
- D** II, III e IV somente.
- E** I, II, III e IV.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar “excursões noturnas”, em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do “turismo astronômico”, que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não?

Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.

Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica.

(O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia “docilmente” por mais uns 5 bilhões de anos.)

(Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

09| FUVEST Transpondo-se corretamente para a voz ativa a oração “para serem instruídos por um astrônomo (...)”, obtém-se:

- A** para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
- B** para um astrônomo os instruírem (...).
- C** para que um astrônomo lhes instruissem (...).
- D** para um astrônomo instruí-los (...).
- E** para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Físico reconstrói o mapa do céu indígena

Um pesquisador do Paraná passou os últimos dez ¹³anos, ⁵a expensas ¹⁴próprias, reconstituindo as constelações conhecidas pelos povos indígenas do Brasil. O ⁴esforço ¹começa a dar resultado ¹⁵agora, depois de sua aposentadoria.

Germano ¹⁶Affonso, professor titular de física da UFPR e doutor pela Universidade de Paris ¹⁷6, descobriu que as principais constelações dos tupinambás, que habitavam a costa brasileira no século 16 e foram os primeiros a ter contato com os europeus, são ²comuns a diversas outras etnias do Brasil. São elas: Ema, Anta, Homem Velho e Veado.

As constelações indígenas, segundo ele, têm funções práticas ³semelhantes às das constelações ocidentais: marcar a passagem do tempo e as estações do ano e servir como pontos de orientação. No entanto são ¹⁸maiores, mais facilmente reconhecíveis e formadas não só a partir de estrelas, ¹²como de manchas existentes na Via-Láctea (Caminho de Anta ou Caminho dos Espíritos, para os tupinambás). Ele conseguiu ¹⁹inventariar mais de cem constelações, ao passo que existem hoje 88 constelações indígenas distintas registradas oficialmente.

O resultado da pesquisa será apresentado hoje, em Recife. Affonso falará na conferência “Contribuições Nativas para o Conhecimento”, às 15h.

Segundo ⁹o físico da UFPR, a ideia de ²⁰remontar ¹¹o mapa do céu dos índios começou com ⁷um relato do capuchinho francês Claude d’Abbeville, do século 17, ⁶que veio ⁸lhe cair nas mãos. ¹⁰Nele, o europeu citava constelações conhecidas pelos tupinambás do Maranhão. A Affonso chamou atenção o fato de os nomes dessas constelações serem muitas vezes os mesmos que grupos indígenas do Paraná usavam para descrever o céu.

Adaptado de: Folha de S. Paulo, 16 jul. 2003. Folha Ciência, p. A 14.

10| UFRGS As afirmações abaixo referem-se às vozes verbais utilizadas no texto.

- I. A frase ELE CONSEGUIU INVENTARIAR MAIS DE CEM CONSTELAÇÕES poderia ser alterada da seguinte forma, continuando semanticamente equivalente à original: MAIS DE CEM CONSTELAÇÕES TINHAM SIDO INVENTARIADAS POR ELE.
- II. A frase O RESULTADO DA PESQUISA SERÁ APRESENTADO HOJE poderia ser reescrita corretamente da seguinte forma, mantendo-se a voz passiva: APRESENTAR-SE-Á HOJE O RESULTADO DA PESQUISA.
- III. A frase AFFONSO FALARÁ NA CONFERÊNCIA “CONTRIBUIÇÕES NATIVAS PARA O CONHECIMENTO” não pode ser passada para a voz passiva.
- IV. A frase NELE, O EUROPEU CITAVA CONSTELAÇÕES CONHECIDAS PELOS TUPINAMBÁS DO MARANHÃO poderia ser reescrita como NELE, ERAM CITADAS PELO EUROPEU CONSTELAÇÕES CONHECIDAS PELOS TUPINAMBÁS DO MARANHÃO, sem prejuízo do sentido e da correção.

Quais estão corretas?

- A** Apenas I.
- B** Apenas I e III.
- C** Apenas II e III.
- D** Apenas II e IV.
- E** Apenas II, III e IV.

CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

O estudo de concordância é mais um passo que o candidato dará e que permitirá maior habilidade de interpretação de texto e compreensão da língua e suas variações. Muitas vezes, os efeitos de sentido que os textos apresentam só serão percebidos se o leitor for capaz de reconhecer as variedades linguísticas presentes. Essas variações, frequentemente, fogem às regras de concordância nominal e verbal de acordo com a norma gramatical.

Em “As menina tá lá fora”, por exemplo, percebemos um desvio relacionado à flexão de número. Porém, é com essa variação que podemos identificar região, cultura, aspectos econômicos, etc. dos falantes em questão. Aqui já temos um exemplo, mesmo que simples, de como o domínio dessas normas gramaticais podem auxiliar na interpretação e análise de textos.

Por concordância devemos entender: processo de relação entre os termos da oração. A concordância nominal se dá pela relação entre o núcleo de sintagma nominal e seus termos determinantes, e a concordância verbal se dá pela relação entre verbo e sujeito da oração ligado a ele.

Embora tenhamos regras específicas, a concordância nominal segue um princípio geral: adjetivos, pronomes, numerais, artigos e participios concordam em gênero e número com o núcleo do sintagma nominal.

Para concordância verbal, o que devemos, sempre, ter em mente é: *o verbo, que está como núcleo do predicado, concordará em pessoa e número com o núcleo do sujeito a que se refere.*

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01| A palavra bastante(s) está empregada corretamente em “Havia alunos bastantes para completar duas salas”, mas não está empregada adequadamente em 1-“Os rapazes eram bastantes fortes e carregaram a caixa.”, 2-“Há provas bastante para condenar o réu.”, 3-“Temos tido bastante motivos para confiar no chefe.”, 4-“Todos os professores estavam bastantes confiantes.”. Por quê?

Resolução:

A palavra “bastante”, dependendo do contexto, pode pertencer a três classes gramaticais diferentes: pode ser adjetivo, pronome ou advérbio. Nos dois primeiros casos, ela varia em número. Quando é advérbio, no entanto, é invariável, não pode, portanto, ser flexionada para o plural. Em 2 e 3, o termo é, respectivamente, adjetivo e pronome indefinido, devendo estar no plural. Já em 1, a palavra é advérbio, portanto está incorreto o uso do plural. Na frase 4, o termo está exercendo função de advérbio, por isso é equivocado o uso do plural.

02| UNIFESP Poetas e tipógrafos

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe receitou exercícios físicos, para “canalizar a tensão”. João Cabral seguiu o conselho.

Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal “ginástica poética”, como a chamava, tornou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, “Editores Artesanais Brasileiros”, de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram

a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos assinantes (amigos que se comprometeram a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Lêdo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto “Com o Vaqueiro Mariano” (1952), de Guimarães Rosa.

E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor.

João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas valeu.

(Ruy Castro. *Folha de S.Paulo*, 17.08.2013. Adaptado.)

Na passagem – *O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações* –, se a expressão *editor artesanal* for para o plural, de acordo com as normas gramaticais, o que teríamos?

Resolução:

Se o sujeito da oração estiver no plural, todos os verbos a ele ligados irão também para o plural: *compõem, diagramam, produzem*. O pronome oblíquo “o”, que acompanha o segundo, deve ser precedido de “n”, pois está em situa-

ção de ênclise após forma verbal terminada em som nasal: digramam-no. Assim, teríamos a seguinte oração: com- põem o texto, digramam-no, produzem as ilustrações.

- 03| UFPE** “Muitos imaginam que os que “falam errado” falam de qualquer jeito. Mas é bastante fácil mostrar que, de fato, os que “erram” apenas seguem outras regras. O problema é que essas regras não são aceitas ou são consideradas desvios. Vejamos um exemplo: É comum que crianças digam “Mãe fez um bolo gostoso!” e “Eu também sabo abrir esse pacote de bolacha”. O que estão fazendo? É simples: tratando verbos irregulares como se fossem regulares.”

(Adaptado de POSSENTI, Sírio. *Questões de linguagem*. São Paulo: Parábola, 2011, p.33.)

Com base no texto acima, escreva **um comentário** em que você explique “a regra” que seguem os usuários da língua portuguesa quando falam ou escrevem um enunciado como o seguinte:

Nos últimos meses, subiu os preços de vários produtos e, conseqüentemente, diminuiu os lucros do mercado.

Resolução:

O enunciado revela que o falante fez a concordância verbal no singular por associar as ações (“subiu”, “diminuiu”) com “mercado” e não com “preços” e “lucros”, núcleos do sujeito no plural das duas orações que compõem o período.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Platão defendeu, no Banquete, em Fedra e em outros textos, a existência de um espírito místico ou furor enviado pelo céu, através do qual uns poucos eleitos se “inspiravam”: “As maiores bênçãos vêm por intermédio da loucura, aliás, da loucura que é enviada pelo céu.” Possuídas assim por visões transcendentais ou por conhecimentos transcendentais, ¹essas pessoas desfrutavam de uma “loucura divina”, que as elevava acima dos mortais.

A concepção freudiana do gênio era bastante diferente. Não era uma dádiva dos deuses, mas resultado dos processos do inconsciente; não vinha de cima, mas de dentro, das profundezas. [...]

A “arte” e a habilidade artística, mais que a inspiração, eram consideradas a marca do artista ou do escritor, e as estruturas de patronagem do mundo das letras tradicional proviam fortes argumentos a favor da conformidade social, em vez de excentricidade do artista.

²Isso não quer dizer que a “imaginação” e o “gênio” visionário estivessem em baixa em terrenos críticos. Mas a teoria clássica, modificada pela psicologia empirista do Iluminismo, insistia que a imaginação não deveria ser obstinada, idiossincrática e visionária, mas residir na sólida formação dos sentidos e ser temperada pelo juízo. O verdadeiro gênio era um impulso orgânico saudável para a combinação das matérias-primas da mente.

PORTER, Roy. *Uma História Social da Loucura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p.81-82.

- 01| PUCRJ** A palavra **que** apresenta comportamentos distintos nos trechos em destaque. Estabeleça a diferença entre os dois empregos.

I. “essas pessoas desfrutavam de uma “loucura divina”, **que** as elevava acima dos mortais” (ref. 1)

II. “Isso não quer dizer **que** a “imaginação” e o “gênio” visionário estivessem em baixa em terrenos críticos.” (ref. 2)

- 02| PUCRJ** Mantendo o mesmo sentido, reescreva a passagem em destaque, de acordo com o que é pedido:

O Iluminismo endossou a fé na razão. Durante a segunda metade do século XVII, passou-se a criticar, condenar e massacrar qualquer coisa que fosse considerada irracional.

- Use o verbo “efetuar” no lugar do verbo “passar”;
- Substitua cada um dos verbos assinalados pela forma nominal correspondente no plural.
- Faça outras modificações que julgar necessárias em função das alterações propostas.

O Iluminismo endossou a fé na razão. Durante a segunda metade do século XVII, _____

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES

De um lado, a loucura existe em relação à razão ou, pelo menos, em relação aos “outros” que, em sua generalidade anônima, encarregam-se de representá-la e atribuir-lhe valor de exigência; por outro lado, ela existe para a razão, na medida em que surge ao olhar de uma consciência ideal que a percebe como diferença em relação aos outros. A loucura tem uma dupla maneira de postar-se diante da razão: ela está ao mesmo tempo do outro lado e sob seu olhar. Do outro lado: a loucura é diferença imediata, negatividade pura, aquilo que se denuncia como não-ser, numa evidência irrecusável; é uma ausência total de razão, que logo se percebe como tal, sobre o fundo das estruturas do razoável. Sob o olhar

da razão: 1a loucura é individualidade singular cujas características próprias, a conduta, a linguagem, os gestos, distinguem-se uma a uma daquilo que se pode encontrar no não-louco; em sua particularidade ela se desdobra para uma razão que não é termo de referência mas princípio de julgamento; a loucura é então considerada em suas estruturas do racional.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972. p.203.

03| Com relação ao trecho **“A loucura tem uma dupla maneira de postar-se diante da razão: ela está ao mesmo tempo do outro lado e sob seu olhar.”**, extraído do texto, faça o que é pedido a seguir:

I. identifique o referente de cada um dos pronomes destacados, iniciando a sua resposta da seguinte forma:

O referente do pronome _____

II. indique um conectivo que poderia ser empregado no lugar dos dois pontos.

04| Comprovando com dados do próprio trecho, explique por que o verbo **distinguir** foi flexionado na 3ª pessoa do plural em **“a loucura é individualidade singular cujas características próprias, a conduta, a linguagem, os gestos, distinguem-se uma a uma daquilo que se pode encontrar no não-louco”** (ref. 1).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Futebol de rua

Luís Fernando Veríssimo

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. **(I) Mas** existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. **(II) Se** você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. **(III) Futebol de rua é tão humilde que** chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. (...)

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos

seus protestos. **(IV) Quando** o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. (...)

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – **(V) Até** a mãe chamar **ou** escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DO JUIZ – Não tem juiz.

(...)

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:

A No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.

B Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner*.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

* córner = escanteio

(Publicado em *Para Gostar de Ler*. v.7. SP: Ática, 1981)

05| IFPE 2012) As proposições abaixo tratam das regras de concordância nominal. Analisando frases do texto, observe:

I. A concordância no período **“É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto”** está correta, pois o adjetivo **“considerada”** concorda com o substantivo **“atitude”**.

II. O enunciado **“É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi”** está correto, pois o adjetivo **“permitido”** fica invariável quando o sentido é vago, genérico.

III. O erro em **“Só são permitidas substituições (...)”** está no adjetivo **“permitidas”**, que deveria ficar no masculino devido à ausência de artigo ou de outro determinante antes de **“substituições”**.

- IV. O enunciado “É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi” deveria ser substituído por “É permitida a entrada na área adversária tabelando com uma Kombi” para se adequar à norma padrão.
- V. O período “Só são permitidas substituições (...)” está correto, pois o adjetivo “permitidas” deve concordar com “substituições” que está no feminino plural, mesmo sem a presença do determinante.

Estão **corretas**, apenas:

- A I, II e V
- B I, III e IV
- C IV e V
- D I e II
- E II e III

T ENEM E VESTIBULARES

01 | UNIFESP



(Folha de S. Paulo, 17.08.2013. Adaptado.)

Mantida a norma-padrão da língua portuguesa, a frase que preenche corretamente o segundo balão é:

- A Todos os dragões o tem.
- B Todos os dragões têm isso.
- C Os dragões todos lhe tem.
- D Sempre se encontra dragões com isso.
- E Sofre disso todos os dragões.

02 | ACAFE Assinale a frase **correta** quanto à concordância verbal.

- A Passou pela minha cabeça as estradas de terra, as viagens de barcos pelos rios do Pará, as entrevistas com as pessoas humildes, as histórias de vida (verdadeiras lições que não se aprende na escola).
- B Se vocês virem todos os detalhes do projeto com mais atenção, hão de concluir que ele não será ecologicamente sustentável, nem será tampouco viável economicamente.
- C Peço que seja mandado para mim, o mais breve possível, as informações que combinamos.
- D Gostaria também que fosse marcado nas plantas encaminhadas os espaços que foram inventariados pelo Patrimônio da União.

03 | IFSP A questão a seguir deve ser respondida de acordo com a gramática normativa

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

- A Meus irmãos põe os óculos de grau toda vez que precisam dirigir o carro.
- B As óticas mantém uma variedade de modelos de óculos à disposição dos clientes.
- C Em breve, pode surgir novos equipamentos que se assemelhem ao Google Glass.
- D Alguns oftalmologistas alegam que nem sempre a cirurgia convêm aos pacientes.
- E Houve muitos voluntários interessados em testar os aplicativos do novo equipamento

04 | ESPCEX Marque a única alternativa em que o emprego do verbo **haver** está correto.

- A Todas as gotas de água havia evaporado.
- B Elas se haverão comigo, se mandarem meu primo sair.
- C Não houveram quaisquer mudanças no regulamento.
- D Amanhã, vão haver aulas de informática durante todo o período de aula.
- E Houveram casos significativos de contaminação no hospital da cidade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Palavras de amor

Contardo Calligaris

Os sentimentos funcionam como picadas de mosquito, que coçamos e recoçamos até que se tornem feridas infectadas e, às vezes, septicemias generalizadas (quem sabe fatais). Salvo um exercício difícil de autocontrole, qualquer picada pode adquirir uma relevância desmedida: a gente tende a se coçar muito além da conta porque descobre que se coçar não é um alívio, mas um prazer autônomo em si.

Por isso mesmo, em geral, não confio nos sentimentos — nem nos meus, nem nos dos outros. Não é que eu supunha que os humanos mintam quando amam, odeiam ou se desesperam no luto. Nada disso.

Apenas verifico que os sentimentos, em geral, são condições autoinduzidas: transtornos ou desvios produzidos pelos próprios indivíduos, que, se não procuram sarnas para se coçar (como diz o ditado), no mínimo adoram coçar as sarnas que eles têm. Detalhe: coçando, aumenta o prurido, assim como aumentam a vontade e o prazer de se coçar.

Tomemos o exemplo do amor. Eu encontro, conheço ou vislumbro de longe alguém que preenche algumas condições básicas para que eu goste dela. Sussurrando entre quatro paredes ou gritando em praça pública, anotando no meu diário ou escrevendo para grandes editoras, passo a encher o ar ou as páginas com as descrições da beleza inigualável de minha amada e com as declarações hiperbólicas de meu sentimento.

Claro, minha prosa ou poesia poderão, quem sabe, conquistar meu objeto de amor, mas esse é um efeito colateral. O efeito mais importante (e esperado) de minhas palavras de amor não é tanto o de seduzir o objeto de meus sonhos, mas o de eu me apaixonar cada vez mais. Pois a intensidade do meu amor será diretamente proporcional à insistência e virulência de minhas declarações.

Em linguística, chamamos performativas aquelas expressões que, ao serem proferidas, constituem o fato do qual elas falam. Exemplo clássico: um chefe de Estado dizendo “Declaro a guerra” — essa frase é a própria declaração de guerra.

Dizer que sou apaixonado, que odeio ou que me desespero no luto talvez não sejam propriamente performativos. Mas se trata, no mínimo, de semiperformativos, ou seja, talvez os sentimentos existam antes de serem declarados, mas eles só crescem e tomam conta da gente na hora de serem ditos, descritos e contados — na hora de sua declaração, pública ou privada.

Há três razões pelas quais o amor é absolutamente indissociável da literatura amorosa. A primeira é que a gente aprende a amar e a declarar o amor pela literatura. A segunda é que o amor se tornou relevante em nossa vida à força de ser descrito e idealizado pela literatura. A terceira é que o amor, como sentimento, é um efeito das palavras que o expressam: a literatura nos instiga a amar tanto quanto nossas próprias declarações amorosas.

Acabo de terminar a prazerosa leitura de “Como os Franceses Inventaram o Amor” (editora Prumo). Nele, Marilyn Yalom percorre a literatura francesa e revela que ela é um repertório completo do amor.

A coisa começa com o triângulo amoroso, que não é um acidente ou um imprevisto do amor; ao contrário, o amor começa, mil anos atrás, com o triângulo amoroso. Tristão escolta Isolda, a futura esposa de seu tio, e se apaixona por ela. Lancelote venera seu rei Artur, mas se apaixona pela rainha. E, em geral, os poetas do amor cortês amam damas casadas (e frequentemente fiéis a seus senhores, aliás).

A França é, para Yalom, a pátria do amor. Não só pela riqueza de sua literatura, mas justamente porque, na cultura francesa, do amor cortês do século 12 até as conversas das preciosas nos salões parisienses do século 17 (que Molière ridicularizava, mas também admirava), amar é, antes de mais nada, uma arte de dizer, de ser efeito das próprias palavras que usamos ao declarar e descrever nosso sentimento.

Alguns acham que falta amor em sua vida. Como Emma Bovary ou Anna Kariênina (extraordinária a tradução de Rubens Figueiredo, pela Cosac Naify), temem que, sem amor, sua vida nunca chegue a ter a dignidade de um romance. A eles, recomendo paciência: os tempos mudam, e talvez se afirme hoje, aos poucos, uma retórica nova, menos sentimental, capaz de dar valor literário a uma vida sem amores e paixões.

Outros se queixam dos estragos que o excesso de amor faz em sua vida. Aqui a cura é simples: eles não vão acreditar, mas basta se calar um pouco, assim como é suficiente não se coçar para que as picadas de mosquito parem de incomodar.

(www.folha.uol.com.br/colunas. Acesso: 9/8/2013.)

05 | UEMG Os trechos a seguir, retirados do texto, foram reescritos com pequenas modificações, em destaque. Leia-os atentamente:

- I. “(...) amar é, **antes de mais nada**, uma arte de dizer, de ser efeito das próprias palavras que usamos ao declarar e descrever nosso sentimento”. (...) amar é, **antes de tudo**, uma arte de dizer, de ser efeito das próprias palavras que usamos ao declarar e descrever nosso sentimento.
- II. “O amor se tornou relevante em nossa vida **à força de** ser descrito e idealizado pela literatura”. O amor se tornou relevante em nossa vida **por** ser descrito e idealizado pela literatura.
- III. “Em linguística, chamamos performativas aquelas expressões que, ao serem proferidas, constituem o fato **do qual** elas falam”. Em linguística, chamamos performativas aquelas expressões que, ao serem proferidas, constituem o fato **sobre o qual** elas falam.
- IV. “Detalhe: coçando, aumenta o prurido, assim como **umentam** a vontade e o prazer de se coçar.” Detalhe: coçando, aumenta o prurido, assim como **umenta** a vontade e o prazer de se coçar.

Do ponto de vista gramatical, estão **CORRETAS** as modificações feitas em

- A** I e IV, apenas.
- B** II e III, apenas.
- C** I, II e III, apenas.
- D** I, II, III e IV.

06| UFSC



Considerando o texto, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. A tensão criada pela seriedade da afirmação inicial expressa-se no silêncio e na imobilidade das personagens no segundo quadrinho e é depois quebrada quando o homem diz ao gato que aquilo que afirmara não se aplica necessariamente a eles.
02. Se a palavra “muito” em “Existe muito para nós aprendermos sobre o mundo” fosse substituída por “muitas coisas”, o verbo *existir* poderia ser mantido no singular – *Existe muitas coisas para nós aprendermos sobre o mundo* – sem que isso implicasse desrespeito à norma padrão escrita da língua portuguesa.
04. Observa-se que a consciência de que não se pode aprender tudo contrapõe-se ao desejo do homem e do gato de aprender mais sobre o mundo.
08. Se, no último quadrinho, em vez do verbo *ir* tivéssemos o verbo pronominal *dispor-se*, a frase deveria ser reescrita como “Não que a gente se dispunha a aprender”.
16. A interjeição “Ufa”, no terceiro quadrinho, expressa o cansaço que o gato antevê como consequência do longo aprendizado que ele e o dono têm diante de si.
32. Percebe-se, no texto, que o pronome “nós” e sua variante informal “a gente” foram usados, respectivamente, de forma a sugerir um tom mais sério e categórico na afirmação inicial do homem (aprender sobre o mundo mostra-se um grande desafio) e um tom mais leve na sua afirmação final (que exclui a si e ao gato da tarefa de aprender sobre o mundo).

07| INSPER

Troque o verbo ou feche a boca

Rita Lee cantava uma música que dizia “o resto que se exploda, feito Bomba H”. Será que na língua culta existe “exploda”? Explodir é verbo defectivo, ou seja, não tem conjugação completa. No presente do indicativo, deve-se conjugá-lo a partir da segunda pessoa do singular (*tu explodes, ele explode etc.*). Muita gente não sabe da existência dos defectivos e os “conjugam” em todas as pessoas.

(Pasquale Cipro Neto, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/10/fovest/8.html>)

A alternativa que exemplifica o que foi expresso no último período é

- A Houveram dificuldades na resolução da questão.
- B Ficaremos felizes se vocês mantiverem a calma.
- C É preciso fazer contas para que a prestação caiba no orçamento.
- D Empresário reavê judicialmente a posse de seu imóvel.
- E Polícia deteu quase 60 torcedores nas imediações do Morumbi.

- 08| UNIFESP O Hatha yoga pradipika, *sagrada escritura do hatha yoga, escrita no século 15 da era atual, diz que, antes de nos aventurarmos na prática de austeridade e códigos morais, devemos nos preparar. Autocontrole e disciplina sem preparação adequada _____ criar mais problemas mentais e de personalidade do que paz de espírito. A beleza dessa escritura é que ela resolve o grande problema que todo iniciante enfrenta: dominar a mente.*

Devido _____ abordagem corporal, o hatha yoga ficou conhecido – de modo equivocado – como uma categoria de ioga _____ trabalha apenas as valências físicas (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio e outras), quase como ginástica oriental. Isso não é verdade.

(Ciência Hoje, julho de 2012. Adaptado.)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com

- A pode – a essa – aonde.
 - B podem – a essa – que.
 - C pode – à essa – o qual.
 - D podem – essa – com que.
 - E pode – essa – onde.
- 09| ENEM Ora dizeis, não é verdade? Pois o Sr. Lúcio queria esse cravo, mas vós lho não podíeis dar, porque o velho militar não tirava os olhos de vós; ora, conversando com o Sr. Lúcio, acordastes ambos que ele iria esperar um instante no jardim...

MACEDO, J. M. *A moreninha*. Disponível em: www.dominiopublico.com.br. Acesso em: 17 abr. 2010 (fragmento).

O trecho faz parte do romance *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Nessa parte do romance, há um diálogo entre dois personagens. A fala transcrita revela um falante que utiliza uma linguagem

- A informal, com estruturas e léxico coloquiais.
- B regional, com termos característicos de uma região.
- C técnica, com termos de áreas específicas.
- D culta, com domínio da norma padrão.
- E lírica, com expressões e termos empregados em sentido figurado.

10| UFTM Leia o poema de Mauro Mota.

Ausência
Vestias diante do espelho
o vestido de viagem,
e o espelho partiu-se ao meio
querendo prender-te a imagem.

(Canto ao Meio)

Ao reescrever o poema, empregando como sujeito explícito o pronome *Elas*, tem-se:

Elas vestiam diante do espelho
 os vestidos de viagem,
 e o espelho partiu-se ao meio
 querendo _____ a imagem.

A expressão que preenche corretamente a lacuna, de acordo com o português padrão, é:

- A** prendê-la.
- B** prendê-las.
- C** prender-vos.
- D** prender-lhe.
- E** prender-lhes.

11| INSPER

Texto I

sic – Em latim, significa assim. Expressão usada entre colchetes ou parênteses no meio ou no final de uma declaração entre aspas, ou na transcrição de um documento, para indicar que é assim mesmo, por estranho ou errado que possa ser ou parecer.

(http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_s.htm)

Texto II

A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, recebeu um grupo de 50 manifestantes, que foram de ônibus a Brasília reclamar sobre a demora para receber os recursos do governo federal. (...)

Em nota divulgada ontem no site do Ministério da Cultura, Ana de Hollanda disse que o ministério “reconhece, valoriza e tem claro [sic] a necessidade da continuidade” do trabalho dos Pontos de Cultura. A nota, no entanto, não aponta quando o problema deve ser resolvido.

(Folha de São Paulo, 23/02/2011)

Considerando-se as informações apresentadas nos textos, é correto afirmar que o motivo da inclusão do “sic”, no Texto II, é apontar uma falha de

- A** concordância nominal, já que o adjetivo “claro” deveria estar no feminino para concordar com o substantivo “necessidade”.
- B** regência nominal, pois o “a”, antes do substantivo “necessidade”, deveria receber acento grave para indicar a ocorrência de crase.
- C** pontuação, uma vez que se omitiu a vírgula obrigatória para separar as orações coordenadas presentes nesse período.
- D** acentuação gráfica, já que o verbo “ter”, presente na expressão “tem claro”, deveria receber acento circunflexo.
- E** coesão textual, pois, nessa construção, é obrigatória a inclusão do conectivo “que” para ligar a oração principal à oração subordinada.

12| INSPER Há duas semanas, foram divulgados novos dados sobre o desempenho dos nossos estudantes. Os resultados foram comentados à exaustão nos jornais, sites etc. Solidários, diversos meios de comunicação se aliaram aos alunos, ou seja, demonstraram que também tropeçam no trato com a língua. Começemos por um título (de um site), que terminava assim: “... preferem português à matemática”. (...). No título, usou-se a construção formal, mas...

(NETO, Pasquale Cipro. *Folha de São Paulo*, 08/09/2011)

Considere estas afirmações:

- I. O adjetivo “solidários”, no contexto em que ocorre, deve ser compreendido conotativamente, já que se trata de uma ironia.
- II. Do ponto de vista da gramática normativa, há um erro de regência no título do site, uma vez que o verbo “preferir” rejeita o uso da preposição “a”.
- III. No último período, ao empregar a conjunção adversativa “mas”, o autor sugere a ocorrência de “tropeço” gramatical no título do site.

Está(ão) correta(s)

- A** I, II e III.
- B** Apenas I e II.
- C** Apenas I e III.
- D** Apenas II e III.
- E** Apenas I.

PRONOMES

Ao finalizarmos o conteúdo de pronomes, o candidato deve ser capaz de reconhecer as funções morfossintáticas desta classe gramatical e identificar suas classificações. Este conhecimento possibilitará ao aluno maior domínio de análise e interpretação quando o texto apresentar variações morfológicas e sintáticas que influenciem no sentido desejado pelo autor.

Para esta revisão, é preciso fixar alguns conceitos, tais como:

- **pronome:** palavra variável que identifica os participantes da interlocução (1ª e 2ª pessoas discursivas) e os seres e situações aos quais o discurso faz referência (3ª pessoa discursiva).
- **pronome substantivo:** é quando o pronome substitui o substantivo. Ex.: —O meu carro está na garagem. — O **meu** está na oficina.
- **pronome adjetivo:** é quando o pronome acompanha o substantivo. Ex.: **Todo** trabalho deveria ser melhor remunerado.
- **pronome pessoal:** os pronomes pessoais fazem referência direta às pessoas do discurso e apresentam uma variação:

IMPORTANTE: há sempre uma confusão em selecionar qual forma adequada de alguns pronomes pessoais; algumas dicas:

- nunca devemos usar eu e tu depois de preposição, a não ser que esses pronomes estejam na função de sujeitos de verbos no infinitivo. Ex.: Passe a lista para eu olhar. Este problema deve ficar entre mim e você.
- os pronomes conosco e convosco devem ser substituídas por com nós e com vós sempre que estiverem acompanhadas de algum vocábulo que reforce seu sentido. Ex.: Eles vão ter de falar conosco neste comercial. Eles vão ter de falar com nós todos neste comercial.
- **pronomes pessoais do caso reto:** é quando desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito.
- **pronomes pessoais do caso oblíquo:** é quando desempenham as funções do objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial ou agente da passiva.

IMPORTANTE: Na fala, muitas vezes, utilizamos a forma “a gente” para 1ª pessoa do plural. Nesse caso, é preciso cuidado com a concordância verbal, pois essa forma está no singular e, embora indique mais pessoas, “a gente” está no singular e os verbos devem estar flexionados na 3ª pessoa do singular.

O pronome nós (na fala, muitas vezes, aparece como “a gente”) pode ser utilizado para generalizar. Isso, em textos argumentativos, principalmente, é um recurso frequente que tem como objetivo de passar para o leitor que a voz que fala não representa uma perspectiva individual, mas sim do todo, da razão. Por exemplo: Nós vivemos, ainda hoje, em um país racista.

- **pronomes oblíquos e a ação reflexiva:** os pronomes se, si, consigo são formas de 3ª pessoa para indicar ação reflexiva, ou seja, são utilizados para sinalizar que o objeto direto ou indireto do verbo, ou seu adjunto adverbial tem por referência o mesmo ser indicado pelo sujeito da oração. Ex.: O goleiro feriu-se com a luva.
- **pronomes oblíquos e ação recíproca:** as formas no plural são utilizadas, também, para sinalizar ação recíproca. Ex.: Pedro e José se cortaram ontem.
- **pronomes de tratamento:** são pronomes para designar o interlocutor. Veja a tabela abaixo:

PRONOMES DE TRATAMENTO	
Você (V.)	Tratamento Familiar
Senhor, Senhora (Sr.) (Srª)	Tratamento de Respeito
Vossa Senhoria (V. Sª)	Tratamento Cerimonioso
Vossa Excelência (V. Exª)	Tratamento altas autoridades
Vossa Eminência (V. Emª)	Tratamento para cardeais
Vossa Santidade (V. S)	Tratamento para o Papa
Vossa Alteza (V. A)	Tratamento para príncipes e duques
Vossa Magnificência (V. Magª)	Tratamento para reitores de universidades
Vossa Majestade (V. M)	Tratamento para reis
Vossa Reverendíssima (V. Rvmª)	Tratamento para sacerdotes

- **pronomes possessivos:** são aqueles que fazem referência às pessoas do discurso indicando posse. Veja o quadro abaixo:

Número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
Singular	Meu, minha, meus, minhas	Teu, tua, teus, tuas	Seu, sua, seus, suas
Plural	Nosso, nossa, nossos, nossas	Vosso, vossa, vossos, vossas	Seu, sua, seus, suas

IMPORTANTE: os pronomes me, lhe e te podem ser utilizados para indicar posse. Ex.: Amarrei-lhe as calças com o cadarço do tênis. (Amarrei a calça dele com...)

- os pronomes possessivos também acompanham os substantivos em casos em que têm valor adjetivo e são, então, chamados de pronomes adjetivos em que sua função sintática é adjunto adnominal. Ex.: Comprei nossos ingressos ontem. Esses pronomes também podem têm valor substantivo e exercem função de sintagma nominal. São chamados de pronomes substantivos. Ex.: Deixei meus trabalhos lá. Deixe os teus.

Esses pronomes possessivos substantivos funcionam como: sujeito, predicativo do sujeito, vocativo, objeto direto e indireto, complemento nominal, adjunto adverbial e agente da passiva.

- **pronomes demonstrativos:** são os pronomes que fazem referência às pessoas do discurso e indicam a relação de proximidade ou distanciamento. Veja o quadro abaixo:

Pessoas do discurso	Pronomes variáveis	Pronomes invariáveis
1ª	Este (masculino) / Esta (feminino)	Isto
2ª	Esse (masculino) / Essa (feminino)	Isso
3ª	Aquele (masculino) / Aquela (feminino)	Aquilo

- **pronomes indefinidos:** são pronomes que fazem referência à 3ª pessoa do discurso de maneira genérica. São classificados em:
- **pronomes indefinidos variáveis:** algum, nenhum, todo, pouco, muito, um, vários, outro, quanto, certo, tanto, bastante, qualquer, qual.
- **pronomes indefinidos invariáveis:** ninguém, alguém, mais, menos, demais, quem, que, algo, tudo, nada, outrem.
- **pronomes interrogativos:** são pronomes que sinalizam perguntas diretas ou indiretas. São eles: que, quem, qual, quanto.
- **pronomes relativos:** são pronomes que fazem referência a algum elemento que já apareceu na oração, estabelecendo relações anafóricas com seus antecedentes nas orações. São eles os variáveis: o(a) qual, cujo(a), quanto(a). Os invariáveis são: onde, quando, como, quem, que.

IMPORTANTE: funções sintáticas

- **cujo:** função adjetiva-adjunto adnominal
- os demais pronomes exercem função substantiva, como núcleos de sintagmas nominais-sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, adjunto adverbial, agente da passiva.

R EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

01| IFSP Leia as frases a seguir:

As lentes, primeiramente, permaneciam sobre o material de leitura mas, com o tempo, os homens _____ dos olhos.

Os óculos devolveram a boa visão a muitas pessoas, embora algumas sentissem vergonha de _____.

A indústria tem investido bastante na criação de óculos diferenciados e, hoje, _____ tanto por necessidade física como por valorização estética.

De acordo com a gramática normativa, as lacunas das frases devem ser preenchidas, correta e respectivamente, por

- A aproximaram-nas ... usá-los ... os adquirimos.
- B aproximaram-nas ... usar-lhes ... lhes adquirimos.
- C aproximaram-se ... usá-los ... os adquirimos.
- D aproximaram-lhes ... usar-se ... lhes adquirimos.
- E aproximaram-lhes ... usar-lhes ... os adquirimos.

Resolução:

ALTERNATIVA A, pois o verbo pede próclise por atração do pronome nas pela preposição dos.

- 02| Considere o texto a seguir que nos informa sobre a continuidade do trabalho desempenhado por esses grupos.

Os alunos dessa sala, após os devidos esclarecimentos feitos pela professora, resolveram transformar o que estudaram em dicas ecopráticas e publicar **essas dicas ecopráticas** no portal da escola. Para isso, redigiram um manual explicativo e digitaram **esse manual explicativo**, acrescentando ilustrações dos próprios colegas.

A repetição dos termos, que estão em destaque no texto, pode ser evitada pelo emprego adequado dos pronomes.

Assinale a alternativa em que isso ocorre.

- A** publicar-lhes ... o digitaram
- B** publicar-lhes ... lhe digitaram
- C** publicá-las ... o digitaram
- D** publicar-las ... lhe digitaram
- E** publicá-las ... digitaram-o

Resolução:

ALTERNATIVA C Como os termos destacados desempenham a função de objeto direto dos verbos “publicar” e “digitaram”, os pronomes oblíquos átonos que os substituem corretamente são “as” e “o”, respectivamente. Em relação ao verbo “publicar”, e porque este termina em “r”, deve eliminar-se esta consoante antes de colocar o pronome antecedido de “l”, ou seja, “las” (publicá-las). Já a forma verbal “digitaram” termina em dígrafo nasal, por isso o pronome “o” deveria ser antecedido de “n” se fosse colocado em ênclise (digitaram-no), o que desclassifica a opção **E**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

¹Eu troteava, nesse tempo. De uma feita que ⁶viajava de escoteiro, com a ⁹guaiaça ¹²empanzinada de ¹⁵onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, ²⁴por me ficar mais perto da estância onde ⁷devia pousar. Parece que foi ontem! Era fevereiro; eu vinha ²¹abombado da ¹⁸troteada.

²Olhe, ali, à sombra daquela mesma ¹⁶reboleira de mato que está nos vendo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma ¹³sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... E fui-me **à água** que nem ²²capincho! ³Depois, daquela ¹⁹vereda andei como ¹⁰três léguas, chegando à estância cedo, obra assim de braça e meia de sol.

⁴Ah! Esqueci de ²⁵dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino, um cusco muito esperto e boa vigia. Era das crianças, mas às vezes ²⁶dava-lhe para acompanhar-me, e depois de sair da ¹¹porteira, nem por nada fazia ²⁷caravolta, a não ser comigo.

Durante a troteada reparei que volta e meia o cusco parava na estrada e latia, e troteava sobre o ¹⁷rastro — parecia que estava me chamando! Mas como eu não ia, ele tomava a alcançar-me, e logo recomeçava...

Pois nem lhe conto! Quando botei o pé em terra na ²⁰estância e já ⁸dava as boas tardes ao dono da casa, aguentei um tirão seco no coração... não senti o peso da guaiaca! Tinha perdido as trezentas onças de ouro.

E logo passou-me pelos olhos um darão de cegar, depois uns ¹⁴coriscos... depois tudo ficou cinzento... ²⁹De meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

— Então, patrício? Está doente?

— ⁵Não senhor, não é doença; é que sucedeu-me uma ²⁸desgraça; perdi uma dinheirama do meu patrão...

²³- A la fresca!

— É verdade... antes morresse que isso!

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

Adaptado de Simões Lopes Neto. *Trezentas onças*. In: BETANCUR, P. (Org.). *Obra completa de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 307-308.

- 03| **UFRGS** Considere as seguintes propostas de substituição de pronomes átonos em segmentos

- 1 — **por me ficar mais perto** (ref. 24) — **por** ficar mais perto para eu
- 2 — **dizer-lhe** (ref. 25) — **dizer para o senhor**
- 3 — **dava-lhe** (ref. 26) — **dava a ele**

Quais são gramaticalmente corretas e contextualmente adequadas?

- A** Apenas 1.
- B** Apenas 2.
- C** Apenas 3.
- D** Apenas 1 e 2.
- E** 1, 2 e 3

Resolução:

ALTERNATIVA B, pois a única substituição correta seria a 2. Na primeira referência (ref. 24), a preposição para demanda o uso do pronome pessoal oblíquo tônico mim. Na terceira referência (ref. 26), a troca, além de ser responsável pela eliminação da linguagem regional, gera uma incorreção.

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

TEXTO I

Diálogo da relativa grandeza

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de ¹fole do pescoço – e só olhando bem é que se via – ⁷era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus, Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

– Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

– Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

– Marmelo é banana, besta?

– Não é mas serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

– Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

– Que Mirto, seu. É Milllton. Mania!

– Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.

– Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.

– Não é vantagem? É muita vantagem.

– Você já não leu o de Milton?

– Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

– Vantagem é ganhar outro. Diferente.

– Deferente eu não quero. Pode não ser bom.

– Como foi que você disse? Diz de novo?

– Já disse uma vez, chega.

– Você disse deferente.

– Foi não.

– Foi. Eu ouvi.

– Foi não.

– Foi.

– Foi não.

– Foooooi.

⁸Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a ²dízima. Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

– Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

– Eu estou matando, estou?

– Está ³judiando. Ele morre.

– Eu estou judiando?

– Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, ⁹qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação.

Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina ⁴renitente.

⁵Ele preferiu continuar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? ⁶Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

José J. Veiga. *A máquina extraviada*. Rio de Janeiro: Editora Prelo, 1968.

¹ fole – papo

² dízima – refere-se à dízima periódica, algo sem fim

³ judiar – maltratar

⁴ renitente – teimosa

01 | UERJ Observe que, nos fragmentos abaixo, os pronomes **o** e **elas** desempenham a mesma função sintática: objeto direto.

- Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania.
- Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus?

- A** Explique a diferença de formas entre os pronomes, com base na diversidade de usos da língua.
- B** Reescreva integralmente cada construção sublinhada, de modo que o item **a** passe a ter a forma característica de **b**, e **b** passe a ter a forma característica de **a**.

TEXTO II: DE MANHÃ

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.

Um belo dia – por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos –
você abre a janela, ou abre um pote

de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a ideia irrompe, clara e nítida:

É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega

a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:

Perdi o dia, mas ganhei o mundo.
(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henrique. “As três epifanias – III”. In: BRITO, P. H. Macau. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

- 02| UFRJ** Um pronome, para assumir valor indeterminado, não deve estar associado apenas a um interlocutor específico, mas também a outros interlocutores, depreensíveis do contexto. Considerando essa afirmativa, explique o valor indeterminado da forma VOCÊ no texto II e justifique seu emprego para a construção do sentido do texto.

- 03| UFSCAR** Observe o texto seguinte, um fragmento de “Festival de abóboras geladas”.

MODO DE PREPARO

Numa panela funda, colocar a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixar ferver por 15 minutos. Juntar os pedaços de abóbora na calda e cozinhar por 20 minutos. Desligar o fogo e deixar na panela por 12 horas. Depois, colocar em uma compoteira. Levar à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

(Lucília Diniz, “Doces Light”. Adaptado.)

O texto está redigido no infinitivo, visando a não identificar, individualmente, as pessoas que devem praticar essas ações. Redija novamente o texto, utilizando, agora, o pronome “se”, para o mesmo efeito.

T ENEM E VESTIBULARES

- 01| UFSM** Leia o texto a seguir para responder à questão.

Um algoritmo vale mais que o charme?

Uma nova safra de sites de namoro _____ a tecnologia para juntar as pessoas à moda antiga.

Vale até um PowerPoint sobre a sua vida.

As redes sociais ampliaram não só os grupos de amigos, mas também o número de pessoas com as quais _____ ter um relacionamento amoroso. Mas o problema é que as redes sociais aumentaram a quantidade e não a qualidade dos candidatos. O novo desafio amoroso é exatamente este: filtrar as pessoas que interessam. Daí _____ serviços, como o *eHarmony.com* e *Match.com*, que ajudam a selecionar parceiros(as) dentro e fora da sua rede com a ajuda de algoritmos que analisam a compatibilidade entre duas pessoas. Outros aplicativos, como o *Pair*, _____ grande

importância à privacidade num mundo onde as interações são cada vez mais públicas. E se der tudo errado, _____ vários sites de divórcio. Se você quiser manter o lado tradicional da separação, mas sem a lentidão da Justiça, hospede-se no *DivorceHotel.com*.

LARIU, Alessandra. “Um algoritmo vale mais que o charme?” *INFO*, jul. 2012, p. 30. (adaptado)

Assinale a alternativa que preenche, adequadamente, as lacunas do texto, segundo os princípios da norma-padrão da língua portuguesa.

- A** usa – se pode – entram – dão – existem
- B** utiliza – é possível – surgem – tem dado – há
- C** usam – pode-se – entram – dão – existem
- D** utiliza – é possível – surge – estão dando – há
- E** utilizam – se pode – entra – dão – existe

02| ENEM A colocação pronominal é a posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem. São pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes, nos e vos. Esses pronomes podem assumir três posições na oração em relação ao verbo. Próclise, quando o pronome é colocado antes do verbo, devido a partículas atrativas, como o pronome relativo. Ênclise, quando o pronome é colocado depois do verbo, o que acontece quando este estiver no imperativo afirmativo ou no infinitivo impessoal regido da preposição “a” ou quando o verbo estiver no gerúndio. Mesóclise, usada quando o verbo estiver flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

A mesóclise é um tipo de colocação pronominal raro no uso coloquial da língua portuguesa. No entanto, ainda é encontrada em contextos mais formais, como se observa em:

- A** Não lhe negou que era um imprevisto.
- B** Faz muito tempo que lhe falei essas coisas.
- C** Nunca um homem se achou em mais apertado lance.
- D** Referia-se à D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum outro autor?
- E** Acabou de chegar dizendo-lhe que precisava retornar ao serviço imediatamente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto I

O silêncio incomoda

¹Como trabalho em casa, assisto a um grande número de jogos e programas esportivos, alguns porque gosto e outros para me manter atualizado, vejo ainda muitos noticiários gerais, filmes, programas culturais (são pouquíssimos) e também, por curiosidade, muitas coisas ruins. Estou viciado em televisão.

Não suporto mais ver ²⁵tantas tragédias, crimes, violências, falcaturas e tantas politicagens para a realização da Copa de 2014.

Estou sem paciência ²⁰para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil, consequência do estilo de jogar, da tolerância com a violência e do ambiente bélico em ¹⁴que se transformou o futebol, dentro e fora do campo.

Na transmissão das partidas, ³⁰fala-se e grita-se demais. Não há um único instante de silêncio, nenhuma pausa. O barulho é cada dia maior no futebol, nas ruas, nos bares, nos restaurantes e em quase todos os ambientes. O silêncio incomoda as pessoas.

É óbvio ¹⁵que informações e estatísticas são importantes. Mas exageram. ²Fala-se ²⁶muito, mesmo com a

bola rolando. Impressiona-me ¹⁸como ¹⁰se formam conceitos, dão opiniões, baseados em estatísticas ¹³que têm pouca ou nenhuma importância.

Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a ⁶“grande notícia”, ²¹que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro a marcar dois gols contra a Escócia em uma mesma partida.

²²Parece haver uma disputa para saber ¹⁹quem dá mais informações e estatísticas, e outra, entre os narradores, ³para saber quem grita gol mais ²³alto e ²⁴prolongado. ¹¹Se dizem ¹⁶que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?

²¹Outra discussão ²⁷chata, durante e após as partidas, é ⁸se um jogador teve a intenção de colocar a mão na bola e de fazer pênalti, e se outro teve a intenção de atingir o adversário. Com raríssimas exceções, ⁴ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador.

⁷O que ocorre, com frequência, é ⁵o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro. O impulso está à frente da consciência. Não sou também tão ingênuo para achar ¹⁷que todas as faltas violentas são involuntárias.

Não dá para o árbitro saber ¹²se a falta foi intencional ou não. Ele precisa julgar o fato, e não a intenção. Eles precisam ter também bom senso, o que é raro no ser humano, para saber a gravidade das faltas. ²⁹Muitas parecem ²⁸iguais, mas não são. Ter critério não é unificar as diferenças.

(Tostão, Folha de S.Paulo, caderno D, “esporte”, p. 11, 10/04/2011.)

Texto II

O ídolo

Em um belo dia, a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e, desse beijo, nasce o ídolo do futebol. ⁷Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola.

¹Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança, alegre os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e, quando jovem, voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação.

⁴A bola ¹³o procura, ¹⁴o reconhece, precisa dele. No peito de ¹⁸seu pé, ela descansa e se embala. ⁶Ele ¹⁹lhe dá brilho e ²⁰a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam. ¹¹Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, ¹⁶essas fintas que desenharam os zês na grama, ¹⁷esses golaços de calcanhar ou de bicicleta: quando ele joga o time tem doze jogadores.

— Doze? Tem quinze! Vinte!

¹⁰A bola ri, radiante, no ar. Ele a amortece, a adormece, diz galanteios, dança com ela, e vendo essas coisas nunca vistas, seus adoradores sentem piedade por seus netos ainda não nascidos, que não estão vendo ¹⁵o que acontece.

²²Mas o ídolo é ídolo apenas por um momento, humana eternidade, coisa de nada; e quando chega a hora do azar para o pé de ouro, a estrela conclui sua viagem do resplendor à escuridão. ³Esse corpo está com mais remendos que roupa de palhaço, o acrobata virou paralítico, o artista é uma besta:

— Com a ferradura, não!

⁸A fonte da felicidade pública se transforma no ¹²para-raios do rancor público:

— Múmia!

Às vezes, o ídolo não cai inteiro. ⁵E, às vezes, ²quando ⁹se quebra, a multidão ²¹o devora aos pedaços.

(Eduardo Galeano. *Futebol, ao sol e à sombra.*)

Texto III

Sermão da Planície

(para não ser escutado)

Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade.

Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com decepção ou enfarte.

(...)

Bem-aventurados os que não escalam, pois não terão suas mães agravadas, seu sexo contestado e ³sua integridade física ameaçada, ao saírem do estádio.

⁴Bem-aventurados os que não são escalados, pois escapam das vaias, projéteis, contusões, fraturas, e mesmo da ⁵glória precária de um dia.

²Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.

(...)

Bem-aventurados os surdos, pois não os atinge o estrondar das bombas da vitória, que fabricam os surdos, nem o ¹matraquear dos locutores, carentes de exorcismo.

(...)

Bem-aventurados os que, depois de escutar esse sermão, aplicarem todo o ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho

sermoneiro desencantado, mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração.

(Carlos Drummond de Andrade. *Jornal do Brasil*, 18/06/1974.)

03 | EPCAR Leia o trecho abaixo.

“Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, essas fintas que desenham os zês na grama...” (ref. 11, texto II)

De acordo com a análise morfofossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:

- A** em *Zé Ninguém*, há uma derivação imprópria, já que foi utilizado um pronome indefinido como substantivo próprio.
- B** em “A fonte da felicidade pública se transforma no *para-raios do rancor público*”, (ref. 12, texto II), a expressão grifada é predicativo do sujeito.
- C** o substantivo destacado em “... esses *golaços* de calcanhar ou de bicicleta...” foi formado a partir de sufixação.
- D** caso antes da locução “... podem sentir-se alguém...”, houvesse uma palavra negativa, o pronome *se* teria que, obrigatoriamente, vir antes do verbo *poder*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Quando a rede vira um vício

Com o título “Preciso de ajuda”, fez-se um desabafo aos integrantes da comunidade Viciados em Internet Anônimos: “Estou muito dependente da web, Não consigo mais viver normalmente. Isso é muito sério». Logo obteve resposta de um colega de rede. «Estou na mesma situação. Hoje, praticamente vivo em frente ao computador. Preciso de ajuda.» O diálogo dá a dimensão do tormento provocado pela dependência em Internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da própria rede se dissemina. Segundo pesquisas recém-conduzidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, de 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a web — com concentração na faixa dos 15 aos 29 anos. Os estragos são enormes. Como ocorre com um viciado em álcool ou em drogas, o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero. Ele também sofre de constantes crises de abstinência quando está desconectado, e seu desempenho nas tarefas de natureza intelectual despenca. Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia. Conclui uma psicóloga ame-

ricana: “O viciado em internet vai, aos poucos, perdendo os elos com o mundo real até desembocar num universo paralelo — e completamente virtual”.

Não é fácil detectar o momento em que alguém deixa de fazer uso saudável e produtivo da rede para estabelecer com ela uma relação doentia, como a que se revela nas histórias relatadas ao longo desta reportagem. Em todos os casos, a internet era apenas “útil” ou “divertida” e foi ganhando um espaço central, a ponto de a vida longe da rede ser descrita agora como sem sentido. Mudança tão drástica se deu sem que os pais atentassem para a gravidade do que ocorria. “Como a internet faz parte do dia a dia dos adolescentes e o isolamento é um comportamento típico dessa fase da vida, a família raramente detecta o problema antes de ele ter fugido ao controle”, diz um psiquiatra. A ciência, por sua vez, já tem bem mapeados os primeiros sintomas da doença. De saída, o tempo na internet aumenta — até culminar, pasme-se, numa rotina de catorze horas diárias, de acordo com o estudo americano. As situações vividas na rede passam, então, a habitar mais e mais as conversas. É típico o aparecimento de olheiras profundas e ainda um ganho de peso relevante, resultado da frequente troca de refeições por sanduíches — que prescindem de talheres e liberam uma das mãos para o teclado. Gradativamente, a vida social vai se extinguindo. Alerta outra psicóloga: “Se a pessoa começa a ter mais amigos na rede do que fora dela, é um sinal claro de que as coisas não vão bem”.

Os jovens são, de longe, os mais propensos a extrapolar o uso da internet. Há uma razão estatística para isso — eles respondem por até 90% dos que navegam na rede, a maior fatia —, mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz. Algo como 10% dos entrevistados (viciados ou não) chegam a atribuir à internet uma maneira de “aliviar os sentimentos negativos”, tão típicos de uma etapa em que afloram tantas angústias e conflitos. Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias. Diz um outro psiquiatra: “Num momento em que a própria personalidade está por se definir, a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente”. No perfil daquela minoria que, mais tarde, resvala no vício se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração. Cerca de 50% deles, inclusive, sofrem de depressão, fobia social ou algum transtorno de ansiedade. É nesse cenário que os múltiplos usos da rede ganham um valor distorcido. Entre os que já têm o vício, a maior adoração é pelas redes de relacionamento e pelos jogos on-line, sobretudo por aqueles em que não existe noção de começo, meio ou fim.

Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema, nos Estados Unidos, a dependência em internet é reconhecida — e tratada — como uma doença. Surgiram grupos especializados por toda parte. “Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de

que essa é uma doença”, conta um psicólogo. O prognóstico é bom: em dezoito semanas de sessões individuais e em grupo, 80% voltam a níveis aceitáveis de uso da internet. Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente distantes dela, como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida. Com a rede, afinal, descortina-se uma nova dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento e ao próprio lazer, dos quais, em sociedades modernas, não faz sentido se privar. Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a qual já existe um consenso acerca do razoável: até duas horas diárias, no caso de crianças e adolescentes. Quanto antes a ideia do limite for sedimentada, melhor. Na avaliação de uma das psicólogas, “Os pais não devem temer o computador, mas, sim, orientar os filhos sobre como usá-lo de forma útil e saudável”. Desse modo, reduz-se drasticamente a possibilidade de que, no futuro, eles enfrentem o drama vivido hoje pelos jovens viciados.

Sílvia Rogar e João Figueiredo, *Veja*, 24 de março de 2010. Adaptado.

04 | COL.NAVAL Assinale a opção em que, segundo a variedade padrão, pode ocorrer ênclise.

- A** “[...] como a que se revela nas histórias relatadas [...]” (2º parágrafo)
- B** “Gradativamente, a vida social vai se extinguindo.” (2º parágrafo)
- C** “Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema [...]” (4º parágrafo)
- D** “Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente [...]” (4º parágrafo)
- E** “[...] como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida.” (4º parágrafo)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O ENFERMEIRO

1. Resmungou ainda muito tempo. Às onze horas passou pelo sono. Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d’Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, a pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o remédio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também. Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da morninga e arremessá-la contra mim. Não tive tempo de desviar-me; a morninga bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

2. Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. Parecia-me que as paredes tinham vultos; escutava umas vozes surdas. Os gritos da vítima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir dentro de mim, e o ar, para onde quer que me voltasse, aparecia recortado de convulsões. Não creia que esteja fazendo imagens nem estilo; digo-lhe que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! assassino!

(...)

3. Antes do alvorecer curei a contusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei; ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me; cheguei a pensar na fuga; mas era confessar o crime, e, ao contrário,urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão?” Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.

4. A primeira ideia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope. Não saí da sala mortuária; tinha medo de que descobrissem alguma coisa. Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam; mas não ousava fitar ninguém.

(Machado de Assis, *Contos*)

05| IBMECSP Leia as afirmações a seguir e identifique a(s) CORRETA(S), de acordo com o texto.

I – Em “Tremiam-me as pernas”, ocorre ênclise porque, segundo a norma culta, não se iniciam frases com pronome oblíquo átono.

II – No trecho “... urgia fazer desaparecer os vestígios dele.”, o pronome destacado refere-se ao cadáver.

III – Em “Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam”, o “se” é um pronome reflexivo.

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas III.
- D) I e II.
- E) I e III.

06| UNIFESP



(O Estado de S.Paulo, 01.05.2003. Adaptado.)

Assinale a alternativa correta, tendo como referência todas as falas do menino Calvin.

- A) O emprego de termos como “gente” e “tem” é inadequado, uma vez que estão carregados de marcas da linguagem coloquial desajustadas à situação de comunicação apresentada.
- B) Calvin emprega o pronome “você” não necessariamente para marcar a interlocução: antes, trata-se de um recurso da linguagem coloquial utilizado como forma de expressar ideias genéricas.
- C) O emprego de termos de significação ampla – como “noção”, “tudo”, “normal” – prejudica a compreensão do texto, pois o leitor não consegue entender, com clareza, o que se pretende dizer.
- D) O pronome “eles” é empregado duas vezes, sendo impossível, no contexto, recuperar-lhe as referências.
- E) O termo “bem” é empregado com valor de confirmação das informações precedentes.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA – INSTINTO DE NACIONALIDADE

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.

As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madruça, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional.

Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitos trabalharão para ela até perfazê-la de todo.

(Machado de Assis, *Crítica*. Texto adaptado.)

07 | FATEC Assinale a alternativa contendo afirmação correta acerca de fato linguístico do texto.

- A** O pronome “lhe”, destacado no 10 parágrafo, pode ser substituído, com correção, por “a ela”.
- B** É indiferente, para o sentido da frase, que as palavras «certo» e «semelhante», nos trechos em destaque no 10 parágrafo, posicionem-se antes ou depois dos substantivos a que se referem.
- C** Os pronomes “aqueles” e “as”, em destaque no 20 parágrafo, referem-se, respectivamente, a Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães e a tradições.
- D** Os pronomes “ela” e “-la”, destacados no 30 parágrafo, referem-se, respectivamente, a “obra” e “geração”.
- E** A palavra “pausadamente”, destacada no 30 parágrafo, expressa circunstância de tempo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

DO JEITO QUE EU QUERO SER

Os sites que abrem portas para mundos virtuais em três dimensões, como o *Second Life* ou o do jogo *Star Wars Galaxies*, são um dos grandes sucessos atuais da internet. Não é para menos. Eles tornam corriqueira e divertida uma prática que a psicanálise há tempos detectou ser comum a todos os seres humanos – a de projetar uma

imagem ideal de si mesmo através de outras pessoas. É o que se faz, por exemplo, quando se pensa em ganhar na loteria e levar uma vida igual à dos milionários que aparecem nas revistas. Na internet, essa projeção de si próprio se chama *avatar* e não existe apenas na mente de cada um. Ela se materializa nos personagens criados para participar dos mundos virtuais. No mundo dos *avatares* não existe a baixa auto-estima. Todo mundo pode ser forte, atraente e dono de grandes habilidades sociais. É possível também se transmutar num personagem de desenho animado. Pode-se até mudar de sexo. Apenas no *Second Life*, perto de 9 milhões de *avatares* já foram inventados em todo o mundo. Os criadores dos personagens permanecem sentados à frente de seus computadores, mas suas criaturas ganham o mundo, lutam em guerras, eliminam monstros ou simplesmente namoram nas ruas de cidades imaginárias – mas bem reais na tela do monitor.

(Veja Especial – Tecnologia, agosto, 2007, p. 18)

08 | FATEC Assinale a alternativa em que é observada a norma culta de concordância, regência e emprego de pronomes.

- A** Há uma porta para um mundo virtual, o qual os internautas gostam e nele vive uma vida paralela.
- B** Pode existir mundos povoados por avatares, os quais não é permitido a baixa auto-estima.
- C** Trata-se de verdadeiras materializações de imagens projetadas, as quais se encontram fora da mente das pessoas; chamam-nas de avatares.
- D** A psicanálise detectou, fazem muitos anos, a essa prática, cuja é comum à várias pessoas.
- E** É possível haverem pessoas que aspiram ser fortes e atraentes ou, até, personagem de desenho animado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

A CASA DAS ILUSÕES PERDIDAS

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desagrado, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade – e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

— Por favor, suplicou. — Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou, não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo – estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o nenê, eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o lançado recém-lançado-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde – agora ele prometia – ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

– Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

(Moacyr Scliar, *Folha de S.Paulo*, 14.06.1999.)

09| UNIFESP No texto, há muitas retomadas pronominais, basicamente expressas pelos pronomes “ele” e “ela”. Isso não gera ambiguidade principalmente porque

- A** se alternam os pronomes com sinônimos.
- B** as referências dos pronomes são muito restritas.
- C** as formas verbais estão todas no mesmo tempo.
- D** todos os pronomes poderiam ser omitidos.
- E** as frases curtas limitam a interpretação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

ESTAMOS CRESCENDO DEMAIS?

O nosso “complexo de vira-lata” tem múltiplas facetas. Uma delas é o medo de crescer. Sempre que a economia brasileira mostra um pouco mais de vigor, ergue-se, sinistro, um coro de vozes falando em “excesso de demanda” “retorno da inflação” e pedindo medidas de contenção.

O IBGE divulgou as Contas Nacionais do segundo trimestre de 2007. Não há dúvidas de que a economia está pegando ritmo. O crescimento foi significativo, embora tenha ficado um pouco abaixo do esperado. O PIB cresceu

5,4% em relação ao segundo trimestre do ano passado. A expansão do primeiro semestre foi de 4,9% em comparação com igual período de 2006.(...)

Aturma da bufunfa não pode se queixar. Entre os subsectores do setor serviços, o segmento que está «bombando» é o de intermediação financeira e seguros – crescimento de 9,6%. O Brasil continua sendo o paraíso dos bancos e das instituições financeiras.

Não obstante, os porta-vozes da bufunfa financeira, pelo menos alguns deles, parecem razoavelmente inquietos. Há razões para esse medo? É muito duvidoso. Ressalva trivial: é claro que o governo e o Banco Central nunca podem descuidar da inflação. Se eu fosse cunhar uma frase digna de um porta-voz da bufunfa, eu diria (parafrazeando uma outra máxima trivializada pela repetição): “O preço da estabilidade é a eterna vigilância”.

Entretanto, a estabilidade não deve se converter em estagnação. Ou seja, o que queremos é a estabilidade da moeda nacional, mas não a estabilidade dos níveis de produção e de emprego.

A aceleração do crescimento não parece trazer grande risco para o controle da inflação. Ela não tem nada de excepcional. O Brasil está se recuperando de um longo período de crescimento econômico quase sempre medíocre, inferior à média mundial e bastante inferior ao de quase todos os principais emergentes.

O Brasil apenas começou a tomar um certo impulso. Não vamos abortá-lo por medo da inflação.

(*Folha de S.Paulo*, 13.09.2007. Adaptado)

10| FGV Atente para as afirmações:

- I. Na frase – Há razões para esse medo? – substituindo-se o verbo há no mesmo tempo verbal, tem-se: Existirá razões para esse medo?
- II. Está correta, de acordo com a norma culta, a colocação pronominal da frase: O setor mais dinâmico foi a indústria, que se superou em 2007.
- III. Dos substantivos economia, estabilidade e intermediação, formam-se, respectivamente, os verbos: economizar, estabilizar e intermedear.

Está correto apenas o que se afirma em:

- A** I.
- B** II.
- C** III.
- D** I e II.
- E** II e III.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou.

Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se passaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de húngaros, cara de infeliz, não dá simpatia alguma. E tímido, o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. “Está vendendo bilhete de loteria”, respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima: pronto! Estava sem engraxate! Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou um dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto pra definir que tinha de continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom.

(Mário de Andrade, *Os Filhos da Candinha*.)

11| UNIFESP Assinale a alternativa correta.

- A** Respeitando-se os sentidos do texto, a primeira frase pode ser parafraseada por: “Embora meu engraxate tenha me deixado, ando agora em plena desolação”.
- B** Em – “Os olhos do menino chispeavam ávidos...” – a forma verbal significa “observavam placidamente”.
- C** Na norma padrão, a frase – “Meu engraxate me deixou.” – também pode assumir a forma: “Me deixou meu engraxate.”
- D** A frase – “‘Está vendendo bilhete de loteria’, respondeu antipático...” –, em discurso indireto, assume a forma: “Respondeu antipático que estaria vendendo bilhete de loteria.”
- E** A frase – “... ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom”. – na norma padrão, na primeira pessoa do plural, assume a seguinte forma: “... ali estava um menino que, se nós ensinássemos, poderia tornar-se bom engraxate”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O BARBEIRO

Perto de casa havia um barbeiro, que me conhecia de vista, amava a rabeça e não tocava inteiramente mal.

¹⁰Na ocasião em que ia passando, ⁹executava não sei que peça. Parei na calçada a ouvi-lo (tudo ³são pretextos a um coração agoniado), ele viu-me, e continuou a tocar. Não atendeu a um freguês, e logo a outro, que ali foram, ⁷a despeito da hora e de ser domingo, confiar-lhe as caras à navalha. Perdeu-os sem perder uma nota; ia tocando para mim. Esta consideração fez-me chegar francamente à porta da loja, voltado para ele. Ao fundo, levantando a cortina de chita que fechava o interior da casa, ¹¹vi apontar uma moça trigueira, vestido claro, flor no cabelo. Era a mulher dele; creio que me descobriu de dentro, e veio agradecer-me com a presença o favor que eu fazia ao marido. ⁶Se me não engano, chegou a dizê-lo com os olhos. Quanto ao marido, tocava agora com mais calor; sem ver a mulher, sem ver fregueses, grudava a face no instrumento, passava a alma ao arco, e tocava, tocava...

Divina arte! Ia-se formando um grupo, ⁴deixei a porta da loja e vim andando para casa; ²enfiei pelo corredor e subi as escadas sem estrépito. Nunca me esqueceu o caso deste barbeiro, ou por estar ligado a um momento grave de minha vida, ou por esta máxima, que os compiladores podiam tirar daqui e inserir nos compêndios da escola. A máxima é que ¹a gente esquece devagar as boas ações que pratica, e verdadeiramente não as esquece nunca. Pobre barbeiro! Perdeu duas barbas naquela noite, que eram o pão do dia seguinte, tudo para ser ouvido de um transeunte. ¹²Supõe agora que este, em vez de ir-se embora, como eu fui, ficava à porta a ouvi-lo e namorar-lhe a mulher; então é que ele, todo arco, todo rabeça, tocaria desesperadamente. ⁵Divina arte!

(ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro* – obra completa – vol. I, Aguilar, 2ª ed. 1962.)

12| UECE Na frase “Se me não engano, chegou a dizê-lo com os olhos.” (ref. 6), o pronome –lo faz referência ao

- A** agradecimento da mulher do barbeiro.
- B** fato de o narrador escutar a música do barbeiro.
- C** fato de o barbeiro passar a alma a rabeça.
- D** efeito que a música causara ao narrador

FRENTE A

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 22)

01| A primeira estrofe é toda formada a partir dos lemas árcades, o eu lírico se apresenta como um vaqueiro que tem um sítio do qual ele tira o seu sustendo. “Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,/ Que viva de guardar alheio gado,/ De tosco trato, de expressões grosseiro,/ Dos frios gelos e dos sóis queimado./ Tenho próprio casal e nele assisto;

Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;/ Das brancas ovelhinhas tiro o leite;/ E mais finas lãs, de que me visto.

02| Encheu, minha Marília, o grande Jove,
03| No verso “De um fúnebre cipreste, que espalhava/ Melancólica sombra.” Nota-se a manifestação de sentimentos por meio de elementos da natureza (cipreste, sombra) e não apenas como mero cenário árcade.

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 23)

01| E 06| C 11| B 16| B
02| A 07| A 12| E 17| A
03| A 08| B 13| E 18| B
04| B 09| C 14| D 19| A
05| D 10| D 15| C

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 41)

01| Por se tratar de um vencedor que destaca a coragem do guerreiro Tupi, o narrador confere ainda mais valor às ações do guerreiro vencido.
02| A repetição da frase “Meninos, eu vi” confere autoridade ao relato, uma vez que o narrador tinha sido testemunha dos fatos narrados.

03| 1ª Geração Nacionalista ou Indianista – por idealizar e exaltar a figura do índio como herói.

04| O sonho: versos 6 a 17

05| A realidade é apresentada de forma pessimista, o eu lírico revela sua frustração diante da realidade, enquanto o sonho representa a idealização da realidade.

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 42)

01| E 05| A 09| E 13| B
02| A 06| E 10| C 14| B
03| C 07| D 11| A
04| C 08| B 12| E

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 57)

01| O poeta adota uma postura pessimista diante da vida, o que fica evidente no fato de não acreditar que alguém possa ter um gesto sincero de apreço por outra pessoa.

02| O falante se porta de forma incisiva face ao interlocutor como alguém que sabe de algo que o interlocutor viveu e agora o aconselha.

03| Para o eu lírico a morte representa apenas a decomposição da matéria: “Acostuma-te à lama que te espera!”

04| O poema é tipicamente pré-modernista, pois podemos perceber influências das escolas do fim do século XIX, como o soneto parnasiano, o pessimismo realista, as imagens simbolistas (quimeras) e o cientificismo naturalista ao lado de uma linguagem inovadora, típica do modernismo: “Toma um fósforo. Acende teu cigarro!”

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 58)

01| D 05| D 09| A 13| B
02| E 06| D 10| B 14| D
03| D 07| D 11| B 15| D
04| D 08| C 12| E 16| D

FRENTE B

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 65)

01| Metalinguisticamente, o texto convinda a um exercício de reflexão a respeito dos princípios que estruturam a forma e o conteúdo de um livro, que só se completa no ato da leitura.

02| O autor, ao narrar uma ação do cotidiano em linguagem coloquial (“tu podre”, “a gente vamos”), demonstra paralelamente a preocupação em elaborar um texto em que o ritmo, a sonoridade e a escolha do léxico estão presentes. Essa preocupação com o fazer literário configura a função poética da linguagem.

03| Trata-se de um texto com a formatação de um classificado de jornal, mas com linguagem que faz uso da função poética e emotiva, pois o eu lírico expressa também, livremente e em 1ª pessoa, os seus sentimentos e emoções (“vou pôr um anúncio em negrito”, “Mas juro que há em meu rosto sério uma alegria até mesmo divina para dar”).

04| No texto de Ivan Lessa, a função metalinguística se destaca, já que, com palavras, aborda como tema as próprias palavras – destaque do código.

05| uso de diminutivos em expressões com grande carga afetiva (“chegar de mansinho”, “o gostinho da viagem” “Pequenino a princípio”) contrastam com os aumentativos que exaltam a grandiosidade do espetáculo que aguarda o visitante (“do casarão”, “imensidão”). Assim, a autora dirige-se ao leitor de forma a envolvê-lo na descrição da cidade, levá-lo a aceitar suas ideias, convidando-o a partilhar das belezas do local.

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 66)

01| C 04| D 07| C 10| B
02| B 05| B 08| E 11| C
03| B 06| E 09| D 12| B

FRENTE C

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 75)

01| A Correto. C Correto.
B Incorreto.

Apenas é incorreto o que se afirma em B, pois a transformação da oração na voz ativa (“que se esperam dele”) em outra de sentido equivalente na voz passiva só seria adequada se se inserisse o pronome relativo “que” com função de sujeito: que dele são esperados.

02| Ao passar a oração principal para a voz passiva e substituir a coordenada assindética por uma subordinada adjetiva, o trecho apresentaria a seguinte configuração: o jantar foi-lhe servido por Floripes, que deixou tudo arrumado, e retirou-se para dormir no barraco da filha. O trecho “para dormir no barraco da filha” constitui uma oração subordinada adverbial final, reduzida de infinitivo

03| a) Voz passiva analítica:
Em uma recente análise, é mostrado pela revista “The Economist” que a força de trabalho foi dobrada pela entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial.

b) Voz passiva sintética:
Em uma recente análise, mostra-se que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho.

05| I. na voz passiva analítica: retorno do capital que foi investido e
II. na voz passiva sintética: retorno do capital que se investiu.

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 77)

01| E 04| A 07| A 10| E
02| B 05| C 08| C
03| A 06| D 09| D

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 83)

01| Em i, a palavra que é um pronome relativo – introduz a oração adjetiva e substitui “loucura divina” nessa oração. Em ii, a palavra que é uma conjunção integrante - serve como elo sintático, ligando as orações.

02| O Iluminismo endossou a fé na razão. Durante a segunda metade do século XVII, efetuaram-se críticas, condenações e massacres a qualquer coisa que fosse considerada irracional.

03| I. O referente do pronome se é loucura e o do pronome seu, razão.
II. Pois, porque, já que, visto que, uma vez que.

04| O verbo está concordando com características próprias.

05| ALTERNATIVA CORRETA: B

As expressões “é considerado” e “é permitido” devem concordar obrigatoriamente com o substantivo a que se referem, quando for precedido de artigo, caso contrário são invariáveis. Assim é incorreta a afirmação I, pois o substantivo “atitude” não está acompanhado de artigo, o que obriga ao uso do masculino. Em IV existe erro de análise, pois ambas as frases estão corretas, na medida em que o verbo no infinitivo exige o adjetivo masculino (“É permitido entrar na área”) e a expressão “é permitida a entrada na área” também é possível, pois a palavra entrada está determinada pelo artigo. Da mesma forma, é incorreta a afirmação V, já que a frase “Só são permitidas substituições” deveria ser substituída por só é permitido substituições para estar de acordo com as regras da gramática normativa.

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 85)

01| B 07| D
02| B 08| B
03| E 09| D
04| B 10| E
05| D 11| A
06| 01 e 32=33 12| C

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (PAG. 92)

01 E 02| Soprou-o de leve, o uso do pronome oblíquo como objeto direto é uma característica do padrão culto da língua, diferentemente da segunda oração: Será que quem manda elas... Neste caso, manda elas é um jeito próprio da linguagem falada, coloquial e popular, com o uso do pronome do caso reto no lugar do pronome oblíquo.

Para que a oração a fique igual a b: Soprou ele de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania.

Para que b fique igual a a: Será que quem as manda olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus?

02| A forma VOCÊ pode fazer referência à pluralidade de interlocutores: o próprio eu-poético, o leitor e qualquer homem que se identifique com a experiência mostrada no poema.

03| Numa panela funda, colocam-se a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixa-se ferver por 15 minutos. Juntam-se os pedaços de abóbora na calda e cozinha-se por 20 minutos. Desliga-se o fogo e deixa-se na panela por 12 horas. Depois, coloca-se em uma comoteira. Leva-se à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

ENEM E VESTIBULARES (PAG. 93)

01| A 04| B 07| C 10| B
02| D 05| A 08| C 11| E
03| D 06| B 09| B 12| A

"Conte-me e eu esqueço.
Mostre-me e eu apenas me lembro.
Envolve-me e eu compreendo."

Confúcio


**prepara
enem**



62 3877 3223 | 3877 3222



WWW.GRUPOPREPARAENEM.COM.BR

ISBN 978-85-88249-20-2




CLASSIS
EDITORA